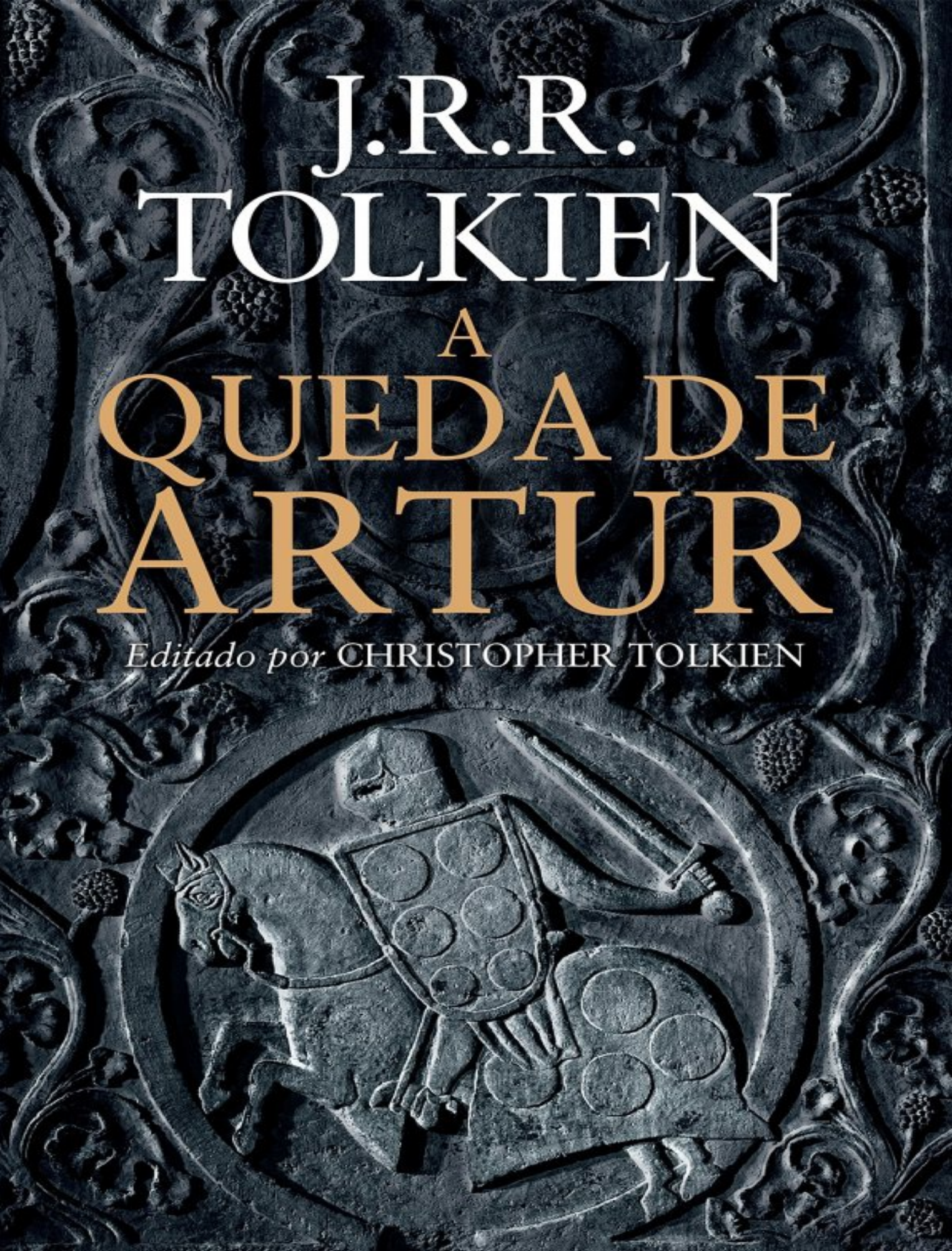
J.R.R. TOLKIEN

A QUEDA DE ARTUR

Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A QUEDA DE ARTUR

DE

J. R. R. TOLKIEN

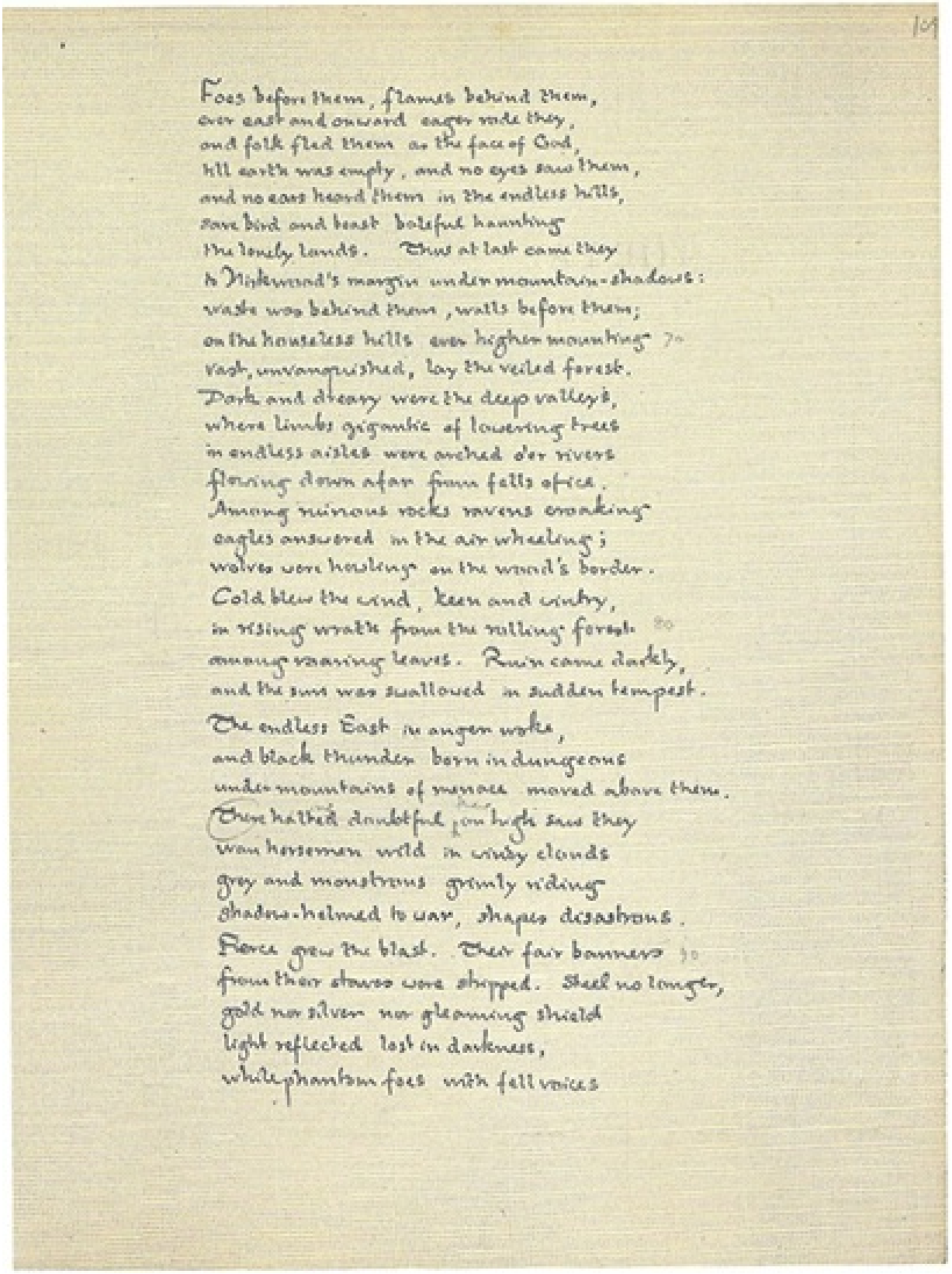
Editado por Christopher Tolkien

Tradução

RONALD EDUARD KYRMSE

wmf martinsfontes

SÃO PAULO 2013


109
Foes before them, flames behind them,
ever east and onward eager rode they,
and folk fled them as the face of God,
till earth was empty, and no eyes saw them,
and no ears heard them in the endless hills,
save bird and beast baleful haunting
the lonely lands. Thus at last came they
to Nikerwind's margin under mountain-shadows:
waste was behind them, walls before them;
on the houseless hills ever higher mounting
vast, unvanquished, lay the veiled forest.
Dark and dreary were the deep valleys,
where limbs gigantic of lowering trees
in endless aisles were arched o'er rivers
flowing down afar from falls afire.
Among ruinous rocks ravens croaking
eagles answered in the air wheeling;
wolves were howling on the wind's border.
Cold blew the wind, keen and wintry,
in rising wrath from the rolling forest
among waning leaves. Ruin came darkly,
and the sun was swallowed in sudden tempest.
The endless East in anger woke,
and black thunder born in dungeons
under-mountains of menace moved above them.
Then halted doubtful, on high saw they
wan horsemen wild in windy clouds
grey and monstrous grimly riding
shadow-helmed to war, shapes dreadful.
Fierce grew the blast. Their fair banners
from their staves were stripped. Steel no longer,
gold nor silver nor gleaming shield
light reflected last in darkness,
while phantom foes with fell voices

Versos 61-94 do Canto I da última versão do texto de

A Queda de Artur.

OBRAS DE J. R. R. TOLKIEN

The Hobbit [O Hobbit]
Leaf by Niggle [Árvore e folha (Sobre Contos de Fadas e Folha, de Migalha)]
On Fairy Tales [Sobre Histórias de Fadas]
Farmer Gil of Ham [Mestre Gil de Ham]
The Homecoming of Beorhtnoth
The Lord of the Rings [O Senhor dos Anéis]
The Adventures of Tom Bombadil [As Aventuras de Tom Bombadil]
The Road Goes Ever On [com Donald Swann]
Smith of Wootton Major

OBRAS PUBLICADAS POSTUMAMENTE

Sir Gawain and the Green Knight, Pearl and Sir Orfeo*
The Father Christmas Letter [Cartas do Papai Noel]
The Silmarillion* [O Silmarillion]
Pictures by J. R. R. Tolkien*
Unfinished Tales* [Contos Inacabados]
The Letters of J. R. R. Tolkien*
Finn and Hengest
Mr. Bliss [Sr. Bliss]
The Monsters and the Critics & Other Essays*
Roverandom [Roverandom]
The Children of Húrin* [Os Filhos de Húrin]
The Legend of Sigurd and Gudrún* [A Lenda de Sigurd e Gudrún]
The Fall of Arthur* [A Queda de Arthur]

A HISTÓRIA DA TERRA-MÉDIA – POR CHRISTOPHER TOLKIEN

I The Book of Lost Tales, Part One
II The Book of Lost Tales, Part Two
III The Lays of Beleriand
IV The Shaping of Middle-earth
V The Lost Road and Other Writings
VI The Return of Shadow
VII The Treason of Isengard
VIII The War of Ring
IX Sauron Defeated
X Morgoth's Ring
XI The War of the Jewels

XII The Peoples of Middle-earth

*Editados por Christopher Tolkien

ÍNDICE

Prefácio

A Queda de Artur

Notas sobre o texto de *A Queda de Artur*

O poema na tradição arturiana

O poema não escrito e sua relação com *O Silmarillion*

A evolução do poema

Apêndice:

Poesia em inglês antigo

Nota do tradutor

O leitor desavisado de língua portuguesa que leia o poema *A Queda de Artur*, de J. R. R. Tolkien, terá de imediato uma sensação de estranhamento. Poderão existir vários motivos para isso:

O tema – a campanha do Rei Artur contra os romanos, da qual é chamado de volta pela notícia de que seu sobrinho (ou filho) Mordred está cometendo uma traição múltipla – pode não ser fácil de compreender para quem não esteja familiarizado com a chamada "Matéria da Bretanha". Fala-se aqui do reino de Artur, situado na ilha da *Grã*-Bretanha, já que a atual Bretanha (propriamente dita) fica do outro lado do Canal da Mancha, em terras de França. Os cavaleiros da Távola Redonda, e desta a maioria dos leitores já terá ouvido falar, têm nomes que tampouco soam cotidianos: Gawain, Gareth, Gaheris, Bedivere, Lancelot, Bors e outros.

O vocabulário usado nesta tradução, que decorre do modo peculiar de versificação (explicado abaixo) e também do arcaísmo do tema, pode apresentar alguns obstáculos. Já nos primeiros versos, deparamos com palavras como *priscas*, *butim*, *alcácer*... Nada, porém, que não seja solúvel recorrendo-se a um (bom) dicionário. Pode servir de consolação o fato de que os leitores de língua inglesa tropeçarão em problemas análogos: *fanes*, *embayed*, *forwandered*.

Em relação a esse problema, vale citar as palavras de Christopher Tolkien – que na presente obra é editor do texto paterno – em sua própria tradução do islandês de *The Saga of King Heidrek the Wise* [*A Saga do Rei Heidrek, o Sábio*]:

> Na presente edição (arriscando-me ao epíteto de "bizarro") busquei uma tradução da poesia verso a verso, limitado pela imitação das métricas e dos esquemas aliterantes dos originais. [...] inevitavelmente, as exigências conjuntas da aliteração e da precisão implicaram convocar ao serviço algumas palavras que, podem alguns pensar, já deveriam ter permissão para morrerem em paz, mesmo em se tratando da tradução de poesia heroica.

Mais outro fator de estranheza será a própria forma do poema. Ele foi

composto em versos aliterantes, comuns na tradição germânica – anglo-saxã, alemã, nórdica – mas extremamente incomuns em línguas românicas, como, por exemplo, o português. No entanto, esse modo de versificação apresenta um paralelismo com os versos rimados aos quais estamos mais afeitos. Uns e outros são como são porque eram originalmente (na Idade Média) declamados, não escritos, pelos menestréis ou bardos, que usavam recursos fonéticos para ligar os versos entre si e proporcionar um sentido de continuidade aos ouvintes. Simplificando: na poesia em rimas são geralmente sons *vocálicos* que se repetem entre um e outro *fim* de verso, enquanto na aliteração são as *consoantes* que se repetem *dentro* de um mesmo verso. Essas consoantes são as que iniciam as sílabas tônicas de três palavras, canonicamente duas no primeiro hemistíquio (meio verso) e uma no segundo. Podem aliterar entre si formas surdas e sonoras da mesma articulação (p. ex., *f* com *v*, ou *s* com *z*), e em português convencionase que também aliteram *r* com *rr*, *l* com *lh*, *n* com *nh*. Ademais, qualquer vogal alitera com qualquer outra (e com *h*, nas línguas germânicas). Estes versos podem servir de exemplo dos dois modos:

A rima marca bem o fim do v**erso**
Pra que não fique o leitor disp**erso**.

Ali**t**eram as **t**ônicas repe**t**indo os sons
Mas **u**mas às **o**utras fazem **e**co as vogais.

Nesta versão de *A Queda de Artur*, os nomes de pessoas e lugares foram mantidos com a grafia e o acento tônico do texto original em inglês moderno. Pessoas: *Guìnever(e)*, *Làncelot*, *Mòrdred*, *Gàwain*. A exceção é *Artùr*, nome comum em português e bem conhecido pelas referências ao "Rei Artur", portanto aliterando em *t*. Lugares: *Càmelot*, *Bènwick*, *Àlmain*, *Àngel*, *Ròmeril*. A exceção é *Floresta das Trevas*, nome que foi traduzido por dois motivos:

1. O significado do nome fica mais explícito quando vertido.
2. *Floresta das Trevas* [em inglês *Mirkwood*] designa no poema a grande "selva germânica", ainda existente em tempos medievais, mas é também o nome da mata que existia na Terra-média, o continente imaginado por Tolkien em sua mitologia (nas Terras Ermas, entre os rios Anduin e Corrente). *Mirkwood* foi traduzido por *Floresta das Trevas* em *O Senhor*

dos Anéis e *O Hobbit*. *Mirk* é uma palavra arcaica para "escuridão, treva". Mantém-se dessa forma a coerência interna na obra do autor.

Esteja, pois, alertado o caríssimo leitor. Seu equivalente anglófono poderá também encontrar motivos para estranhamento ao ler *The Fall of Arthur*. Minha esperança é que as ideias, e principalmente as emoções, sejam evocadas de modo semelhante em um e em outro.

RONALD E. KYRMSE

PREFÁCIO

PREFÁCIO

Todos sabem que uma força importante na poesia de meu pai era seu amor permanente pelos antigos versos aliterantes "setentrionais", que se estendiam do mundo da Terra-média (especialmente na longa mas inacabada *Balada dos Filhos de Húrin*) ao diálogo dramático *The Homecoming of Beorhtnoth* [O Retorno de Beorhtnoth] (que surgiu do poema em inglês antigo[a] *A Batalha de Maldon*) e aos seus poemas "nórdicos antigos" *A Nova Balada dos Völsungs* e *A Nova Balada de Gudrún* (aos quais se referiu em uma carta de 1967 como "coisa que fiz muitos anos atrás quando estava tentando aprender a arte de escrever poesia aliterante"). Em *Sir Gawain and the Green Knight* [Sir Gawain e o Cavaleiro Verde] demonstrou sua habilidade ao reproduzir o poema aliterante do século XIV na mesma métrica em inglês moderno. A essas obras, acrescenta-se agora seu poema inacabado e inédito *A Queda de Artur*.

Consegui descobrir uma única referência a esse poema feita por meu pai, que está em uma carta de 1955, onde ele disse: "Escrevo poesia aliterante com prazer, apesar de ter publicado pouca coisa além dos fragmentos em *O Senhor dos Anéis*, com exceção de *The Homecoming of Beorhtnoth* [...] Ainda espero terminar um longo poema sobre *A Queda de Artur* na mesma medida" (*The Letters of J. R. R.Tolkien*, no 165). Entre seus papéis não há nenhuma indicação de quando foi iniciado ou quando foi abandonado; mas felizmente ele conservou uma carta que lhe foi escrita por R. W. Chambers em 9 de dezembro de 1934. Chambers (professor de inglês no University College, Londres), que tinha dezoito anos a mais do que ele, era um velho amigo e vigoroso apoiador de meu pai, e nessa carta relatou que havia lido *Artur* em uma viagem de trem para Cambridge, e na volta "tirou vantagem de uma cabine vazia para declamá-lo como ele merece". Falou do poema em tom altamente elogioso: "É de fato muito grandioso [...] realmente heroico, sem falar do seu valor em mostrar como a métrica do *Beowulf* pode ser usada no inglês moderno." E terminou a carta com: "Você realmente *precisa* terminá-lo."

Mas isso meu pai não fez; e mais um dos seus longos poemas narrativos foi abandonado. Parece praticamente certo que havia parado de trabalhar na *Balada dos Filhos de Húrin* antes de deixar a Universidade de Leeds rumo a Oxford, em

1925, e registrou que começara a *Balada de Leithian* (a lenda de Beren e Lúthien), não em versos aliterantes e sim em dísticos rimados, no verão daquele ano (*The Lays of Beleriand* [As Baladas de Beleriand], p. 3). Além disso, enquanto estava em Leeds, começou um poema aliterante sobre *A Fuga dos Noldoli de Valinor*, e outro ainda mais curto que era claramente o começo de uma *Balada de Eärendel* (*The Lays of Beleriand*, §II, *Poems Early Abandoned*).

Sugeri em *A Lenda de Sigurd e Gudrún* (I) "como mera conjetura, já que não há nenhuma evidência para confirmá-lo, que meu pai tenha se voltado para os poemas nórdicos como uma nova empreitada poética [e uma volta à poesia aliterante] após ter abandonado a Balada de Leithian [...] perto do final de 1931". Se foi assim, ele deve ter começado a trabalhar em *A Queda de Artur*, ainda longe de estar terminada no final de 1934, depois que os poemas nórdicos foram concluídos.

Ao buscar uma explicação para o fato de ele ter abandonado esses poemas ambiciosos quando cada um deles já estava bem avançado, devemos examinar as circunstâncias de sua vida após ser eleito professor de anglo-saxão em Oxford, em 1925: as demandas de seu cargo e de sua bolsa de estudos, as preocupações, ansiedades e despesas da família. Como aconteceu em grande parte de sua vida, ele nunca tinha tempo suficiente; e talvez, conforme tendo a crer, o sopro da inspiração constantemente interrompida acabasse por murchar; porém, emergia de novo quando aparecia uma brecha entre seus deveres e obrigações – e seus outros interesses, mas agora com um ímpeto narrativo alterado.

Sem dúvida houve, em cada caso, razões específicas, que agora não podem ser identificadas com nenhuma certeza; mas no caso de *A Queda de Artur* sugeri (O POEMA NÃO ESCRITO) que foi levado a encalhar pelas grandes alterações de maré por que passavam na época os conceitos de meu pai, derivadas de seu trabalho em *The Lost Road* [A Estrada Perdida] e da publicação de *O Hobbit*: o surgimento de Númenor, o mito do Mundo Tornado Redondo e da Rota Plana, e a aproximação de *O Senhor dos Anéis*.

É de supor também que a própria natureza deste último poema, primoroso, tornava-o particularmente vulnerável a interrupções ou perturbações. A espantosa quantidade de material de rascunho remanescente de *A Queda de Artur* revela as dificuldades inerentes a esse uso da forma métrica que meu pai apreciava tão profundamente e seu empenho rigoroso e perfeccionista em encontrar, numa narrativa intrincada e sutil, uma expressão adequada dentro dos padrões de ritmo e aliteração da forma poética do inglês antigo. Para mudar a

metáfora, *A Queda de Artur* era uma obra de arte a ser construída devagar: não podia suportar o surgimento de novos horizontes imaginativos.

Independentemente do que se possa pensar dessas especulações, *A Queda de Artur* necessariamente acarretou para o editor problemas de apresentação. Pode ser que alguns, ao se voltar para este livro, se contentassem com pouco mais que o texto do poema conforme aqui publicado, e talvez um breve relato das etapas de sua evolução, tal como atestadas pelos abundantes manuscritos de rascunho. Por outro lado, talvez houvesse outros que, levados ao poema atraídos por seu autor, mas com poucos conhecimentos da "lenda arturiana", desejassem e esperassem encontrar alguma indicação da situação desta "versão" com relação à tradição medieval da qual surgiu.

Como eu disse, meu pai não deixou nenhuma indicação, nem mesmo das mais breves, como fez para os poemas "nórdicos" publicados como *A Lenda de Sigurd e Gudrún*, de suas ideias ou intenções subjacentes ao tratamento muito original que deu à "Lenda de Lancelot e Guinevere". Mas neste caso claramente não há razão para penetrar no labirinto numa tentativa editorial de escrever um relato abrangente da lenda "arturiana", o que provavelmente apareceria como um muro de impedimento erigido como se fosse um preliminar necessário à leitura de *A Queda de Artur*.

Portanto, dispensei toda "Introdução" propriamente dita, mas depois do texto do poema incluí diversos comentários de natureza decididamente opcional. As breves notas que seguem o poema restringem-se em grande medida a explicações muito concisas de nomes e palavras, e a referências aos comentários.

Para os que desejam essas explorações, cada um desses comentários diz respeito a um aspecto bem distinto de *A Queda de Artur* e de seu interesse especial. O primeiro, "O poema na tradição arturiana", de intenção simples, evitando interpretações especulativas e de alcance limitado, embora um tanto extenso, fala sobre a derivação do poema de meu pai de determinadas tradições narrativas e de suas divergências com relação a elas. Com esse objetivo, baseei-me principalmente em duas obras em inglês, o poema medieval conhecido como *A Morte Arthure* aliterante e os contos relevantes de Sir Thomas Malory, com algumas referências às suas fontes. Como não desejava fornecer um resumo seco, citei textualmente diversos trechos dessas obras, exemplificando aquelas tradições de maneira e modo profundamente diferentes desta "Queda de Artur aliterante" de outra época.

Depois de muito deliberar, achei melhor, por causar bem menos confusão, escrever esse relato como se a forma mais recente do poema (conforme publicado neste livro) fosse a única coisa que pudéssemos saber a seu respeito, e portanto a estranha evolução dessa forma revelada pela análise dos textos em rascunho tivesse sido perdida. Não julguei necessário entrar nas origens sombrias da lenda arturiana e nos primeiros séculos de sua história, e aqui direi apenas que é essencial à compreensão de *A Queda de Artur* reconhecer que as raízes da lenda são derivadas do século V, após o final definitivo do domínio romano na Grã-Bretanha com a retirada das legiões em 410, e das lembranças de batalhas travadas pelos britânicos na resistência contra as ruinosas incursões e agressões dos invasores bárbaros, os anglos e os saxões, estendendo-se desde as regiões orientais de sua terra. Deve-se ter em mente que em todo este livro a palavra *britânico(s)* refere-se específica e exclusivamente aos habitantes celtas e seu idioma.

Seguindo-se a "O poema na tradição arturiana" há uma discussão sobre "O poema não escrito e sua relação com *O Silmarillion*", acerca dos diversos escritos que dão algum indício das ideias de meu pai sobre a continuação do poema; e depois um artigo sobre "A evolução do poema", essencialmente uma tentativa de mostrar da maneira mais clara possível, apesar da história textual extremamente complexa, as principais mudanças estruturais a que me referi, ao lado de vários exemplos de seu modo de composição.

Nota. Em todo este livro, as referências ao texto do poema são dadas na forma de número do canto (algarismos romanos) + número do verso, p. ex. II.7.

---

[a] Ou anglo-saxão. (N. do T.)

A QUEDA DE ARTUR

I

Como Artur e Gawain foram à guerra e cavalgaram rumo ao leste.

Artur partiu ao oriental combate
e trava batalha em terras selvagens,
nas vagas navega, atravessa até os saxões,
do reino de Roma a derrota quer evitar.
Pra voltar atrás do tempo a maré
a esperança o carrega, os hereges derrotar
que com naus inúmeras nunca mais assediem
as praias compridas, as priscas águas
nem tenham butim da Bretanha, sua ilha.
Como a terra que tênue se torna no outono
e o sol que descendo se assenta no poente
sob neblina sombria, obriga-se o homem
a fadiga e andança, que abundante corre
o sangue sob o sol, abrasada a alma,
após glória prolongada, para um golpe final
de amor-próprio e provas, para em prática pôr
a vontade constante combatendo a sina.

A sina tecida maliciosa o impele,
e Mordred com seu mal a mente endurece,
diz que sábia é a ação e a paciência é loucura.
“Abatamos seus templos, suas torres deixemos
rompidas, em pó, os portos queimados,

e em meio à marcha armada, as ilhas
do reino de Roma encerradas em fumaça
do fogo que vinga! Muito vale tua mão,
eis tua fortuna – conquistar e vencer!
E a Bretanha ditosa, o teu amplo reino,
eu a levo ilesa, té que logo retornes.
Fiel tu me achas. Que ouse adversário
deflagrar aqui guerra ou pegar as muralhas
da terra verde entre as vagas, vivo estando Artur,
se no leste o lobo em lúgubre selva,
assediado, rendido, vai dar sua vida."
Assim mesmo diz Mordred, e muito o louvam,
nem engano nem engodo Gawain suspeita
neste ousado conselho; anseia por guerra,
pois no ócio seu olho inda vê o mal
que a Távola Redonda outrora rompeu.

Partiu, pois, Artur à oriental guerra,
e batalhas despertaram em terras selvagens.
Castelos e templos de gentios reis
sua potência ataca, com vitória marchando
das fozes do Reno por reinos infindos.

Sente falta de Lancelot; Lionel e Ector,
Bors e Blamore ao combate não vêm;
mas senhores de renome permanecem com ele:
Bediver e Baldwin, Brian da Irlanda,
Marrac e Meneduc dos montes e torres;
Errac e Iwain de Urien da linhagem
que rei foi em Reged; poderoso Cedivor

da soberana o parente, o rápido Cador.
Gawain é grande, cuja glória aumenta
quando os tempos se toldam, é justíssimo e audaz,
entre valentes cavaleiros desde logo provado,
socorro e alcácer na queda do mundo.
Qual investida derradeira de cidade cercada
engaja-os Gawain. Como gaia trombeta
voa sua voz avante de Artur;
como lâmpada que reluz sua lâmina empunha
bem mais que os primeiros, como marca de raio.

Adversários à frente, as flamas os seguem,
avante, ao levante cavalgam ávidos,
todos fogem já deles como da face de Deus,
nas plagas sem povo não espia um só olho,
nem há ouvidos ouvindo nas infindas colinas,
só feras e aves que andam nos fundos
das terras solitárias. Atingem por fim
a riba cerrada da Floresta das Trevas:
solidão atrás, paredões à frente;

em desabitados outeiros altíssima está
vasta, invicta, sob um véu a floresta.
Trevosos, severos são os vales profundos,
dão medo as imensas ramadas das árvores
em renques correntes sobre os rios curvadas
que correm nos declives dos cômoros de gelo.
Clamam os corvos nas encostas de rocha,
fazem eco as águias que no ar volteiam;
os lobos ululam circulando a mata.

Frio é o vento, o inverno o sopra,
percorrendo em furor a floresta infinda
onde as folhas farfalham. Com força vem a chuva,
e o sol se dissolve em súbita tormenta.

Lá longe o Leste se eleva em ira,
e o pavor do trovão, provindo dos cárceres
dos montes que intimidam, se move acima.
Detêm-se em incerteza, nas alturas enxergam
níveos ginetes em nuvens de vento
com rigor cavalgando, gris, monstruosos,
capacetes de sombra, desgraçadas formas.
A trombeta os abala. As belas bandeiras
dos mastros desmontam. Não mais o aço,
nem ouro, prata alva, aba de escudo
refletindo centelha que na treva se perde,
pois inimigos fantasmáticos com desumanas vozes
se amontoam na treva. Alteia a voz Gawain

e brada qual trombeta. Brilha seu grito
que rola nas rochas onde ruge o vento
e o trovão revolto: "Vamos, à guerra,
ó hostes em ordem, que o ódio proclamam!
Nem sombras nocivas nem adversário tememos
dos montes do medo que demônios assombram!
Escutai, outeiros, nas trevas a mata,
ó tronos estranhos de antigos deuses,
domínios imensos, tremendo escutai!
Do ocidente vem batalha que não teme o vento,
enérgico anelo que a névoa não detém;

capitão das tropas, nas trevas a luz,
ao levante cavalga Artur!" Vibram ecos.
Ecoam as encostas na calma do vento
rebatendo "Artur".
A tarde chega
com a lua rolando lenta nas névoas
revoltas de vento no vasto céu,
onde restos de borrasca enredam os astros.
Fogos refulgem, frágeis línguas d'ouro,
sob geladas colinas. No dilúculo imenso
cintilam qual fantasmas, da terra se erguendo
como obras de elfos na erva do outono
ocultados dos mortais em outeiros secretos,
as tendas de Artur.
O tempo passa.
Vem o dia medonho, toldada manhã

luzindo sem sol nos cerros obscuros;
no alto os uivos do ar perecem.
Prevalece o silêncio. Dos valões profundos
boiam as brumas desdobrando-se acima;
fumos sem forma afundam, úmidos,
os morros sob o firmamento, imanes lugares
num mar sem limite imergem e somem.
Árvores erguem-se, contraídos seus braços,
como erva sob a água onde a onda não alcança,
ameaçam no nevoeiro os homens errantes.
Insensíveis os corações do exército acampado
na beirada da horrível Floresta das Trevas.

Pressentem a selva nas incertas brumas;
apagaram as fogueiras. Agarra-os o pavor,
miram e medem esse mundo de sombras
insólito, desconhecido, e silenciam.

Afastada e débil, quando a tarde cai,
distinguem trompa que treme nos morros,
solitária, como atônitas rejeitadas vozes
no meio do mar. Mais e mais se aproxima.
Já escutam cascos, reclama um cavalo,
sinal das sentinelas. A agonia encontrou-os.
Com asas urgem do oeste as novas
que a guerra é chegada à Grã-Bretanha.
Eis! Cradoc os alcança, buscando o rei

por trilhas fatais seu roteiro seguindo,
das fozes do Reno por reinos infindos
cavalgou com rigor. Nem as grandes sombras,
nada, nem névoa, seu denodo deteve.
Magro e faminto, desmonta do cavalo
contando a Artur notícias ruins:
“Demais te demoras remoto da tua terra!
Empenhas-te em prélios com povos bravios
no leste desolado, e líderes agora,
suas naus unidas, danosas, velozes,
agruparam em portos e praias secretas.
Navegam nas vagas trevosos dragões;
nas costas sem socorro os escudos rebrilham
e conduzem bandeiras ao dobro de trompas.
Selvagens os ventos dos rivais na Bretanha!

Yorkrodeada, traída Lincoln;
em Kent, crê tu, a costa arde.
Montado enfrentei obstáculos, muitos,
nas tormentas do mar consumi minhas forças,
da perfídia te falo. Não te fies em Mordred!
Recebe adversários, falseia confiança,
celebra aliança com ilustres de Lochlan,
com Almain e Angel anda tramando,
arranca-te o reino, a coroa quer tomar
com mãos do mal. Marcha ao oeste!”

*

Por um tempo Artur, incontido de ira,
calou em silêncio. A veloz fortuna
se volve perversa. Em vinte batalhas
combateu, conquistou, rebateu inimigos.
Sua mão fez humildes os comandos pagãos.
Do alto do ânimo foi íngreme a queda,
predizendo no coração o desastre de sua casa,
o mundo costumeiro desmonta-se e acaba,
voltou-se contrária do tempo a maré.

Depressa então pede que opine Gawain,
sábio em conselho. Acerbas suas palavras;
contou-lhe todas as notícias ruins.
“Falhando-me Lancelot, isolado estou,
e fazem-me falta as fortes espadas
Da família de Ban. É bom, me parece,
que requisites auxílio, pra que sirvam de novo

ao potentado de outrora. A quem trai-nos assim
nos oporemos poderosos, com coragem voltando
a oprimir Mordred com imenso vigor."

O grave Gawain agora responde:
"A mim agrada mais que a família de Ban
habite em Benwick, a baixa traição
não mais confirmando – temendo o pior:
os amigos demonstram ser inimigos.

Se Lancelot é resoluto, fidelíssimo de intuito,
que prove que se arrepende, deponha a soberba,
e venha sem convite quando convém ao rei!
Mais aprovo com poucos, que probos sejam,
enfrentar batalha, do que com hesitantes espadas
e escudos riscados de cábulas vassalos
empolar-nos as fileiras. Não há lá bastante?
Se juntares tropas em todo o Mundo,
mortais ou imortais, da florestal beira
à Ilha de Avalon, hostes sem conta,
nunca e nenhures senhores mais bravos,
melhores cavaleiros de melhor renome,
homens de mais honra sob o amplo céu
vão reunir-se de novo até o final juízo.
Aqui franca e fina é a flor do tempo,
que os livres a relembrem ao longo dos anos
qual verão dourado no feroz inverno.
E Gawain te guia. Que nos guarde Deus
auspiciosos parceiros, corações unidos,
pois percorre nossos corpos aquele mesmo sangue,

Artur, tu e Gawain! Mais tétricos males
já fugiram longínquos que juntos enfrentamos.
Na prontidão acredita! Se perdura o ódio
e conselhos incertos aprecia em segredo,
raivosos como o vento vamos rumo ao oeste
navegando o grão-mar com vingança repentina!”

*

II

Como o navio frísio trouxe notícias, e Mordred reuniu seu exército e chegou a Camelot em busca da rainha.

Voam ares atros sobre águas profundas,
do sul sopram a solta espuma,
um mar clamante, imenso, revolto,
morros espumantes, monstros de trovão.
O palor da lua no lúgubre mundo
entre nuvens transtornadas rumo ao norte flutua.

De França vem, voa, um navio veloz,
com figura de dragão ligada à proa,
encapado em preto, pulsa no mar,
fera selvagem pelas vagas caçada
entre cães sequiosos. Os cornes do vento
falam de seu desfecho. Confusas as vozes
pedindo aos deuses acudi-los ali,
as madeiras despedaçam-se, perdida está a nau
nos morros do mar. Ilumina a lua

arregalados olhares nos lívidos rostos
dos que miram a morte. Submete-os o destino.

A mente de Mordred caminha, ao despertar,
por causas obscuras, secretas, profundas.
Alto, no oeste, olha pela janela:

vai nascendo incerto o embaçado dia,
num luzir cinzento disfarçado nas nuvens.
Nas muralhas de rocha vai correndo o vento;
o mar murmura, remói e reflui.
Não ouve nem olha: seu íntimo retorna
ao infindo cativeiro aflito de desejo,
à elegante Guinever, com garbo dourado,
formosa e temível qual mágica fada
que caminha no mundo pra tormento dos homens
e não lança lágrimas. Avassalar ele pode
torres e tronos, não abater essa ideia.

Feliz na saleta, em leito de prata
em macios travesseiros de seda ela dorme,
os trançados soltos, em sussurros respira
e vaga envolta no perfume dos sonhos,
não se arrepende, sem pena, não a pica dor nenhuma,
na cômoda corte de Camelot é rainha,
desamparada soberana. A aragem sopra fria.
Ele dorme em leito estéril. Fantasmas negros

de desejo insaciado e insólita fúria
assaltaram-lhe a vontade na matina enfadonha.

Ele escala escada que corre íngreme
aos muros de ameias bem formadas de pedra.
Sobre o mundo que lamenta e desanimado desperta
ele inclina-se em escárnio, sem gota de lágrima.
Cantam os galos. Soam gritos no portão.
Os servos o exigem, passando em silêncio,

no cômodo e na alcova buscando depressa.
O ávido Ivor, fiel escudeiro,
o encontra na escada, quieto à porta:
“Por que passeias a sós? Vem descendo, senhor!
Há notícias pra ti! O tempo que resta
Para espera não presta. Aporta um navio!”

Mostra-se Mordred, e tremendo contemplam
seu rosto moreno escorrendo de água;
cabeleira que o ar leva, palavras ásperas:
“Meu castelo de fidalgo inundais com ralé
porque vem um navio que foge da tormenta?”
Ivor reata: “Tuas ordens obedece,
vindo de França, o frísio capitão,
nas asas do ar, honra sua palavra,
desafia os fados. Os fados venceram.
Repousa rompida na praia sua nau;
no limite da morte ele demora-se ainda.

Os demais estão mortos.” No começo do dia
esse rubro pirata dos dourados anéis
fez entrega ao patrão na trilha do inferno;
não deseja remissão nem confessor tampouco,
as notícias derradeiras deu a seu senhor:
“O mesquinho Cradoc escapa rumo ao rei,
rói tua rede e rápido foge
rumo ao este, a Almain, em hora certa,
leva notícia da Bretanha. Faltou-te conselho;
a Artur tudo está relatado,
teus atos, teus alvos. Sua ira é atroz,

já se volta e vem, convoca a tropa,
das raias de Roma como borrasca retorna.
Nove mil e mais do mar se aproximam;
seus navios navegam nas vagas do norte,
em Whitesand as águas se enchem de barcos,
martelos de carpinteiros, gritar de marujos,
arneses tinindo, ginetes às pressas,
clamor e tumulto. Muito cuidado!
Decorando as muralhas penduraram escudos,
brasões de sangue predizendo guerra.
Se armam com as ondas e a ira do vento;
há equipes de cães rebocando as naus
com cordas e cabos. À caça no leste!"

Radbod, o Rubro, pirata destemido,
fiel ao ódio, de ânimo pagão,

morreu, foi seu rumo. A aurora é escura.
Ao mar o remetem, sem temer por seu espírito
que anda pelas águas, uma alma sem lar.

O vento selvagem voa pelo oeste.
Estandartes desfraldados, maldito corvo negro
é o brasão que exibem. Sopram as trompas,
rangem couraças, os rinchos dos cavalos
nos gelados valões das colinas ressoam.
Mordred já marcha; muitos mensageiros
ao norte e ao leste as novas já levam
ao longe por Logres. Cavaleiros e chefes
convida a virem, convoca depressa

em memória do juramento, a Mordred fiéis,
certos na hipocrisia, adversários de Artur,
fortes na perfídia, fáceis de comprar,
sectários da fortuna, flibusteiros
de Erin, de Alban, do este de Sassoin,
de Almain e Angel e das ilhas da névoa;
os corvos da costa e dos crus pântanos.

Ele acode a Camelot, buscando a rainha.
De seus pés os passos às pressas ela escuta
que escalam a escada machucando os degraus.
Ele alcançou seus aposentos. Abrasados os olhos,
à porta se posta, espia soturno.

Ela ali em silêncio, calada e imóvel,
parada no peitoril. Raia baço o dia
nas tranças que ela traz com contraste d'ouro.
Como ondas do oceano são seus olhos cinzentos;
gelados, translúcidos, seu olhar desafiam,
impõem-se sem pena. É pálida a face,
seu coração falseia, como se amansasse cães
que seguem seu passeio e com siso andam
enquanto um lobo violento a seu lado caminha.

Disse então Mordred, de humor sorridente:
"Ó Dama da Bretanha! Faz tempo que vives
em dias de abandono, solitária, sem amo,
soberana sem rei, sem barulho na corte
de cavaleiros valentes. Falei, não terás
nunca mais no mundo tormento de ócio

nem momento sem amor. Nem menos que rainha,
confundidos teus dias, vais perder tua glória,
nem que a sorte oscile – se o certo escolheres.
Um rei, querendo-te, sua coroa compartilha
e te manda amor, amante fiel."

A grave Guinever não guarda a resposta:
"A coroa te arrogas, soberano te dizes –
é um empréstimo apenas do que te pôs aqui,
que vive e governa, nem que a volta tarde.

Agradeço que me consideres e dediques serviço,
pois tal cabe, creio, de um caro sobrinho
à rainha de Artur." Seus olhos tremem,
ele a põe ao pé dele, empolga-se e a toma.
Ele é gárrulo e grave – Guinever estremece:
"Empenhado no norte, nunca mais
Artur vai voltar a esta terra, sua ilha,
nem Lancelot do Lago que relembra o amor
para teus galanteios! O tempo já muda;
regredindo o ocidente, com poder vem um vento
do leste que se nobilita. Desfalece o mundo.
A preamar já aumenta oprimindo as águas.
Refalsado ou sincero, o audacioso é quem pode
navegar os escolhos, arrancar da ruína
o poder e a grandeza. Minha ideia é essa.
Prisioneira ou monarca, permaneces a meu lado,
querendo ou não querendo, capturada ou esposa.
Eu tomo esta fortuna antes que as torres desmoronem
e tombem os tronos; vou fartar primeiro a sede.

Com coroa dourada serei rei depois."

No frio âmago a rainha inda medita,
é prudente, mas teme; espantada finge estar,
vai falando cautelosa, seu silêncio rompendo:
"Tu demonstras amor, o que muito me admira,
e topo contigo, que cortejas e insistes;

preciso pensar na súbita proposta!
Peço a ti, dá-me tempo e um tanto de fôlego
se a resposta me pedes! Se está perto Artur,
em perigo estarei. Mostrarás uma prova
que empenhas combate e disputas o reino
em meio ao tumulto? Prometo aceitar-te
depressa se o cumprires." Com despeito ele ri:
"Estás presa, não podes ter prova de poder
enquanto eu for conde ou quando for rei.
és noiva ou prisioneira? Faze o anúncio depressa!
Hoje, inda hoje, teu juízo espero,
nada mais eu permito." Caminha e se vai.
Depressa precipita seus pés que ecoam
no piso de pedra com passos largos.

A noite vem inerte. Um nu crescente
revela-se, vivo, das trevosas nuvens,
farrapos de borrasca, e em arena de estrelas
nada em bonança. Frenéticos cavalgam
combatentes montados com estrépito de cascos,
ponteadas de aço prateadas lanças.
A léguas dali num valão profundo

luzes claras de Camelot enfraquecem e apagam;
as terras distantes espreitando, e as matas
e estradas de trevas. Sua trilha é de medo.
Revelou-se o lobo patrulhando no bosque,

e a caça oculta escapa da tocaia,
de medo tomada do inimigo fugiu,
caçada e acossada, insigne outrora,
recompensa do combate de nobílimos cervos
com força de feras. Enfim escapa
Guinevere com graça em grão manto cinzento,
ocultada em trevas, fugitiva da corte.
São poucos os probos que apoiam sua pressa,
homens que a acudiram em outros dias,
quando trilhou de Leodegrance até Logres,
noiva rumo ao noivo, adornada de ouro,
na jactância matutina de Artur, o possante.
Ao ermo país, a ocas torres
onde Leodegrance solene, há longos anos,
na Távola Redonda festins celebrava,
ela corre à casa, no cru refúgio,
ocultando-se hesitante. No triste coração
relembra a Lancelot, que de longe ouça
da dor e andança da contendora do lobo.
Se caísse o rei, e rissem os corvos,
ele viria socorrê-la, régia dama,
em resgate com garbo? Da desgraça talvez
nascesse o prazer, a doçura de Guinevere,
e não Mordred somente, arrumasse a sorte

pra voltar em seu intuito do tempo a maré.

*

III

De Sir Lancelot, que habitava em Benwick.

No sul, passando do sono à fúria,
monta tormenta, caminha para o norte
sobre amplas águas, com alto trovão
e cheia de chuva agita-se e avança.
Os morros e montes de espumantes topos
remexem-se em tumulto nos mares revoltos.
Nas praias de Benwick ribombam as ondas,
trituram gigantescos, crepitantes rochedos
com ira de ogros. O ar é sal,
com espuma e respingos dispersos em vapor.

Lancelot ali, sobre léguas de mar,
em vista revolta de elevada janela,
contempla e pondera, meditando a sós.
A treva se estende. Angustiado ele está.
Traiu seu amo, aliado à paixão,
rejeita a paixão, rechaça-o ainda o amo;

refugam-lhe a fé, ao que a fé traiu,
por milhas de mar do amor separado.

Sir Lancelot do Lago, Lorde de Benwick,
outrora de Artur o mais distinto cavaleiro,
com forma de rei entre filhos de reis

tido por intrépido, combatendo com armas,
a todos suplantando, de ardente coração;
entre lordes de beleza revelada como flor
famoso e renomado, o mais formoso de rosto,
com vigor e graça, agudo como aço.
Branca tez tem ele; pretíssimos cabelos,
Escuros e faiscantes; escuros os olhos.
Grande é Gawain, grande como o sol d'ouro,
mas o cenho faz sombra ao cinza dos olhos;
sua vida é severa. Visto por todos
como igual, quase, não o queima a inveja,
é justo e elogia protegidos e rivais,
mas premia com amor somente o seu amo;
não louva ilustre mulher nem homem
tanto quanto a Artur. Todos os dias
observando desconfia, duvida da Rainha
que em sombra cinzenta vai desperdiçar sua glória.

Só com Lancelot mesmo ela se deleita em amor,
em sua grande glória tem gozo e prazer.

À amada, a ninguém mais, seu amor ele dá;
não louva ilustre mulher nem homem,
só Guinever lhe é cara: só a glória acata
de ilustre cavaleiro que ao lado da senhora
conserva no coração. É sério seu intento;
foi constante muito tempo a Artur, seu senhor,
na Távola Redonda, altiva e real,
príncipe de brios, cumprindo o dever
pra ama e Rainha. Mas ai! prata fria

ou o ouro com que ela, de ávido coração,
adorna seus dedos, considera mais belo;
é muito mais formoso o que aos montes guarda
escondido nas trevas. Adora-o, pois,
com amor sem amarras a inclemente senhora,
formosa e mágica, temível fada
que caminha no mundo pra tormento dos homens.
O destino a instiga. Ela o tem por belo,
tomando-o nas mãos como mero ouro e prata.
Prateada e d'ouro, matutino sol,
fascina sua risada, e seu súbito pranto
molhado de lágrimas, sutilíssimo veneno,
arde como aço. Altas juras romperam eles.

Com humor amargo Mordred observa-os
entre inveja e ódio vil, fé e tormento.
Assim o mal surge, e a sombra obscura

como nuvem negra inunda a corte
e, lenta, dilui a luz do dia.
Em hora de azo foi Agravain
chamado à morte, o da mão dura –
tombou junto à porta – bem o queria Gawain.
Irmãos afirmados mexem as espadas
e a Távola Redonda foi toda partida
por lâminas geladas na luta pela Rainha.
Com dura justiça tomam a Rainha,
a formosa e mágica mandam à fogueira,
à morte inclemente. Mas a morte esperou.
Ali chega Lancelot, relâmpago veloz,

trovão que cavalga, fogo indômito,
em assédio súbito, assalta sem pena,
derruba e arrasa caríssimos amigos,
como moitas que a tormenta inclemente arranca.
Gaheris e Gareth, de Gawain os irmãos,
pelo fogo desfeitos como o fado quis.
Do fogo a salvou, levou-a para longe;
e tomados pelo medo não se animaram a segui-los;
pois a gente de Ban em combate protegeu-o.

Sua raiva rareia, o irado esmorece,
seu humor míngua. Demora a afligir-se,
arrependido do dano da Redonda Távola.
Engole o orgulho, renegando a audácia

que mata os amigos e mina a confiança.
Saudoso da simpatia de Artur, seu senhor,
quer outra honra na ânsia do coração,
restaurar a soberana, amparado pelo rei,
reassentá-la em seu estado. Estranho ela o vê,
não mais o mesmo, por mal súbito.
O combate ela suporta se pode ter o que quer,
se a vida e o afeto satisfeita mantiver
pra usar como deseja enquanto subsiste o mundo;
do exílio a sós ressente-se ela deveras,
e de perder a grandeza da existência pelo amor.
Despedem-se com pena. Com brasas na voz
ela injuria sua ferida explorando-lhe a vontade.
Seu pesar a atraiçoa, a ambição se frustra;
o sol reluzente de súbito é sombra

agitada na treva. Estranha pareceu a ele,
não mais a mesma. Junto ao mar ele para
como pedra esculpida, desespero cinzento.
A despedida foi dor. O perdão ela encontra
com arrimo do rei, amparada pelos homens,
pra que pior não haja, ímpia guerra,
contenda de cristãos, nem festim de corvos.
À corte de Camelot a acolhe por rainha
grande, com glória. A graça de Artur
ele procura e não alcança. Recusam sua espada.
Nessas mãos nunca mais com firmeza fiel

depõe sua espada, repousa a cabeça
do lorde Lancelot, longe do amor,
pedindo perdão, a vaidade humilhada.
Sem nada de ternura, banido da terra,
da Távola Redonda, sociedade real,
e da cadeira altiva em que outrora se assentava
afastou-se triste. Todo o mar salgado,
cinzento, atravessou.
O pesar Artur conheceu
no seio do coração; pareceu-lhe a casa
minguada em alegria, estragado o contentamento,
perdendo o mais distinto capitão na carência.
Não sai a sós para sua terra
além do mar Lancelot. Os lordes de sua gente
são muitos, comandam. Nos seus mastros tremulam
os emblemas de Blamore e de Bors, o forte,
de Lionel, Lavain, do galante Ector,

o mais novo de Ban. Tomam nau para Benwick
e abandonam a Bretanha. Em batalha nunca mais
conduzem bandeiras acudindo a Artur,
mas nas torres de Ban, impávidas, altíssimas,
delongam-se alertas, relutam em guerrear,
velando Lancelot, seu lorde, com amor
em seus dias de treva, angustiado a fundo.
Traiu o amo, aliado à paixão,

rejeita a paixão, rechaça-o ainda o amo,
por milhas de mar do amor separado.

Brotada no ocidente, a notícia se espalha
de Artur aprestando-se contra a terra sua própria,
que equipa sua esquadra pra vingança poderosa,
organizando-a apressado, que a súbita fúria
da extensa tempestade deteve e impediu.
Sobre o Lorde de Logres e a liga de traição
que ataca seu trono medita sombrio:
paladinos constantes nesses dias são escassos
que alcem bem alto a honra da coroa,
mandando no ocidente, nas fronteiras do mar,
amparando as muralhas contra a derrota do mundo;
muita falta lhes fazem as fortes espadas
do povo de Ban, seus emblemas brilhantes;
a luta de seu lorde, se Lancelot tivessem,
seria farta de fogo qual flama ardente.

Em parte espera, em parte despreza,
ser chamado ele mesmo por comando veloz,

devolvendo o firme serviço ao rei,
valendo Lancelot ao lorde Artur.
Com desgosto regressa a Guinever seu pensamento:
há tristeza na Bretanha, intento de guerra;
renovasse-se firme o afeto da senhora,

em perigo estaria a querida de Lancelot.
Com sanha desprezou-o, sem contrição nenhuma,
sem pena, com soberba e desprezo, e no entanto
é querida e caríssima. Se o perigo a ameaça,
veloz e alegre, logo que o chame,
contra o mar e a tormenta, ao clamor de trombeta,
singraria as torrentes, tomaria a espada
na terra triste, na batalha final
a mando da amada, mesmo contra o rei.

Mas nada do monarca, nenhum chamamento
nem pedido da dama. Só andança do vento
sobre amplas águas, úmidas, bravias.
A glória de Gawain, cavalgando dourado
como o sol descendo e abrasando o mundo,
traça caminho vermelho na margem do oceano,
na dianteira de Artur, e em treva cai o leste.
Guinever se esconde no escuro cinzento,
examina e se demora, e o mundo titubeia;
aspereza que aparece quando a alegria se vai,
perigo fareja ela conjeturando tenebrosa,
a esperança se rompe, querendo ela porém
moldar a seu tino o destino dos homens.
E Lancelot ali, sobre léguas de mar,

contempla e pondera meditando a sós
com dúvida atroz. A tarde cai.

Não toca trompa nem tropa convoca;
hesita e não sai. Sopra o vento,
tremem as torres batidas pela tormenta.

A aurora se arrasta. Morrendo nas praias
a espuma rebrilha, espectro débil;
a maré virando, a borrasca minguando.
A luz se livra da longa sombra
e anda na água, ondas desperta,
como vidro de reflexos verdes e prata.
Em sono de sombra, debruçado à janela,
delonga-se Lancelot em longo sonho;
tem a fronte curvada à elevada janela.
Seus olhos se abrem à alba do dia:
inda voa o vento no vasto céu,
saltando às alturas, mas na terra embaixo
a paz está posta. Poças refletem
o sol que ressalta qual círculo de prata;
regado, aguado, fulgura o mundo;
canta ave com ave na alba feliz.

Aí toma ânimo, seu ônus pesado
fica leve com alívio. Eleva-se solitário
e o hálito da alba lhe arde no rosto;
sente o sopro de canção olvidada
alcançando-lhe o coração qual cítara ou harpa.

Ali Lancelot, leve e brando,
recebe o sol, a sós cantando;
levanta-o a vida que refulge nas trevas,
exaltada pela dor no domo dos céus.
O tempo é mutante, alteram-se as marés,
nos outeiros matutinos que trilha a esperança
pra despertá-lo da fadiga existindo ainda o mundo.

Não reconhece o minuto que nunca mais
retorna em tempo e traz tempestade
que impele ao combate co'a trombeta do vento.
Voltou atrás da fortuna a maré,
sua rápida corrente o carrega consigo.
Tem o fim à sua frente e definha seu dia,
no correr da maré não voltará jamais
a tratar com criaturas existindo ainda o mundo.

*

IV

Como Artur retornou de manhã e pela mão de Sir Gawain conquistou a passagem do mar.

Os lobos ululam lá na floresta;
nos ares as árvores uivam e tremem,
e folhas que revoam selvagens, perdidas,
acumulam-se mortas nos imensos recôncavos.
É de treva a estrada por atrozes vales,
entre morros que montam entre muitas névoas
aos resguardos de Gales, graves no oeste,
castanhos e toscos. Às montanhas negras
vão velozes cavaleiros, e nas várzeas sem casas
não resta rastro. Torrentes de água
despencam das penhas, espumam na treva;
ouvem-nas eles, indo ao reino oculto.
Cai o escuro. Os cascos batendo
desfalecem no silêncio da lúgubre terra.

*

A aurora é rala. Nos rostos escuros
das montanhas vetustas voltadas para o leste
a luz se alastra. Brilhante está a terra.
O sol se acende. Sobe a alba
qual prata que banha o brilho da água
num céu vazio, azul e infindo.

Pelos ramos irrompem raios de luz,
ressaltam e oscilam na cinzenta floresta;
gotas pingando dos galhos e folhas
como farpas de vidro que fulgem e reluzem.
Não se move um animal: mudos os pássaros.
Cautelosos como lobos trilhando a mata
cavalgam nos vales os que vêm de Mordred,
com malta de famintos, imensos cães
que acompanham a pista com bárbaros latidos.
Caçam eles a rainha com ódio frio
té que falhe sua fé nas várzeas sem casas,
demoram-se famintos nos morros terríveis
nos resguardos de Gales. A guerra os segue,
tristeza na Bretanha. Alteram-se os ventos,
Mordred imóvel.
Transmitem-lhe a mensagem
nas penhas das praias, nas plagas do sul,
escarpas faiscantes. Na curta erva
montou suas tendas, qual cidade ajuntada
com becos e praças, bulha de vozes,

envolta nos vales, elevando-se nos morros
superiores a Romeril, que a torrente de água
cavou em vala e vai dar no mar.
Do este, de Angel e das ilhas de névoa
arrolam sua marinha os reis de Almain,
reunindo sob o penhasco naus entalhadas
e turvos estandartes volitando ao vento.
A brisa espuma nas pintas das ondas,

quebrando na praia, de prata e verde,
as vagas revoltas nas fragas de greda.
Num morro gramado Mordred se posta:
volta a vista avante, ao sul,
pra que nunca nenhuma nau de Artur
venha c'o vento. Avia sentinelas
à margem do mar nos limites do sul,
cuidando do estreito dia e noite
dos outeiros todos. Então mandou
erguer fogueiras que queimem e ardam,
alertando-o do retorno de Artur, convocando
e juntando sua tropa em proveitoso local.
Assim guarda, aguarda e escuta o vento.

Ivor o saúda com ávido chamado,
postado junto à tenda, pensativo e ereto;
notícias importunas do ocidente ele traz.
"Ó Senhor!", é o anúncio, "a Senhora está perdida!

Sua pista se perde nas pedras lisas;
os cães de caça derrocados nas colinas.
À terra secretíssima, aos guardados vales,
para lá onde Leodegrance há longos anos
habitou assediado, encantado senhor,
chegou lá, está livre. Mas seus aliados são poucos.
Não mais deves temer a mágica mulher!
O destino a destrua! Não retorne jamais,
pra tormento de Mordred não caminhe neste chão!
Elimina-a da mente! Argumenta com homens,
deslembra a mulher impelindo a guerra!

Tua hora é esta." Mas os olhos titubeiam,
calada a língua. Lento voltando-se,
com trovão na fronte o fero Mordred
o encara com cólera. "Cala-te!", exclama.
"O momento do mestre só o mestre escolhe.
Nada conheces. Danado em malogro,
do vão serviço voltas à casa
discursando grosseiro, trazendo a Mordred
advertências de tolo? Retira-te daqui
prum destino maldito. O demo te leve!"

Passeia a sós e sem sossego.
No seu peito desperta, sob preta sombra,
um fogo abafado cujo fumo o sufoca;
errante, ponderando, num labirinto caminha

entre pavor e fúria. Numa volta sua mente,
caçada pelo anseio, desata-se dele,
o desejo a incita a sério tormento.
Mas crê que Guinever recado enviou
por reservado estafeta levando-o sobre o mar
ao lorde Lancelot, e lembra-lhe o amor,
suplicando socorro em seu fracasso.
Se o povo de Ban ao combate acorrer
e em fusco fundo a flor de lírio
outra vez for vista com altivez marchando
pra Artur ajudar, entende que o impede
de atingir seu objeto. Deste jeito medita.
O bravo Lancelot, lorde de Benwick,
mais ele abomina, temendo-o também,

e recorda bem claro o discurso profético
que, se os lordes de Benwick exibindo o lírio
em combate aberto ele aborda e desafia,
a derrota o arrasa. Irado e sagaz,
a dúvida e a audácia no seu turvo raciocínio
porfiam em vão. O vento se abate.
No céu sem sombra, luzente e dourado,
o sol ao anoitecer reacende o verão
e se põe como brasa. Rebrilha o mar
sob estrelas trânsfugas na estrada do céu.
Passa dia após dia. Com ardor amanhece
e há brisa soprando pura na manhã,

calma e aguda. Um grito o desperta.
"Uma vela, uma vela sobre as vagas reluz!"
Vigias agitam-se, queixosas vozes
levadas do vento voam entre eles,
e os guardas das fogueiras que agarram tochas
esperam despertos. Ele para em silêncio.
Ele volta a vista avante, ao sul,
vendo velas que vêm pelo mar.
Assim, de manhãzinha, aproxima-se Artur,
retornando afinal, monarca de perdido reino.
No seu pendão radia, bordada em prata,
alva rainha que alça nos braços
um recém-nascido de santa donzela,
transluzido de sol. Acende-se o mar.
A muitos se mostra, e Mordred o reconhece,
o estandarte de Artur. Afastando os olhos,

o emblema de Benwick busca afoito,
prata sobre preto. Pois não o enxerga.
A linda flor-de-lis desfalece em seu campo
e tomba na treva. O destino aproxima-se.
Sobe o sol, assomam as velas.
No meio do mar debilmente soando
escutam cornes. Erguendo-se vem
a plena pressa, próximo de Artur,
um forte navio que fulge na manhã,
alto e alvo, de ouro é seu casco;
na vela se vê um levante sol,

na bandeira bordada flutua à brisa
um grifo fogoso que fulgura dourado.
É chegado Gawain, que guarda seu rei
e com alento valente é líder da vanguarda:
são cascos faiscantes, de quilhas centena
e velas que revoam e paveses que balançam.
Atrás descortinam a tropa a caminho:
há lanchas de calado, e levam barcaças,
galés e galeras aparelhadas pra guerra,
ao sol passando seiscentas velas,
visão bela e bruta. Drapejam bandeiras;
dez mil armamentos montam ali
pendendo dos costados, bandeiras de príncipes
e senhores do Norte e dos nove reinos
da bendita Bretanha. Mas a estirpe de Ban
não está lá, nem Lancelot, o dos lírios, tampouco.

Então Mordred mui alto sem humor se ri.

Ouvem-se suas ordens. Acres as trompas.
Queimam fogueiras, ergueram-se estandartes,
as costas ecoam, nos escudos batem lanças.
A guerra acorda, o desgosto na Bretanha.
Artur retorna à terra sua própria,
com poder e majestade altivo vem
a Romeril onde chorando, correndo lento
um córrego alcança a costa do mar.

O sol nas espadas e pontas, de prata feitas,
das lanças reluz, que se elevam
plantadas como trigo. Volitando acima,
grasnam os corvos com agudas vozes.
São mil no mar espumante faiscando
os rápidos remos. Régulos saxões
bradam bravos na proa das naus;
brandem espadas, brilham machados,
com vozes severas invocam seus deuses.
Com rostos irados as carrancas de dragão
eles empurram, impelem pra que partam logo,
soltos de súbito, balançando ao ataque.
Atingem os costados. Estouram os madeirames.
Ranger de ganchões, machados que estrugem;
faíscam, abrem-se elmos e lanças;
os ferreiros guerreiros marretam bigornas
com estrépito de martelos, mortífera forja
de ira e ruína. Erguem mãos rubras.
Apertam Prydwen, bela e altiva
capitânia de Artur, prateada nau.

Então Gawain toca a grande trompa.
Sua enorme nau, desenhada de ouro,
se mete em seu meio bramindo qual trovão,
voa com o vento. Perseveram atrás
lígios de Lothian, lordes e capitães.

Arrasam os remos. Madeirame desfeito,
cordame fendido. Com intenso golpe
os mastros desmontam como imensas árvores,
despencam abaixo na bulha do combate.
Agora Gawain Galuth desembainha,
lâmina ilustre – habilíssimos artesãos
anteriores a Roma suas runas gravaram,
a têmpera é mortal, fortíssimo o aço –
vem como fogo, flama nas mãos.
O rei dos godos que na carranca se segura,
ele atinge-o mortífero, afastando-o pro mar;
nos lordes de Lochlan lança raios,
os altos elmos e ímpios estandartes
desfaz com fúria. É forte sua voz
gritando "Artur". Tremem os ares
c'o barulho da réplica, vociferando milhares.
Como trigo na tempestade, talos que caem
ao longo da colheita, ou eleva-se a névoa
ao sol que nascendo acende sua fúria,
seus inimigos que o medo domina fogem todos.
Tombando da borda dos barcos perecem
caindo nas ondas, suas almas perdendo.
Os barcos derribados são brasa e fumaça;

uns subindo na praia, quebrados e rotos.
A rubra maré as rochas tinge.
Trincados, em cacos, escudos na água

flutuam em destroços. De todos restam poucos,
escapando ao combate em quebranto, sangrentos.
Destarte Artur retorna a seu reino
abrindo co'a espada o passo do mar,
com Gawain na vanguarda. Sua glória reluz
qual astro no ápice, áspera, clara,
montando às alturas sobre todos os homens
ao encontro da queda. Aquieta-se o destino.
A maré está virando. Madeirames partidos,
defuntos que afundam, fracos destroços,
dejetos que jazem enchendo as praias;
pedras em pranto despontam nas águas.

*

V

Do pôr do sol em Romeril.

Destarte fica Artur montado na baixamar.
Contempla sua terra e triste anseia
por rever outra vez a verde grama,
andando à vontade quanto dure o mundo;
pra que sinta o sal, o seu aroma
com perfume de vinho, vento de trevo
que germina junto ao mar em gramado de sol,
escutar da cristandade os badalos agudos
de sinos que oscilam aprazíveis na brisa,
um príncipe de paz que impera e reina
ao pé da porta aberta do Paraíso.

Contempla a terra altiva e clara.
Ali passeia a traição, soam trombetas
com altivo poder. Traidores, príncipes,
na costa agrupam seus escudos sem pudor
enganando seu senhor. Renegam a Cristo,

virando sua esperança ao poderio pagão.
Muitos marcham, rumando para o sul;
do leste cavaleiros malévolos acorrem
como feras de fogo que inflamam e arruínam;
alvas torres viram tochas, o trigo é repisado,

o chão queixando-se, murchando a grama.
Há tristeza na Bretanha e extingue-se o mundo;
os sinos silenciam, ressoam espadas,
o inferno está vizinho, o céu se afasta.

Paga imposto e tributo terrível,
desperdiçando o sangue que aprecia mais,
ceifadas as vidas que prefere a todas;
lá morrem amigos, murcha a flor
da régia cavalaria, cuja dolorida paga
foi treva, destino dos mortais, e olvido,
pra abalar as muralhas e trilhar a conquista,
ter outra vez a verde erva
sob os pés, os passos que buscam o lar.
Nunca teve Artur fatal perigo
que, temido ou domado, seu pensamento desviasse
ou obstasse sua trilha. Já o tolhe a pena
e o apreço pela pátria e seu povo leal,
pelos pequenos logrados e os instigados há muito,
pelos fracos que duvidam; aflige-se pelos maus.
Exausto, com pesar, saciado de guerra,
pois coroa real e direito traz,

passa em paz e aplica o perdão,
curando as feridas, liderando a todos,
pra ditosa Bretanha reconquistar a alegria.
O fado à sua frente oferta-lhe a morte
antes de obter o intento, conquistar o mundo.

[Os dezesseis versos seguintes foram escritos mais apressadamente em um

bilhete separado.]

Agora chama Gawain. Grave é sua fala,
na mágoa demonstra pensamentos severos.
"Súdito do meu sangue, sincero e nobre,
torre que me protege, verdadeiro conselho,
a trilha adiante c onduz ao perigo.
Tomamos o mar. Os muros inda restam,
desafiam nossa força eivados de ameaças.
Condiz decidirmos um ataque implacável
e pedágio mortal do traidor cobrarmos
pra vencer a passagem sem recusar o preço,
no pavor da aventura, avante com dano,
sem considerar a esperança? Roga meu coração
que é melhor tomar alento, batalhar só depois.
Anda, as armas a outro porto levemos,
fio-me no vento e na fraca maré
que nos alce ao oeste."

Aqui termina *A Queda de Artur* em sua forma mais recente.

I

How Arthur and Gawain went to war and rode into the East.

Arthur eastward in arms purposed
his war to wage on the wild marches,
over seas sailing to Saxon lands,
from the Roman realm ruin defending.
Thus the tides of time to turn backward
and the heathen to humble, his hope urged him,
that with harrying ships they should hunt no more
on the shining shores and shallow waters
of South Britain, booty seeking.
As when the earth dwindles in autumn days
and soon to its setting the sun is waning
under mournful mist, then a man will lust
for work and wandering, while yet warm floweth
blood sun-kindled, so burned his soul
after long glory for a last assay
of pride and prowess, to the proof setting
will unyielding in war with fate.

So fate fell-woven forward drave him,
and with malice Mordred his mind hardened,
saying that war was wisdom and waiting folly.
'Let their fanes be felled and their fast places
bare and broken, burned their havens,

and isles immune from march of arms
or Roman reign now reek to heaven
in fires of vengeance! Fell thy hand is,
fortune follows thee – fare and conquer!
And Britain the blessed, thy broad kingdom,
I will hold unharmed till thy home-coming.
Faithful hast thou found me. But what foe dareth
war here to wake or the walls assail
of this island-realm while Arthur liveth,
if the Eastern wolf in his own forest
at last embayed must for life battle?'
So Mordred spake, and men praised him,
Gawain guessed not guile or treason
in this bold counsel; he was for battle eager,
in idle ease the evil seeing
that had rent asunder the Round Table.

Thus Arthur in arms eastward journeyed,
and war awoke in the wild regions.
Halls and temples of the heathen kings
his might assailed marching in conquest
from the mouths of the Rhine o'er many kingdoms.

Lancelot he missed; Lionel and Ector,
Bors and Blamore to battle came not;
yet mighty lords remained by him:
Bediver and Baldwin, Brian of Ireland,
Marrac and Meneduc from their mountain-towers;
Errac, and Iwain of Urien's line
that was king in Reged; Cedivor the strong

and the queen's kinsman Cador the hasty.
Greatest was Gawain, whose glory waxed
as times darkened, true and dauntless,
among knights peerless ever anew proven,
defence and fortress of a falling world.
As in last sortie from leaguered city
so Gawain led them. As a glad trumpet
his voice was ringing in the van of Arthur;
as a burning brand his blade wielded
before the foremost flashed as lightning.

Foes before them, flames behind them,
ever east and onward eager rode they,
and folk fled them as the face of God,
till earth was empty, and no eyes saw them,
and no ears heard them in the endless hills,
save bird and beast baleful haunting
the lonely lands. Thus at last came they
to Mirkwood's margin under mountain-shadows:
waste was behind them, walls before them;

on the houseless hills ever higher mounting
vast, unvanquished, lay the veiled forest.
Dark and dreary were the deep valleys,
where limbs gigantic of lowering trees
in endless aisles were arched o'er rivers
flowing down afar from fells of ice.
Among ruinous rocks ravens croaking
eagles answered in the air wheeling;
wolves were howling on the wood's border.

Cold blew the wind, keen and wintry,
in rising wrath from the rolling forest
among roaring leaves. Rain came darkly,
and the sun was swallowed in sudden tempest.

The endless East in anger woke,
and black thunder born in dungeons
under mountains of menace moved above them.
Halting doubtful there on high saw they
wan horsemen wild in windy clouds
grey and monstrous grimly riding
shadow-helmed to war, shapes disastrous.
Fierce grew the blast. Their fair banners
from their staves were stripped. Steel no longer,
gold nor silver nor gleaming shield
light reflected lost in darkness,
while phantom foes with fell voices
in the gloom gathered. Gawain loudly

cried as a clarion. Clear went his voice
in the rocks ringing above roaring wind
and rolling thunder: 'Ride, forth to war,
ye hosts of ruin, hate proclaiming!
Foes we fear not, nor fell shadows
of the dark mountains demon-haunted!
Hear now ye hills and hoar forest,
ye awful thrones of olden gods
huge and hopeless, hear and tremble!
From the West comes war that no wind daunteth,
might and purpose that no mist stayeth;

lord of legions, light in darkness,
east rides Arthur!' Echoes were wakened.
The wind was stilled. The walls of rock
'Arthur' answered.
There evening came
with misty moon moving slowly
through the wind-wreckage in the wide heavens,
where strands of storm among the stars wandered.
Fires were flickering, frail tongues of gold
under hoary hills. In the huge twilight
gleamed ghostly-pale, on the ground rising
like elvish growths in autumn grass
in some hollow of the hills hid from mortals,
the tents of Arthur.
Time wore onward.
Day came darkly, dusky twilight

over gloomy heights glimmering sunless;
in the weeping air the wind perished.
Dead silence fell. Out of deep valleys
fogs unfurling floated upward;
dim vapours drowned, dank and formless,
the hills under heaven, the hollow places
in a fathomless sea foundered sunken.
Trees looming forth with twisted arms,
like weeds under water where no wave moveth,
out of mist menaced man forwandered.
Cold touched the hearts of the host encamped
on Mirkwood's margin at the mountain-roots.

They felt the forest though the fogs veiled it;
their fires fainted. Fear clutched their souls,
waiting watchful in a world of shadow
for woe they knew not, no word speaking.

Far and faintly ere the fall of eve
they heard a horn in the hills trembling,
forlorn and lonely, like lost voices
out of night at sea. Nearer it sounded.
Now hoofs they heard, a horse neighing,
watchmen calling. Woe had found them.
From the West came word, winged and urgent,
of war assailing the walls of Britain.
Lo! Cradoc was come the king seeking

down perilous ways their path trailing
from the mouths of the Rhine o'er many kingdoms
grimly riding. Neither grey shadows
nor mist stayed him mighty-hearted.
Haggard and hungry by his horse standing
to Arthur told he evil tidings:
'Too long my lord from your land ye tarry!
While war ye wage on the wild peoples
in the homeless East, a hundred chiefs
their seahorses swift and deadly
have harnessed in havens of the hidden islands.
Dragon-prowed they drive over dark billows;
on shores unguarded shields are gleaming
and black banners borne amid trumpets.
Wild blow the winds of war in Britain!

York is leaguered, yielded Lincoln;
unto Kent kindled the coast blazeth.
Hither have I hardly hunted riding
on the sea pursued to your side hastened,
treason to tell you. Trust not Mordred!
He is false to faith, your foes harbours,
with lords of Lochlan league he maketh,
out of Almain and Angel allies hireth,
coveting the kingdom, to the crown reaching
hands unholy. Haste now westward!'

*

A while then Arthur white with anger
there sat in silence. Thus sudden fortune
had turned and betrayed him. In twenty battles
he had fought and conquered; his foes were scattered,
neath his hand were humbled heathen chieftains.
Now from hope's summit headlong falling
his heart foreboded that his house was doomed,
the ancient world to its end falling,
and the tides of time turned against him.

Swift then sent he to summon Gawain
bold in counsel. Bitter words he spake;
the evil tidings all he told him.
'Now for Lancelot I long sorely,
and we miss now most the mighty swords
of Ban's kindred. Best meseemeth
swift word to send, service craving

to their lord of old. To this leagued treason
we must power oppose, proud returning
with matchless might Mordred to humble.'

Gawain answered grave and slowly:
'Best meseemeth that Ban's kindred
abide in Benwick and this black treason
favour nor further – yet I fear the worse:
thou wilt find thy friends as foes meet thee.

If Lancelot hath loyal purpose
let him prove repentance, his pride forgoing,
uncalled coming when his king needeth!
But fainer with fewer faithfulhearted
would I dare danger, than with doubtful swords
and tarnished shields of truant lieges
our muster swell. Why more need we?
Though thou legions levy through the lands of Earth,
fay or mortal, from the Forest's margin
to the Isle of Avalon, armies countless,
never and nowhere knights more puissant,
nobler chivalry of renown fairer,
mightier manhood under moon or sun
shall be gathered again till graves open.
Here free unfaded is the flower of time
that men shall remember through the mist of years
as a golden summer in the grey winter.
And Gawain hast thou. May God keep us
in hope allied, heart united,
as the kindred blood in our bodies courseth,

Arthur and Gawain! Evil greater
hath fled aforetime that we faced together.
Now in haste is hope! While hate lingers,
and uncertain counsel secret ponders,
as wroth as wind let us ride westward,
and sail over sea with sudden vengeance!'

*

II

How the Frisian ship brought news, and Mordred gathered his host and went to Camelot seeking the queen.

Dark wind came driving over deep water,
from the South sweeping surf upon the beaches,
a roaring sea rolling endless
huge hoarcrested hills of thunder.
The world darkened. Wan rode the moon
through stormy clouds streaming northward.

From France came flying a fleet vessel
dark and dragon-prowed, dreadly carven,
sable-shrouded, on the sea leaping,
by the waves hunted as a wild creature
among hungry hounds. The horns of the wind
were its mort blowing. Men were calling,
to their gods crying with grim voices,
as it rode to wreck with riven timbers
in the mouths of the sea. The moon glittered

in the glaring eyes upon their grey faces
death outstaring. Doom o'ercame them.

Mordred was waking. His mind wandered
in dark counsels deep and secret.
From a window looked he in western tower:

drear and doubtful day was breaking,
grey light glimmered behind gates of cloud.
About the walls of stone wind was flowing;
sea sighed below, surging, grinding.
He heard nor heeded: his heart returned
to its long thraldom lust-tormented,
to Guinever the golden with gleaming limbs,
as fair and fell as fay-woman
in the world walking for the woe of men
no tear shedding. Towers might he conquer,
and thrones o'erthrow yet the thought quench not.

In her blissful bower on bed of silver
softly slept she on silken pillows
with long hair loosened, lightly breathing,
in fragrant dreams fearless wandering,
of pity and repentance no pain feeling,
in the courts of Camelot queen and peerless,
queen unguarded. Cold blew the wind.
His bed was barren; there black phantoms

of desire unsated and savage fury
in his brain had brooded till bleak morning.

A stair he mounted steeply winding
to walls embattled well-wrought of stone.
O'er the weeping world waking coldly
he leant and laughed, lean and tearless.
Cocks were crowing. Clamour rose at gate.
Servants sought him soft-foot running

through hall and bower hunting swiftly.
His eager squire Ivor hailed him
by the dungeon-stair at the door standing:
'Lord! Come below! Why alone walk ye?
Tidings await you! Time is spared us
too short for shrift. A ship is landed!'

Mordred came then; and men trembled
at his dark visage drenched with water;
wind-tossed his hair, and his words grated:
'Do ye ransack with rabble this royal castle,
Because a ship from storm to shore flieth?'
Ivor him answered: 'On your errand hasting
the Frisian captain from France cometh
on wings of wind, his word keeping,
fate defying. Fate hath conquered.
His ship is broken on the shore lying;
at the door of death he doomed lingers.

All else are dead.' At early day
the red rover the rings of gold
repayed to his patron, ere he passed to hell;
shrift he sought not, nor shaven priest,
his latest words to his lord speaking:
'Cradoc the accurséd to the king flying
through thy net slipping news untimely
east to Almain ere the hour was ripe
hath brought from Britain. Bare is thy counsel;
in Arthur's ears all is rumoured
of thy deeds and purpose. Dark his anger.

He hastens home, and his host summons,
from the Roman marches riding as tempest.
Nine thousand knights draw near the sea;
on northern waves his navy lies,
Whitesand with boats, wherries and barges
shipwrights' hammers, shouting seamen,
ringing armour, riders hasting,
is loud and thronging. Look ye to it!
Shining on bulwarks shields are hanging
blazoned in blood-red foreboding war.
On the waves they wait and the wind's fury;
lean hounds at leash longships are tugging
on heaving hawsers. Haste now eastward!'

Radbod the Red, rover fearless,
heathen-hearted to hate faithful,

died as his doom was. Dark was the morning.
To sea they cast him, of his soul recked not
that walks in the waters, wandering homeless.

Wild rode the wind through the West country.
Banners were blowing, black was the raven
they bore as blazon. Blaring of trumpets,
neighing of horses, gnashing of armour,
in the hoar hollows of the hills echoed.
Mordred was marching; messengers speeding
northward and eastward the news bearing
through the land of Logres. Lords and chieftains
to his side he summoned swift to hasten

their tryst keeping, true to Mordred,
faithful in falsehood, foes of Arthur,
lovers of treason, lightly purchased
followers of fortune, and freebooters
of Erin and Alban and East-Sassoin,
of Almain and Angel and the isles of mist;
the crows of the coast and the cold marshes.

He came to Camelot, the queen seeking.
Fiercely heard she his feet hasten
with striding steps the stair climbing.
To her bower came he. With burning eyes
by the door he stood darkly gazing.

She sat silent no sign giving
at the wide window. Wan gleamed the day
in her bright tresses bleakly golden.
Grey her eyes were as a glittering sea;
glass-clear and chill they his glance challenged
proud and pitiless. But pale her cheek
for heart misgave her, as one that hounds tameth
to follow her feet and fawn at hand,
when wolf unawares walks among them.

Then spake Mordred with his mouth smiling:
'Hail! Lady of Britain! It is long sitting
alone lordless in loveless days,
a kingless queen in courts that echo
to no noise of knighthood. Yet never shalt thou
on earth hereafter thine hours barren

and life find loveless. Nor less than queen
with dimmed glory thy days revile
though chances change – if thou choose aright.
A king courts thee his crown to share,
his love offering and loyal service.'

Gravely Guinever again answered:
'Thou callest thee king, and of crown speakest –
in his lieu 'twas lent thee by thy liege-master,
who liveth yet and reigneth, though long absent.

For thy love I thank thee and loyal service,
though due I deem it from dear nephew
to Arthur's queen.' Then her eyes wavered,
and he set her beside him, seized her fiercely.
Grim words he spake – Guinever trembled:
'Now never again from northern wars
shall Arthur enter this island realm,
nor Lancelot du Lake love remembering
to thy tryst return! Time is changing;
the West waning, a wind rising
in the waxing East. The world falters.
New tides are running in the narrow waters.
False or faithful, only fearless man
shall ride the rapids from ruin snatching
power and glory. I purpose so.
Thou at my side shall lie, slave or lady,
as thou wilt or wilt not, wife or captive.
This treasure take I, ere towers crumble,
and thrones are o'erturned, thirst first will I slake.

I will be king after and crowned with gold.'

Then the queen took counsel in her cold bosom
between fear and prudence; feigning wonder,
softly after silence she dissembling spake:
'My lord, unlooked-for were thy love-speeches,
and this eager suit thou urgest now;

new thoughts arise needing counsel!
Delay allow me and a little respite
ere thou ask my answer! Should Arthur come,
my plight were perilous. Could thou proof show me
that thou wilt ride over ruin, wresting kingship
from troublous times, troth were plighted
with briefer counsel.' Bitterly laughed he:
'What proof of power shall prisoner seek,
captive of captor? Be I king or earl,
'twixt bride and bond brief be the choosing!
Needs must tonight that I know thy mind;
longer I grant not.' Then his leave took he.
Fierce and hasty his feet echoed
with striding steps on the stone pavement.

Night came slowly. The naked moon
slipped sudden forth from swathing clouds
torn by tempest, in a tarn of stars
swam serenely. Riding swiftly
hosemen hastened. Hooves were beating,
steel-pointed spears stung with silver.
Long leagues behind in a low valley

the lights of Camelot lessened and faded;
before lay forest and the far marches,
darkroads and dim. Dread pursued them.
Wolf had wakened in the woods stalking,

and the hind hardly from hiding driven
her foe had fled, fear-bewildered,
cowed and hunted, once queen of herds
for whom harts majestic in horned combat
had fought fiercely. So fled she now,
Guinevere the fair in grey mantled,
cloaked in darkness, from the courts stealing.
Few faithful men her flight aided,
folkthat followed her in former days,
when from Leodegrance to Logres rode
bride to bridegroom brave and golden
in mighty Arthur's morning glory.
Now to lonely towers, land deserted,
where Leodegrance once long ago
at the Round Table regal feasted,
she hastened home to harbour cold,
hiding uncertain. In her heart darkly
she thought of Lancelot, should he learn afar
of her woe and wandering by wolf hunted.
If the king were conquered, and the crows feasted,
would he come at her call, queen and lady
riding to rescue? Then from ruin haply
were gladness wrested. Guinevere the fair,
not Mordred only, should master chance

and the tides of time turn to her purpose.

*

III

Of Sir Lancelot, who abode in Benwick.

In the South from sleep to swift fury
a storm was stirred, striding northward
over leagues of water loud with thunder
and roaring rain it rushed onward.
Their hoary heads hills and mountains
tossed in tumult on the towering seas.
On Benwick's beaches breakers pounding
ground gigantic grumbling boulders
with ogre anger. The air was salt
with spume and spindrift splashed to vapour.

There Lancelot over leagues of sea
in heaving welter from a high window
looked and wondered alone musing.
Dark slowly fell. Deep his anguish.
He his lord betrayed to love yielding,
and love forsaking lord regained not;

faith was refused him who had faith broken,
by leagues of sea from love sundered.

Sir Lancelot, Lord of Benwick
of old was the noblest knight of Arthur,
among sons of kings kingly seeming,

deemed most daring, in deeds of arms
all surpassing, eagerhearted;
among folk whose beauty as a flower blossomed
in face the fairest, formed in manhood
strong and gracious, steel well-tempered.
White his hue was; his hair raven,
dark and splendid; dark his eyes were.
Gold was Gawain, gold as sunlight,
but grey his eyes were gleaming keenly;
his mood sterner. By men holden
almost equal envy he knew not,
peer and peerless praising justly,
but to his lord alone his love giving;
no man nor woman in his mind holding
dearer than Arthur. Daily watchful
the Queen he doubted, ere the cold shadow
on her great glory grey had fallen.

To Lancelot her love gave she,
in his great glory gladness finding.

To his lady only was his love given;
no man nor woman in his mind held he
than Guinever dearer: glory only,
knighthood's honour, near his lady
in his heart holding. High his purpose;
he long was loyal to his lord Arthur,
among the Round Table's royal order
prince and peerless, proudly serving
Queen and lady. But cold silver

or glowing gold greedy-hearted
in her fingers taken fairer thought she,
more lovely deeming what she alone treasured
darkly hoarded. Dear she loved him
with love unyielding, lady ruthless,
fair as fay-woman and fell-minded
in the world walking for the woe of men.
Fate sent her forth. Fair she deemed him
beyond gold and silver to her grasp lying.
Silver and golden, as the sun at morning
her smile dazzled, and her sudden weeping
with tears softened, tender poison,
steel well-tempered. Strong oaths they broke.

Mordred in secret mirthless watched them
betwixt hate and envy, hope and torment.
Thus was bred the evil, and the black shadow

o'er the courts of Arthur as a cloud growing
dimmed the daylight darkling slowly.
In evil hour was Agravain
the dour-handed to death smitten –
by the door fell he – dear to Gawain.
Swift swords were drawn by sworn brethren
and the Round Table rent asunder
in the Queen's quarrel. Cold rang the blades.
The Queen was taken. With cruel justice
fair as fay-woman they to fire doomed her,
to death they condemned her. But death waited.
There Lancelot as lightning came

amid riding thunder ruthless flaming
in sudden assault sweeping heedless
he friends of old felled and trampled,
as trees by tempest torn uprooted.
Gaheris and Gareth Gawain's brethren
by the fire fell they as fate willed it.
From the fire he snatched her; far he bore her;
fear fell on men, none would follow after;
for Ban's kindred in their battle closed him.

Then rage left him, and his wrath sickened,
his mood faltered. He mourned too late
in ruth for the rending of the Round Table.
His pride he repented, his prowess cursing

that friends had felled, faith had broken.
For the love longing of his lord Arthur
he would heal yet honour with his heart's anguish,
and the queen restore, by the king's mercy
her estate restablish. Strange she deemed him
by a sudden sickness from his self altered.
From war she shrank not, might her will conquer,
life both and love with delight keeping
to wield as she wished while the world lasted;
but little liked her lonely exile,
or for love to lose her life's splendour.
In sorrow they parted. With searing words
his wound she probed h is will searching.
Grief bewrayed her and greed thwarted;
the shining sun was sudden shaded

in storm of darkness. Strange he deemed her
from her self altered. By the sea stood he
as a graven stone grey and hopeless.
In pain they parted. Pardon found she
by her king's mercy, and men's counsel,
lest worse befall, war unholy
among Christian kings, while the crows feasted.
In the courts of Camelot she was queen again
great and glorious. Grace with Arthur
he sought and found not. They his sword refused.
On that knee no more, knight in fealty

might he hilt handle, nor his head there lay,
not Lancelot, love forsaking,
pardon asking, with pride humbled.
Loveforsaken, from the land banished,
from the Round Table's royal order
and his siege glorious where he sat aforetime
he went sadly. The salt water
lay grey behind him.
Grief knew Arthur
in his heart's secret, and his house him seemed
in mirth minished, marred in gladness,
his noblest knight in his need losing.
Not alone to his land over loud waters
went Lancelot. Lords of his kindred
were many and mighty. At their masts floated
the banners of Blamore and of Bors the strong,
of Lionel, Lavain, and loyal Ector,

Ban's younger son. They to Benwick sailed
Britain forsaking. In battle no more
to Arthur's aid their arms bore they,
but in the towers of Ban tall and dauntless
watchful dwelt they, war refusing,
Lancelot their lord with love guarding
in his days of darkness. Deep his anguish.
He lord betrayed to love yielding,

and love forsaking lord regained not,
by leagues of sea from love sundered.

From western havens word was rumoured
of Arthur arming against his own kingdom,
how a mighty navy manned with vengeance
he swift assembled that the sudden fury
of striding storm stayed and hindered.
Of the Lord of Logres, and the leagued treason
that his throne threatened, thought he darkly:
now they need would know of knights faithful
to uphold on high the holy crown,
the west still to wield by the waves' margin,
walls defending against the world's ruin;
now they most would miss the mighty swords
of Ban's kindred and their banners gleaming;
now Lancelot his lord's battle
should fill with fire as a flame shining.

Then half he hoped, and half wished not,
to receive summons, swift commandment,

to king the allegiance loyal recalling
of Lancelot to his lord Arthur.
Of Guinever again grieving thought he:
there was woe in Britain, war was kindled;
were her faith renewed firm and steadfast,

then she stood in danger. Dear he loved her.
Though in wrath she left him, no ruth showing,
no pity feeling, proud and scornful,
dear he loved her. When danger threatened,
if she sent him summons, swift and gladly
against tide and tempest trumpet sounding,
he would sail overseas, sword unsheathing
in land forlorn at the last battle
by his lady bidden, though his lord shunned him.

But there came neither from king summons
nor word from lady. Only wind journeyed
over wide waters wild and heedless.
Now Gawain's glory, golden riding
as the westering sun that the world kindles
ere he red sinketh by the rim of ocean,
before Arthur blazed, while the East darkened.
Guinever hiding in the grey shadow
watched and waited, while the world faltered;
grimhearted grown as gladness waned
danger weighed she in her dark counsel,
her hope in havoc, in her heart thinking
men's fate to mould to her mind's purpose.
And Lancelot over leagues of sea

looked and pondered alone musing
doubtful-hearted. Dark had fallen.

No horn he blew, no host gathered;
he wavered and went not. Wind was roaring
the towers trembled tempest-shaken.

Dawn came dimly. On the dun beaches
the foam glimmered faint and ghostly;
the tide was turning, tempest waning.
Light leapt upward from the long shadow,
and walking on the water waves kindled,
as glass glittering green and silver.
In sombre sleep by the sill drooping
lay Lancelot alone dreaming;
his head was bowed by the high window.
His eyes opened upon early day:
the wind still walked in the wide heaven
lofty faring, but on lowly earth
peace had fallen. Pools reflected
the slanting sun silver gleaming;
washed with water the world shimmered;
bird sang to bird blithe at morning.

His heart arose, as were heavy burden
lightly lifted. Alone standing
with the flame of morn in his face burning
the surge he felt of song forgotten
in his heart moving as a harp-music.

There Lancelot, low and softly
to himself singing, the sun greeted,
life from darkness lifted shining
in the dome of heaven by death exalted.
Ever times would change and tides alter,
and o'er hills of morning hope come striding
to awake the weary, while the world lasted.

The hour he knew not, that never after
it would return in time, tempest bringing,
to war calling with the wind's trumpet.
The tides of chance had turned backward,
their flood was passed flowing swiftly.
Death was before him, and his day setting
beyond the tides of time to return never
among waking men, while the world lasted.

*

IV

How Arthur returned at morn and by Sir Gawain's hand won the passage of the sea.

Wolves were howling on the wood's border;
the windy trees wailed and trembled,
and wandering leaves wild and homeless
drifted dying in the deep hollows.
Dark lay the road through dank valleys
among mounting hills mist-encircled
to the walls of Wales in the west frowning
brown faced and bare. To the black mountains
horsemen hastened, on the houseless stones
no track leaving. Tumbling waters
from the fells falling, foaming in darkness,
they heard as they passed to the hidden kingdom.
Night fell behind. The noise of hooves
was lost in silence in a land of shadow.

*

Dawn came dimly. On the dark faces
of the old mountains eastward staring
light was kindled. The land shimmered.
Sun came shining. Silver morning
bathed in water bright ascended
the bare heaven blue and lofty.

Beams fell slanting through the boughs of trees
glancing and glimmering in the grey forest;
rain drops running from rustling leaves
like drops of glass dripped and glistened.
No beast was stirring: the birds listened.
As wary as wolves through the wood stalking
to the marches rode there Mordred's hunters,
huge and hungry hounds beside them
the fewte followed fiercely baying.
The queen they hunted with cold hatred
till their hope failed them amid houseless stones,
halting hungry-eyed under the hills' menace
at the walls of Wales. War was behind them
and woe in Britain. Winds were shifting,
Mordred waiting.
Their message found him
by the seaward cliffs in the south-country
sheer and shining. Upon shaven grass
his tents were marshalled, as a town clustered
with lanes and alleys loud with voices

in the dales hidden and on downs rising
above Romeril where running water
to the shore had cloven a shallow pathway.
From the East, from Angel and the isles of mist,
there kings of Almain their craft mustered,
under cliff crowding their carven prows
and black banners in the breeze flying.
Fair wind came foaming over flecked water,

on gleaming shingle green and silver
the waves were washing on walls of chalk.
On a mound of grass Mordred stood there:
ever gazed his eyes out and southward,
lest Arthur's ships unawares to shore
the winds should waft. Watchmen he posted
by the sea's margin in the south-country,
by night and day the narrow waters
from the hills to heed. There on high raised he
builded beacons that should blaze with fire,
if Arthur came, to his aid calling
his men to muster where he most needed.
Thus he watched and waited and the wind studied.

Ivor hailed him with eager voice
by his tent standing tall and brooding;
words unwelcome from the West brought he.
'O King!' he cried, 'the Queen is lost!

Her trail faded in the trackless stones;
hound and hunter in the hills faltered.
To the hidden kingdom and the holy vales
where Leodegrance once long ago
lived beleaguered, lord enchanted,
she hath fled and is free. But few love her.
Fear her no longer, the fay-woman!
Fell fate take her! May her feet never
return hither to trouble Mordred!
From thy mind thrust her! With men deal thou,
woman forsaking and to war turning!

Thine hour is at hand.' Then his eyes wavered
and his tongue halted. Turning slowly
with frown of thunder fiercely Mordred
gazed on him glaring. 'Begone!' cried he.
'The master's hour master chooseth.
Nought thou knowest. At need failing
from vain errand dost venture home
with tongue untamed to teach Mordred
thy fool's counsel? Flee mine anger
unto foul fortune. The fiend take thee!'

Alone then long lowering paced he.
In his bosom there burned under black shadow
a smouldering fire whose smoke choked him;
his mind wavered in a maze walking

between fear and fury. At first his thought
hunger-hunted from his hold wandered
by lust allured to its long torment.
But he guessed that Guinever had greeting sent
by secret servant over sea speeding
to Lancelot, love recalling
and his aid asking in her evil day.
Should Ban's kindred to battle hasten
and the fair lily on the field sable
once more be seen marching proudly
Arthur to strengthen, ill were boded
to his plot and purpose. Thus he pondered long.
For Lancelot, lord of Benwick,
most he hated and yet most dreaded,

and words of witchcraft well remembered
that lords of Benwick the lily bearing
in open battle should he ever challenge
he would reap ruin. Thus wrath with cunning,
doubt with daring in his dark counsel
warred uncertain. The wind lessened.
In cloudless sky clear and golden
the sun at evening summer rekindled
in a glow sinking. The sea glimmered
under streaming stars in the steep heaven.
Day followed day. Dawn came brightly
with a breeze blowing blithe at morning

cool and keenwingéd. A cry woke him.
'A sail, a sail on the sea shining!'
Watchmen were calling, wailing voices
from ward to ward the wind carried,
and grasping brands guards by the beacons
wakeful waited. No word gave he.
Eager went his eyes out and southward,
and sails saw he on the sea climbing.
Thus came Arthur at early morn
at last returning to his lost kingdom.
On his shrouds there shone sheen with silver
a white lady in holy arms
a babe bearing born of maiden.
Sun shone through them. The sea sparkled.
Men marked it well, Mordred knew it,
Arthur's ensign. Yet his eyes wandered;

for the banner of Benwick breathless looked he,
silver upon sable. But he saw it not.
The fair flower-de-luce on its field withered
drooping in darkness. Doom came nearer.
The sun mounted and the sails whitened.
Far over the sea faintly sounding
trumpets heard they. Towering upward
from Arthur's side eager hastened
a mighty ship in the morn gleaming
high, white-timbered, with hull gilded;
on its sail was sewn a sun rising,

on its broidered banner in the breeze floated
a fiery griffon golden flaming.
Thus came Gawain his king guarding
valiant-hearted the vaward leading:
a hundred ships with hulls shining
and shrouds swelling and shields swinging.
Behind beheld they the host faring:
deepweighed dromonds and drawn barges,
galleys and galleons with gear of war,
six hundred sail in the sun turning,
fair sight and fell. Flags were streaming;
ten thousand told targes hung there
bright on the bulwarks, blazons of princes
and knights of the North and the nine kingdoms
of Britain the blessed. But Ban's kindred,
and Lancelot with his lilies came not.

Then Mordred laughed loud and mirthless.

Word he shouted. Wild were the trumpets.
Beacons were blazing, banners were lifted,
shaft rang on shield, and the shores echoed.
War was awakened and woe in Britain.
Thus came Arthur to his own kingdom
in power and majesty proud returning
to Romeril where running slowly
by the shore now weeps a shuddering water.

Sun shone on swords. Silver-pointed
the spears sparkled as they sprang upward,
white as wheatfield. Wheeling above them
the crows were crying with cold voices.
In the foaming sea flashed a thousand
swift oars sweeping. Saxon chieftains
at their stems standing sternly shouted;
blades they brandished and broad axes,
on their gods calling with grim voices.
With dread faces dragon-prowed they spurred
their sea-horses to sudden onset,
swerving swifly and swinging inward.
Beakmet bulwark. Burst were timbers.
There was clang of iron and crash of axes;
sparked and splintered spears and helmets;
the smiths of battle on smitten anvils
there dinned and hammered deadly forging
wrath and ruin. Red their hands were.
About Prydwen pressed they, the proud and fair,
the ship of Arthur with sheen of silver.

Then Gawain sounded his glad trumpet.
His great galleon golden shining
as thunder riding thrust among them
with wind behind her. In her wake followed
lieges of Lothian, lords and captains.

Oars were splintered. Iron clave timber,
and ropes were riven. With rending crash
masts dismantled as mountain-trees
rushed down rattling in the roar of battle.
Now grim Galuth Gawain brandished
his sword renowned – smiths enchanted
ere Rome was built with runes marked it
and its steel tempered strong and deadly –
forth leapt he as fire a flame wielding.
The king of Gothland on his carven prow
he smote to death and to sea drave him;
upon lords of Lochlan lightning hurled he,
helms boar-crested, heathen standards
hewed asunder. High rang his voice
'Arthur' calling. The air trembled
with thunderous answer thousandfolded.
As straw from storm, as stalks falling
before reapers ruthless, as roke flying
before the rising sun wrathful blazing
his foemen fled. Fear o'ercame them.
From board and beam beaten fell they,
in the sea they sank their souls losing.
Boats were blazing, burned and smoking;

some on shore shivered to shards broken.
Red ran the tide the rocks staining.
Shields on the water shorn and splintered

as flotsam floated. Few saved their lives
broken and bleeding from that battle flying.
Thus came Arthur to his own kingdom
and the sea's passage with the sword conquered,
Gawain leading. Now his glory shone
as the star of noon stern and cloudless
o'er the heads of men to its height climbing
ere it fall and fail. Fate yet waited.
Tide was turning. Timbers broken,
dead men and drowned, a dark jetsam,
were left to lie on the long beaches;
rocks robed with red rose from water.

*

V

Of the setting of the sun at Romeril.

Thus Arthur abode on the ebb riding.
At his land he looked and longed sorely
on the grass again there green swaying,
to walk at his will, while the world lasted;
the sweet to savour of salt mingled
with wine-scented waft of clover
over sunlit turf seaward leaning,
in kindly Christendom the clear ringing
of bells to hear on the breeze swaying,
a king of peace kingdom wielding
in a holy realm beside Heaven's gateway.

On the land he looked lofty shining.
Treason trod there trumpets sounding
in power and pride. Princes faithless
on shore their shields shameless marshalled,
their king betraying, Christ forsaking,

to heathen might their hope turning.
Men were mustering marching southward,
from the East hurried evil horsemen
as plague of fire pouring ruinous;
white towers were burned, wheat was trampled,

the ground groaning and the grass withered.
There was woe in Britain and the world faded;
bells were silent, blades were ringing
hell's gate was wide and heaven distant.

Toll must he pay and trewage grievous,
the blood spending that he best treasured
the lives losing that he loved dearest;
there friends should fall and the flower wither
of fair knighthood, for faith earning
the death and darkness, doom of mortals,
ere the walls were won or the way conquered,
or the grass again there green springing
his feet should feel faring homeward.
Never had Arthur need or danger
tamed or daunted, turned from purpose
or his path hindered. Now pity whelmed him
and love of his land and his loyal people,
for the low misled and the long-tempted,
the weak that wavered, for the wicked grieving.
With woe and weariness and war sated,
kingship owning crowned and righteous

he would pass in peace pardon granting,
the hurt healing and the whole guiding,
to Btitain the blessed bliss recalling.
Death lay between dark before him
ere the way were won or the world conquered.

[The next sixteen lines were written more hastily on a separate slip of paper.]

For Gawain he called. Gravely speaking
dark thoughts he showed in his deep trouble.
'Liege and kinsman loyal and noble,
my tower and targe, my true counsel,
the path before us to peril leadeth.
We have won the water. The walls remain,
and manned with menace might defy they.
Do we rightly choose ruthless onset,
to traitor keeper toll of death
to pay for passage, no price counting,
on dread venture at disadvantage
all hope to hazard? My heart urgeth
that best it were that battle waited.
To other landing our arms leading
let us trust the wind and tide ebbing
to waft us westward.'

Here ends *The Fall of Arthur* in its latest form.

NOTAS SOBRE O TEXTO DE *A QUEDA DE ARTUR*

Canto I

1-9 Sobre a campanha do Rei Artur nas regiões do leste ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA.

33 *at last embayed* (uma correção a lápis de *embayed and leaguered*): O *Oxford English Dictionary* não registra tal significado de um verbo *embay*, mas o sentido obviamente é "encurralado".

44-50 Cavaleiros da Távola Redonda. Lionel e Ector (sobre os quais ver A EVOLUÇÃO DO POEMA), Bors e Blamore, eram parentes de Lancelot: Ector era seu irmão mais moço. Bedivere só é mencionado aqui em *A Queda de Artur*, mas sem dúvida ele teria desempenhado um papel após a batalha de Camlan, se meu pai tivesse chegado até esse ponto de sua narrativa (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA).

Marrac e Meneduc e Errac são mencionados em *Morte Arthure* aliterante entre os mortos de Camlan.

Reged era o nome de um reino esquecido no norte da Grã-Bretanha. Urien, rei de Reged, e seu filho Iwain (Ówein) parecem ter sido originariamente reis históricos, que se tornaram famosos nas guerras dos britânicos setentrionais contra os anglos no século VI.

Vários desses cavaleiros aparecem em *Sir Gawain and the Green Knight*: Lionel, Bors, Bedivere, Errac, Iwain filho de Urien (na tradução de meu pai, estrofes 6 e 24).

51 *o rápido Cador*: meu pai escreveu *fearless* [destemido], mas depois emendou por cima, a lápis, para *hasty* [apressado]. Pode-se supor que, ao fazer essa alteração, ele estivesse pensando no incidente descrito por Geoffrey de Monmouth, quando a carta do Imperador Lucius foi lida (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA). Geoffrey disse que Cador, Duque da Cornualha, era um homem "alegre" (*erat laeti animi*): irrompeu em riso nessa ocasião, instando para que fosse aceito o desafio romano, pois os britânicos tinham se tornado moles e preguiçosos. No *Brut*

de La3amon (V) Cador declarou *For nauere ne lufede ich longe grið inne mine londe* ("pois nunca amei longa paz em minha terra"), e por isso foi severamente repreendido por Gawain. Mas em *A Queda de Artur* (I.36-8) é Gawain quem

> anseia por guerra,
> pois no ócio seu olho inda vê o mal
> que a Távola Redonda outrora rompeu.

145 *Cradoc*: ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA.

160 *Selvagens os ventos dos rivais na Bretanha!* Ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA.

167 *Lochlan*: nome de uma terra na lenda irlandesa, que aqui parece sugerir um povo remoto hostil a Artur; é repetido em IV.204.

168 *Almain*: Alemanha; *Angel*: a antiga terra natal dos anglos na península dinamarquesa.

185, 191-2 *família de Ban*: o Rei Ban de Benwick na França era pai de Sir Lancelot; ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA.

203-4 *da florestal beira / à Ilha de Avalon*: ver O POEMA NÃO ESCRITO.

Canto II

12 *mort*: a nota tocada em uma trombeta à morte de um cervo caçado.

27 *Guinever*: o modo como meu pai grafava o nome da Rainha era muito variado. *Guinever* prepondera, mas no texto mais recente do Canto II, enquanto *Guinever* aparece nos versos 27, 135 e 143, está *Guinevere* em 194 e 211; e no texto anterior ao mais recente as grafias são *Guinevere, Gwenevere, Gwenever*.

52-3 *o tempo que resta / para espera não presta* [*Time is spared us / too short for shrift*]. Na mais antiga versão do canto o texto aqui diz *The seas spare us / a shrift too short* (A EVOLUÇÃO DO POEMA). O significado original de "short shrift" [despacho sumário] era um curto espaço de tempo para fazer uma confissão (*shrift*) antes de morrer; daí, uma breve prorrogação. Cf. II.68 *não deseja remissão* [*shrift he sought not*].

80 *Whitesand*: Wissant no Pas-de-Calais, entre Calais e Boulogne.

86 *Se armam com as ondas e a ira do vento*: isto é, esperam até que as ondas e o vento amainem.

101 *Logres*: o reino da Grã-Bretanha governado pelo Rei Artur.

107-8 *Erin*: Irlanda; *Alban*: Escócia; *East-Sassoin*: Saxônia Oriental. Para *Almain* e *Angel* ver nota a I.168.

198, 202-3 *Leodegrance*: rei de Camiliard em Gales, pai de Guinevere. A menção da Távola Redonda no verso 203; é uma referência à lenda de que ela foi feita para Uther Pendragon, pai de Artur. No *Tale of King Arthur* [*Conto do Rei Artur*] de Malory, Leodegrance soube por Merlin que Artur desejava ter Guinevere por esposa:

"Esta é para mim", disse o rei Leodegreauns, "a melhor notícia que

jamais ouvi, que um rei tão valoroso de proeza e nobreza queira desposar minha filha. E, quanto às minhas terras, eu lhas daria se soubesse que lhe agradariam, mas ele tem terras bastantes, não necessita de nenhuma. Mas hei de lhe enviar um presente que lhe agradará muito mais, pois lhe darei a Távola Redonda que Uther, seu pai, deu a mim."

'That is to me,' seyde kyng Leodegreauns, 'the beste tydynges that ever I herde, that so worthy a kyng of prouesse and noblesse wol wedde my doughter. And as for my londis, I wolde geff hit hym yf I wyste hyt myght please hym, but he hath londis inow, he nedith none. But I shall sende hym a gyffte that shal please hym muche more, for I shall gyff hym the Table Rounde which Uther, hys fadir, gaff me.'

Canto III

7 *Nas praias de Benwick*: ver nota a I.185.

29 *Grande é Gawain, grande como o sol de ouro*. Gawain é novamente comparado ao sol mais adiante no poema (III.177-9 "o sol descendo"; IV.223-4, "astro no ápice"), e "um levante sol" estava costurado na vela de seu navio (IV.142). Mas não há referência ao fato de sua força aumentar até o meio-dia e depois declinar, o que foi um elemento importante da história do cerco de Benwick, onde Lancelot o feriu gravemente quando sua força minguou (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA).

55-6 Estes versos são uma repetição muito próxima de II.28-9, e reaparecem na mesma forma em outro texto, onde são postos na boca de Sir Lionel (O POEMA NÃO ESCRITO). Seu aparecimento mais precoce é na terceira sinopse, A EVOLUÇÃO DO POEMA.

62 *arde como aço*: palavras semelhantes foram aplicadas a Lancelot no verso 26 deste canto.

No manuscrito tal como foi redigido a leitura era *Strong oaths she broke* [Altas juras rompeu ela], alterado a lápis para *they broke* [romperam eles], ver A EVOLUÇÃO DO POEMA.

68 ss. Para a história brevemente sugerida aqui ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA ss.

69-70 *Agravain the dour-handed* [Agravain da mão dura] traduz *Agravain a la dure mayn* (como ele é chamado em *Sir Gawain and the Green Knight*, verso 110), usando *dour* em seu antigo sentido de "duro".

82-3 *Gaheris e Gareth*: ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA.

86 Aqui e no verso 156, a palavra *battle* [combate] é usada no sentido de "ordem de batalha".

140-2 Estes versos são uma repetição de 15-16, 18 neste canto.

148 *o Lorde de Logres*: o Rei Artur.

29 *fewte*: a pista de um animal caçado. A palavra ocorre nos relatos de caçadas em *Sir Gawain and the Green Knight*, como, por exemplo, *Summe fel in þe fute þer þe fox bade*, na tradução de meu pai (estrofe 68) *Some* [of the hounds] *fell on the line to where the fox was lying* [Alguns [dos sabujos] entraram na linha onde estava a raposa].

41 *Romeril*: Romney em Kent (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA).

43 Uma repetição parcial de II.108.

68 *Leodegrance*: ver nota a II.198.

98-9 *em fusco fundo a flor de lírio*: ver nota a IV.134.

126-8 De acordo com Geoffrey de Monmouth, havia pintada no interior de Prydwen, escudo de Artur (ver nota a IV.186), uma imagem da Virgem Maria, para que ele nunca deixasse de pensar nela; e na *Morte Arthure* aliterante o principal estandarte de Artur antes da grande batalha naval é assim descrito:

> Mas havia no lugar principal uma donzela branca
>
> [como cal
>
> e uma criança em seu braço, que é o senhor do céu.
>
> *Bot thare was chosen in the chefe a chalke-whitte mayden*
>
> *and a childe in hir arme, that chefe es of hevynne.*

Em *Sir Gawain and the Green Knight* a mesma coisa é dita de Sir Gawain, que por causa de sua devoção a Maria tinha (na tradução de meu pai, estrofe 28)

no lado interno do escudo a sua imagem pintada,
de modo que olhando para ali sua coragem nunca
[esmorecia.
on the inner side of his shield her image depainted,
that when he cast his eyes thither his courage never failed.

134 *flor-de-lis* [*flower-de-luce*, ou *fleur-de-lys*], o lírio heráldico, o estandarte de Benwick (132); cf. IV.98, *em fusco fundo a flor de lírio* [da família de Ban], e IV.158, *nem Lancelot, o dos lírios*.

144 *um grifo fogoso*. O emblema do grifo (um animal com cabeça e asas de águia e corpo de leão) é associado ao brasão de Gawain na *Morte Arthure* aliterante (*gryffoune of golde*: ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA); e em anotações para a continuação do poema para além do ponto alcançado (O POEMA NÃO ESCRITO) está dito que seu escudo trazia a imagem de um grifo.

186 *Prydwen* era o nome dado ao escudo de Artur por Geoffrey de Monmouth (ver nota a IV.126-8), seguido por La3amon no *Brut* (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA), mas na antiga poesia galesa era o nome de seu navio, assim como aqui.

O POEMA
NA TRADIÇÃO ARTURIANA

O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA

Mais de sete séculos haviam se passado desde que as legiões romanas partiram da Grã-Bretanha quando, em meados do século XII, provavelmente por volta de 1136, surgiu uma obra intitulada *Historia Regum Britanniae,* de autoria de Geoffrey de Monmouth (que, aliás, tem uma aparição momentânea na obra de meu pai *The Notion Club Papers*, publicada em *Sauron Defeated*, pp. 192, 216). Dessa História dos Reis Britânicos foi dito (por Sir Edmund Chambers, em 1927) que "nenhuma obra da imaginação, exceto a *Eneida*, fez mais para dar forma à lenda de um povo". O uso da palavra "imaginação" foi proposital. Diz-se que o livro de Geoffrey de Monmouth foi a fonte da tradição "histórica" (oposta à "romanceada") do Rei Artur, mas a palavra é muito enganosa a não ser que se compreenda no sentido de que a obra de Geoffrey, embora repleta de maravilhas e extravagâncias embutidas em uma estrutura totalmente não histórica, era em "modo histórico" (crônica narrativa de eventos em latim, sobriamente relatada), mas essa não era, de maneira nenhuma, a sua substância: portanto, "pseudo-histórica" é o termo que se aplica a ela.

Nessa obra a história dos britânicos foi acompanhada durante mais de mil e novecentos anos, e a vida do Rei Artur constitui apenas um quarto de sua extensão. "Uma das mais descaradas e bem-sucedidas fraudes do mundo", foi como a chamou o eminente estudioso R. S. Loomis (*The Development of Arthurian Romance*, 1963). Porém, na mesma obra ele escreveu também:

> Quanto mais estudamos a *História dos reis da Grã-Bretanha* e os métodos de sua composição, mais nos espanta a impudência do autor, e mais nos impressiona a sua esperteza, a sua arte. Escrito em estilo polido mas não ornamentado, demonstrando bastante harmonia com as autoridades eruditas e as tradições aceitas, livre das mais ousadas extravagâncias dos *conteurs*, baseado evidentemente num manuscrito muito antigo, não é de espantar que o *magnum opus* de Geoffrey tenha desarmado o ceticismo e tenha sido bem recebido pelo mundo erudito.

Seu sucesso e sua ampla aceitação foram um fenômeno literário da mais

extraordinária natureza. Não sei como meu pai avaliava a obra. Sem dúvida ele teria aceitado o julgamento de seu amigo R. W. Chambers, que escreveu tratar-se de "um dos livros mais influentes jamais escritos neste país". É bem provável que concordasse com C. S. Lewis quando este condenou explicitamente a parte arturiana da obra em um ensaio de publicação póstuma, *The Genesis of a Medieval Book* [A Gênese de um Livro Medieval] (*Studies in Medieval and Renaissance Literature*, 1966):

> É claro que Geoffrey é importante para os historiadores da Lenda Arturiana; mas, visto que o interesse principal desses historiadores poucas vezes foi a literatura, nem sempre eles se lembraram de nos contar que ele era um autor de talento medíocre e mau gosto. Nas partes arturianas da obra, a porção do leão recai sobre o insuportável palavrório das profecias de Merlin e as conquistas de Artur no estrangeiro. Estas últimas, é claro, são a coisa menos histórica e, ao mesmo tempo, menos mitológica sobre Artur. Se existiu um Artur de verdade, ele não conquistou Roma. Se a história tem raízes no paganismo celta, essa campanha não é uma dessas raízes. É ficção. E que ficção! Podemos sustar nossa descrença diante de um gigante ou uma feiticeira ocasionais. Eles têm amigos em nosso subconsciente e em nossas memórias mais remotas; a imaginação facilmente consegue supor que o mundo real tenha um lugar para eles. Mas vastas operações militares rabiscadas sobre todo o mapa da Europa e excluídas de toda a história que conhecemos são coisa diversa. Não conseguimos sustar nossa descrença. Nem queremos. Os anais da agressão sem sentido e monotonamente bem-sucedida são de leitura bastante enfadonha mesmo quando verdadeiros; quando são flagrante e estupidamente falsos, ficam insuportáveis.

Mas desde as primeiras linhas de *A Queda de Artur* vê-se que meu pai estava se afastando radicalmente da história da última campanha estrangeira de Artur, conforme contada por Geoffrey de Monmouth e seus sucessores. Mostro aqui um relato muito condensado de sua narrativa, sem nenhuma discussão das fontes literárias e tradicionais em que se baseou, visto que meu objetivo é primordialmente o de observar como *A Queda de Artur* se situa em relação à tradição heroica, de "crônicas", iniciada por ele.

Na sua história, Artur, coroado rei da Grã-Bretanha aos quinze anos, após a morte de seu pai, Uther Pendragon, iniciou imediatamente uma campanha para

subjugar os odiados e odientos saxões, e após diversas batalhas a última se travou em Bath, em Somerset. Artur levava seu escudo Pridwen, que trazia pintada a imagem da Virgem Maria, sua espada Caliburn, que fora forjada na ilha de Avalon, e na cabeça tinha um elmo dourado com uma cimeira esculpida em forma de dragão. Nessa batalha Artur penetrou nas fileiras saxãs e matou de um só golpe todos os homens que atingiu com Caliburn, até que não menos de quatrocentos e setenta saxões jazessem mortos apenas por sua mão.

Depois que os saxões fugiram para se esconder em florestas, cavernas e montanhas, Artur voltou-se para o aniquilamento dos invasores pictos e escoceses; e, "quando restaurara toda a terra da Grã-Bretanha à sua antiga dignidade", casou-se com Guinevere, "nascida de nobre família romana", a mais bela de todas as mulheres britânicas. No ano seguinte conquistou a Irlanda e a Islândia, e os reis da Gotlândia e das ilhas Orkney aceitaram seu domínio sem que fosse desferido nenhum golpe. Depois de mais doze anos, a Noruega e a Dinamarca foram selvagemente passadas a fogo e espada pelos britânicos, e subjugadas ao reinado do Rei Artur; e todas as regiões da Gália lhe estavam sujeitas.

Do modo como Geoffrey de Monmouth o representou, era agora um monarca muito poderoso, invicto na batalha, um nome de respeito por toda a Europa, com cavaleiros e casa que eram modelo e padrão da cavalaria e da vida na corte; e na volta da Gália instalou na cidade de Caerleon-upon-Uskem Glamorgan uma alta corte e um festival de extraordinária magnificência, sem a ausência de nenhum monarca de renome das terras e ilhas do Ocidente. Mas antes que terminasse surgiram enviados de Roma trazendo uma carta para Artur, do Imperador Lucius Hiberius. Nessa carta Lucius exigia que o próprio Artur fosse a Roma para se submeter a julgamento e punição pelos males que cometera ao reter o tributo devido pela Grã-Bretanha, e pela tomada das terras tributárias do Império; e, se ele não fosse, Roma mover-se-ia contra ele.

Artur respondeu que iria, sim, a Roma, mas com o fim de exigir dos romanos a penalidade que demandavam dele. Então Lucius mandou que os reis do Ocidente preparassem seus exércitos e o acompanhassem à conquista da Grã-Bretanha; e o número de homens nessa poderosa força armada era de precisamente quatrocentos mil e cento e sessenta. Contra eles o Rei Artur levantou grande hoste e pôs a defesa da Grã-Bretanha, em sua ausência, nas mãos do sobrinho Mordred e da Rainha Guinevere.

Condensando ainda mais a narrativa de Geoffrey de Monmouth, e deixando as

palavras de C. S. Lewis servirem de sumário, o fim da "Guerra Romana" foi uma grande vitória para os britânicos e a morte do Imperador Lucius; e Artur já estava nos Alpes a caminho de Roma quando teve notícia de que Mordred usurpara a coroa e vivia em adultério com Guinevere. Aqui Geoffrey de Monmouth se cala de repente: nada diria desse assunto, escreveu. Cumpriu sua promessa; e após o desembarque do Rei Artur em Richborough, na costa de Kent, passou rapidamente por batalhas contra Mordred, em que Mordred e Gawain foram assassinados e Artur mortalmente ferido. De Guinevere nada disse exceto que fugiu desesperada para Caerleon e lá se tornou freira; e de Artur somente que foi levado à Ilha de Avalon para lhe tratarem os ferimentos. De Sir Lancelot não há nenhuma menção na *Historia Regum Britanniae*.

Essa foi a história da tradição de "crônica" ou da tradição "pseudo-histórica" do Rei Artur, derivada de Geoffrey de Monmouth: no *Roman de Brut* do poeta normando Wace, que surgiu por volta da morte de Geoffrey (1155), e na geração seguinte o longuíssimo poema chamado *Brut*[a], composto por volta do início do século XIII pelo inglês La3amon, sacerdote da paróquia de Ernleye (Arley Regis) à margem do Severn em Worcestershire, seguindo Wace, porém independentemente.

*

A Morte Arthure *aliterante*

Foi essa também a história numa obra de certa importância, como veremos adiante, na narrativa de *A Queda de Artur*. Trata-se de um notável poema da "renascença aliterante" do século XIV, comumente chamada de *Morte Arthure* aliterante. Em *Sir Gawain and the Green Knight, Pearl and Sir Orfeo* [Sir Gawain e o Cavaleiro Verde, Pérola e Sir Orfeo] citei as palavras de meu pai a respeito da

> antiga métrica inglesa que descende da antiguidade, esse tipo de verso que agora se chama "aliterante". Visava efeitos bem diferentes dos obtidos pelas métricas rimadas, com contagem de sílabas, derivadas da França e da Itália; parecia severa, rígida e grosseira aos que não estavam acostumados com ela. E, muito distante do caráter (pelo ponto de vista londrino) dialetal da língua, essa poesia "aliterante" incluía em sua dicção diversas palavras poéticas especiais, jamais usadas em fala ou prosa

comum, que eram "obscuras" aos que fossem exteriores à tradição.

> Em poucas palavras, esse poeta [o autor de *Sir Gawain and the Green Knight*] aderia ao que agora se conhece por Renascença Aliterante do século XIV, a tentativa de usar a antiga métrica e o estilo nativos, que há muito se haviam tornado rústicos para textos elevados e sérios; e pagou a pena por seu fracasso, pois a poesia aliterante acabou não renascendo. As marés do tempo, do gosto, do idioma, sem mencionar o poder político, o comércio e a riqueza, eram contrárias a ela.

A *Morte Arthure* aliterante é um longo poema de mais de 4.000 versos, de data incerta, mas geralmente atribuído ao final do século XIV, e conhecido apenas por um manuscrito feito por Robert Thornton, na biblioteca da Catedral de Lincoln[b]. As fontes do poeta desconhecido foram objeto de muita discussão, mas para nossos propósitos basta dizer que quanto à sua estrutura narrativa o poema deriva da tradição da *Historia Regum Britanniae*. Começa pelo grande banquete oferecido pelo Rei Artur ao qual compareceram os enviados de "Sir Lucius Iberius, Imperador de Roma", e dedica-se em grande parte à descrição da guerra de Artur contra os romanos e seus aliados. É de fato um poema "heroico", uma *chanson de geste*, um poema de guerra (porém não exclusivamente), de campos de batalha e embates ferozes, dos horrores da espada vistos com nua clareza – cenas da Guerra dos Cem Anos. Um breve trecho pode servir de ilustração. Enquanto Geoffrey de Monmouth conta que Lucius foi morto por um cavaleiro desconhecido, neste poema ele morre pelas mãos de Artur, e a proeza do Rei é assim descrita:

> Então o imperador golpeia Artur avidamente,
> Com um golpe na viseira, e com avidez o atinge!
> A espada nua no nariz o fere gravemente,
> O sangue do rei audaz escorre sobre o peito,
> Ensanguentados todo o largo escudo e as malhas brilhantes!
> Nosso rei audaz vira o cavalo com a brilhante rédea,
> Com a forte espada desfere-lhe um golpe,
> Através da couraça e do peito com a brilhante arma,
> Em viés, descendo pelo esterno, retalha de imediato!
> Assim termina o imperador pelas mãos de Artur...

The emperour thane egerly at Arthure he strykez,
Awkwarde on the umbrere, and egerly hym hittez!
The nakyde swerd at the nese noyes hym sare,
The blode of [the] bolde kynge over the breste rynnys,
Beblede al the brode schelde and the bryghte mayles!
Oure bolde kynge bowes the blonke by the bryghte brydylle,
With his burlyche brande a buffette hym reches,
Thourghe the brene and the breste with his bryghte wapyne,
O-slante doune fro the slote he slyttes at ones!
Thus endys the emperour of Arthure hondes ...

Após a morte do Imperador na última grande batalha da guerra contra os romanos, a *Morte Arthure* aliterante se estende por muitas centenas de versos em relatos de outras campanhas de agressão lideradas por Artur, não encontrados em Geoffrey de Monmouth, até encontrarmos o Rei ao norte de Roma, no vale de Viterbo "entre as vinhas", e "jamais houve homens mais alegres nesta terra".

Nesse lugar muito agradável, enviados de Roma foram ter com Artur para implorar paz, entre eles o "mais nobre cardeal que à corte pertencia", trazendo uma proposta de que o Papa o coroaria em Roma como soberano e senhor. Então o Rei Artur está glorificado no esplendor do sucesso. E, dizendo agora Roma lhes pertence e que lá será coroado no Natal, meteu-se na cama, exausto por falta de sono.

Porém após a meia-noite mudou todo o seu humor;
Nas horas da manhã teve sonhos muito estranhos!
E quando esse sonho terrível estava terminando
O rei jaz imóvel de medo, como se fosse morrer;
Manda buscar filósofos e conta do seu pavor.

But be ane aftyre mydnyghte alle his mode changede;
He mett in the morne-while fulle mervaylous dremes!
And when his dredefulle drem was drefene to the ende,
The kynge dares for dowte, dye as he scholde;

Sendes aftyre phylosophers, and his affraye telles.

Eu disse que a *Morte Arthure* aliterante é um poema heroico que celebra Artur, acima de tudo um poema de batalhas; mas, quando ele já vai bem adiantado, torna-se patente que foi com o sonho de Artur entre os vinhedos do vale de Viterbo que se completou o desígnio maior do autor. Esse sonho, conforme o descreveu a seus "filósofos" ao acordar apavorado, era uma visão elaborada e ornamentada da Roda da Fortuna, onde estão assentados oito dos "Nove Ilustres" ou "Nove Heróis", os grandes monarcas e conquistadores da história: sobre isso faço aqui um relato muito abreviado.

Sonhou que estava sozinho, perdido numa floresta cheia de lobos e javalis selvagens, e de leões que lambiam o sangue de seus fiéis cavaleiros; fugindo, porém, encontrou-se num prado das montanhas, "o mais alegre da terra-média que os homens possam contemplar", e viu descendo das nuvens uma deusa com vestes magníficas, a corporificação da Fortuna, trazendo nas mãos uma roda de ouro e prata que ela girava nas mãos brancas. Artur viu que no topo da Roda da Fortuna havia "uma cadeira de prata branca como giz", de onde haviam caído seis reis que agora se agarravam ao círculo externo da roda, com as coroas quebradas, cada um por sua vez lamentando ter caído de tais alturas de grandeza e poder; e dois reis escalavam para reivindicar o assento elevado no cume da roda. Então a senhora Fortuna ergueu Artur até esse assento, dizendo-lhe que por meio dela ele ganhara todas as suas honrarias de guerra, que o escolhera para se sentar na alta cadeira, e tratando-o como "soberano na terra". Mas de repente, "ao meio-dia", mudou seu comportamento com relação a ele e disse: "Viveste o bastante em delícia e domínio", e "em torno de ti gira a roda, e me gira para baixo", de forma que todo o seu corpo foi esmagado; e ele despertou.

O filósofo que interpretou seu sonho disse-lhe com palavras ásperas que estava no ponto máximo da sorte e agora deveria cair.

Derramaste muito sangue, e destruíste homens,
Sem culpa, por arrogância, nas terras de muitos reis;
Confessa tua vergonha, e prepara-te para o fim!
Tiveste uma visão, senhor rei, cuida-te se quiseres,
Pois cairás violentamente daqui a cinco invernos!

Thow has schedde myche blode, and schalkes distroyede,

Sakeles, in cirquytrie, in sere kynges landis;
Schryfe the of thy schame, and schape for thyne ende!
Thow has a schewynge, sir kynge, take kepe yif the lyke,
For thow sall fersely falle within five wynters!

E, tendo explicado em detalhes o significado do que vira em sonho o Rei Artur, o sábio declarou que os animais selvagens da floresta eram homens malvados que entraram em suas terras para atormentar seu povo, e alertou-o de que em dez dias ouviria notícias de que um mal ocorrera na Grã-Bretanha depois da sua partida. Exortou o rei a se arrepender dos feitos injustos, a "emendar seu humor" (ou seja, a mudar seu intento) e a humildemente suplicar misericórdia antes que o infortúnio o acometesse.

Então Artur se ergueu e, depois de se vestir (sete versos são dedicados a uma descrição detalhada de seus trajes magníficos), partiu para caminhar a sós; e ao nascer do sol encontrou um homem trajado com roupas humildes (às quais se dedica o mesmo número de versos) que o identificavam como peregrino a caminho de Roma. Dirigindo-se a ele, Artur soube que era Sir Cradoc, conhecido por ele como "cavaleiro de sua câmara, guardião de Caerleon". Na história de Geoffrey de Monmouth não está dito como Artur ficou sabendo da traição de Mordred, mas no poema esse era o propósito expresso da viagem de Sir Cradoc (e foi Sir Cradoc quem trouxe a notícia em *A Queda de Artur*, I.145). Contou que Mordred se coroara Rei da Grã-Bretanha, tomara castelos, preparara uma grande frota ao largo de Southampton, trouxera dinamarqueses e saxões, pictos e sarracenos para governarem o reino, e, pior de todos os seus feitos, casara-se com Guinevere e gerara um filho.

A partir desse ponto a narrativa de *Morte Arthure* aliterante prossegue por cerca de oitocentos versos. Voltarei a este ponto e à sua relação com *A Queda de Artur* (ver ABAIXO ss.).

*

É uma característica notável da história arturiana inglesa que o quinto livro de Sir Thomas Malory (na numeração de Caxton), *The Tale of the Noble King Arthur that was Emperor Himself* [O Conto do Nobre Rei Artur Que Foi Ele Próprio Imperador], baseou-se muito de perto na *Morte Arthure* aliterante (e em nenhuma outra fonte): ele tinha o manuscrito à sua frente ao redigir sua judiciosa

versão em prosa (porém, tinha acesso a um manuscrito mais autêntico nos detalhes do que o de Lincoln escrito por Robert Thornton).

O professor Eugène Vinaver, em sua grande edição (*The Works of Sir Thomas Malory* [As Obras de Sir Thomas Malory], três volumes, 1947), demonstrou que esse conto foi de fato o primeiro escrito por Malory e argumentou que, "ao contrário da opinião geralmente aceita, ele se familiarizou de início com a lenda arturiana a partir não de 'livros franceses', mas de um poema inglês, a *Morte Arthure* aliterante" (Vinaver, I, xli).

Com bem mais de mil versos da *Morte Arthure* aliterante ainda pela frente, Malory a abandonou abruptamente, no ponto em que Artur, acampado perto de Viterbo, recebeu os enviados romanos que chegaram em busca da paz, com a oferta de coroação pelo Papa. A partir daí, Malory chegou rapidamente ao fim de seu conto. Artur foi devidamente coroado Imperador e logo depois retornou à Grã-Bretanha. Aportou em Sandwich, na costa de Kent, e "quando a rainha Guenyvere ouviu falar de sua chegada encontrou-o em Londres". No começo do conto Malory omitiu todas as referências ao fato de Artur ter nomeado seu sobrinho Mordred como regente durante sua ausência; e agora, no final, deixou de lado toda a história da traição de Mordred, do adultério de Guinevere e da queda de Artur. E com isso, é claro, foi-se o sonho da Roda da Fortuna. Ao escrever esse conto, Malory não estava interessado em representar a história do Rei Artur como tragédia de um herói presunçoso.

Veremos que no primeiro canto de *A Queda de Artur* meu pai preservava a ideia narrativa essencial da tradição de "crônica" ou tradição "pseudo-histórica", a grande expedição do Rei Artur rumo ao leste, por mar. Mas seu poema entra imediatamente *in medias res*, sem nenhuma ambientação introdutória ou motivo imediato:

> Artur partiu ao oriental combate
> e trava batalha em terras selvagens,

pois

> A sina tecida maliciosa o impele.

Está ausente o grande banquete realizado em Caerleon para festejar as vitórias de Artur, remontando a Geoffrey de Monmouth, e junto com ele a chegada dos

enviados romanos com a carta ameaçadora do Imperador, que forneceu o motivo para a última campanha do Rei dos Britânicos. Em *A Queda de Artur* não há vestígio desse conceito. Longe de ser o apogeu das realizações de sua vida como o conquistador que derrotou os exércitos romanos e fez com que os emissários romanos implorassem pela paz, "do reino de Roma a derrota quer evitar" (I.4).

As metas e a extensão da campanha são de fato um tanto obscuras. De início fica claro que a intenção de Artur era atacar os piratas saxões em seus próprios covis, e parece razoável, portanto, supor que "o reino de Roma" que ele defenderia contra eles seria certamente o reino da Grã-Bretanha romana; porém, parece-me que um horizonte mais amplo é sugerido pela referência à Floresta das Trevas (I.68, 132). Não sei dizer se meu pai pretendia um significado mais preciso ao usar esse nome, antigo e lendário, para denotar uma escura floresta limítrofe que separava povos, mas já que a hoste de Artur marchou "das fozes do Reno / por reinos infindos" (I.43) e se movimentou "avante, ao levante" (I.62), e já que a Floresta das Trevas "em desabitados outeiros altíssima está / vasta, invicta" (I.70-1), parece que estavam então bem a leste das regiões de assentamento dos saxões; e isso é solidamente confirmado pelas palavras de Sir Cradoc (I.153-4): "Empenhas-te em prélios com povos bravios / no leste desolado..."

Também é notável que nos cem versos do primeiro Canto do poema, desde o começo da expedição de Artur, no verso 39, até a chegada de Sir Cradoc com más novas, existe (exceto por "Adversários à frente, as flamas os seguem", I.61) apenas uma referência à destruição de moradas pagãs pela hoste invasora (I.41-3):

> Castelos e templos de gentios reis
> sua potência ataca, com vitória marchando
> das fozes do Reno por reinos infindos.

Meu pai parece disposto, isso sim, a expressar um mundo hibernal e hostil de tempestades e gelo, onde "clamam os corvos nas encostas de rocha", desabitado exceto por "inimigos fantasmáticos com desumanas vozes" e lobos uivando, um mundo ameaçador em que (I.134-6)

> Agarra-os o pavor,

miram e medem esse mundo de sombras
insólito, desconhecido, e silenciam.

Ademais, essa sensação de vasto perigo iminente acompanha as afirmativas do poeta de que o propósito declarado de Artur é assunto da mais grave consequência, uma grande jogada heroica contra o destino:

Pra voltar atrás do tempo a maré
a esperança o carrega, os hereges derrotar (I.5-6)

– com eco nos versos I.176-9, após receber a notícia da traição de Mordred:

Do alto do ânimo foi íngreme a queda,
predizendo no coração o desastre de sua casa,
o mundo costumeiro desmonta-se e acaba,
voltou-se contrária do tempo a maré.

Assim, também, Gawain conduzindo a hoste "qual investida derradeira de cidade cercada" é

socorro e alcácer na queda do mundo. (I.55)

E mais tarde (II.147-9) Mordred sabe que

O tempo já muda;
regredindo o ocidente, com poder vem um vento
do leste que se nobilita. Desfalece o mundo.

Certamente é a queda de Roma e da cristandade romana que eles veem se aproximando na "maré do tempo".

Mas, seja qual for a interpretação que se dê a esses aspectos de *A Queda de Artur*, fica claro que a grande expedição de Artur ao Continente, mesmo sendo tão sem raiz histórica quanto o ataque ao poder romano em Geoffrey de Monmouth e seus sucessores, está mais intimamente situada nas circunstâncias históricas das quais surgiu a lenda arturiana: a luta dos britânicos no século V contra os invasores germânicos. Em *A Queda de Artur* a marca do inimigo é ser pagão. Esse é o destino do capitão de mar frísio que levou a Mordred a notícia do

retorno de Artur à Grã-Bretanha (II.89-93):

> Radbod, o Rubro, pirata destemido,
> fiel ao ódio, de ânimo pagão,
> morreu, foi seu rumo. A aurora é escura.
> Ao mar o remetem, sem temer por seu espírito
> que anda pelas águas, uma alma sem lar.

Ele se foi à "trilha do inferno" (II.67). Assim, os bárbaros pagãos são despachados à perdição inevitável na métrica que os bárbaros trouxeram às terras conquistadas. *Selvagens os ventos dos rivais na Bretanha!,* diz Sir Cradoc quando está contando a Artur (I.160) sobre os navios-dragão pagãos que acometem as costas sem vigilância; e cinco séculos mais tarde Torhthelm, em *The Homecoming of Beorhtnoth*, repete suas palavras referentes aos normandos:

> Assim tombou o último da linhagem de condes,
> há longo tempo descendentes de senhores saxões,
> que navegaram os mares, como nos contam as canções,
> desde Angel no leste, com espadas ávidas
> golpeando os galeses na bigorna da guerra.
> Aqui ganharam reinos e reinados reais,
> E nos dias de antanho conquistaram esta ilha.
> E agora do Norte retorna a necessidade:
> *selvagem o vento da guerra na Bretanha!*

> *So the last is fallen of the line of earls,*
> *from Saxon lords long-descended,*
> *who sailed the seas, as songs tell us,*
> *from Angel in the east, with eager swords*
> *upon war's anvil the Welsh smiting.*
> *Realms here they won and royal kingdoms,*
> *and in olden days this isle conquered.*
> *And now from the North need comes again:*

wild blows the wind of war to Britain!

Um traço característico do primeiro Canto de *A Queda de Artur* diz respeito a Mordred, que bem no início da narrativa é retratado como alguém que em seu "mal" apoia o Rei Artur na resolução de levar a guerra até as terras dos povos bárbaros, pois por trás de suas palavras havia uma intenção oculta (I.27-9):

E a Bretanha ditosa, o teu amplo reino,
eu a levo ilesa, té que logo retornes.
Fiel tu me achas.

Ao passo que Geoffrey de Monmouth não dedicou mais de uma única sentença ao assunto ("Entregou a tarefa de defender a Grã-Bretanha a seu sobrinho Mordred e à sua Rainha Guinevere"), na *Morte Arthure* aliterante o rei é notavelmente prolixo ao expor o ônus – e Mordred pede (sem êxito) para ser liberado dele e ter permissão de acompanhar Artur à guerra. Não há indício do que está por vir. Em *A Queda de Artur* está dito que Sir Gawain não tinha suspeita de "engano nem engodo" no "ousado conselho" de Mordred, pois (I.36-8)

anseia por guerra,
pois no ócio seu olho inda vê o mal
que a Távola Redonda outrora rompeu.

Com essas palavras meu pai introduziu na narrativa um elemento que a distancia totalmente das obras da tradição de "crônica". Alguns versos depois (I.44-5) está dito que Lancelot e outros cavaleiros não estavam com Artur em sua campanha, e adiante, no mesmo primeiro Canto, após ter ouvido da boca de Sir Cradoc a notícia da traição de Mordred, o Rei Artur consulta Sir Gawain (I.180 ss.) e lhe diz da grande falta que sente de Sir Lancelot e "das fortes espadas da família de Ban", e que acredita ser mais sábio mandar uma mensagem à gente de Lancelot, pedindo seu auxílio. Sir Gawain discorda severamente.

Nada disso é compreensível da forma como foi escrito, e é bem provável que meu pai supusesse alguma familiaridade, por parte do leitor, com a história de Lancelot e Guinevere. As causas do estranhamento entre Artur e Lancelot aparecem, de fato, no terceiro Canto do poema, porém de modo muito oblíquo.

Estaria muito fora da minha intenção iniciar aqui um relato das "linhagens" ou

"correntes" da lenda arturiana medieval, por um lado a tradição "pseudo-histórica" ou de "crônica", e por outro a vasta evolução "romântica" da "Matéria da Bretanha" na prosa e poesia francesas. Estou preocupado apenas em indicar as características do tratamento dado por meu pai à lenda de Lancelot e Guinevere.

Já observei que na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth não há menção alguma a Sir Lancelot. Na *Morte Arthure* aliterante ele aparece diversas vezes, mas em quase todos os casos é mencionado apenas como um dos principais cavaleiros da Távola Redonda[c]. Sobre sua aparição em *Tale of the Noble King Arthur that was Emperor Himself* de Malory (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA acima), o prof. Vinaver observou:

> O relato de Malory dá a impressão de que Lancelot nada mais é que um guerreiro, e de que todas as suas grandes qualidades da mente e do coração devem ser postas para sempre a serviço de seu rei. Nenhum leitor [do Conto de Malory] deduziria daí que Lancelot foi desde o início um herói da corte, que fez suas primeiras aparições no romance medieval como defensor da *courtoisie*, e que foi como protagonista do *Conte de la Charette*[d] de Chrétien de Troyes que conquistou sua fama mundial.
>
> Por ter sido conhecido apenas como cavaleiro cortês, Lancelot foi muito pouco atraente para os primeiros autores ingleses: nele encontraram pouca coisa que apoiasse e ilustrasse seu tratamento épico do romance arturiano. O autor da *Morte Arthure* [aliterante], sem dúvida por esse mesmo motivo, relegara Lancelot a relativa insignificância. A atitude de Malory foi de início mais ou menos a mesma: sua mente, como a de seus antecessores ingleses, ocupava-se com problemas do heroísmo humano, não com os sutis temas do comportamento cortês. E, visando restaurar a fama de Lancelot, ele o transformou em um genuíno herói épico, mais semelhante ao Gawain da *Morte Arthure* do que ao "cavaleiro da carroça" de Chrétien. Não sabemos a quanto da tradição francesa ele tinha acesso direto quando escreveu seu *Tale of Arthur and Lucius* [Conto de Artur e Lucius]. É certo que naquela época era primordialmente um escrito épico, relutante e talvez até mesmo incapaz de seguir a cavalaria errante romantizada e compreender seu fascínio. A grande aventura dos livros franceses ainda não começara.

De Lancelot em *A Queda de Artur*, apresentado de modo tão alusivo, pode-se dizer de imediato que ele não é um vulto fantástico oriundo da "cavalaria errante romantizada"; e a fonte da história que apresentava não é duvidosa. No romance em prosa francês intitulado *Mort Artu*, o tema do amor adúltero de Sir Lancelot e da Rainha Guinevere foi combinado com o da traição de Mordred e da queda do Rei Artur. A *Mort Artu* foi a fonte de um poema inglês do século XIV chamado *Le Morte Arthur*, comumente referido como a *Morte Arthur em estrofes* (para distingui-la da *Morte Arthure* aliterante), um longo poema de quase 4.000 versos composto em estrofes de oito versos. Sir Thomas Malory fez uso tanto da *Mort Artu* quanto do poema inglês, consultando-os e comparando-os minuciosamente para obter a estrutura narrativa na qual baseou seu último livro, *The Morte Arthur* [A Morte Arthur] propriamente dita[e].

*

A Morte Arthur em estrofes e o Conto da Morte de Artur de Malory

Recontarei aqui brevemente a narrativa de Malory, mas antes citarei algumas estrofes do poema inglês, desde o início da tragédia final, para dar uma ideia de seu modo e forma.

> Chegou um tempo, a bem dizer,
> Em que os cavaleiros foram ao aposento e disseram,
> Tanto Gaheriet quanto Sir Gawain,
> E Mordreite, que pouco sabia de desgraça;
> "Ai", disse então Sir Agrawayne,
> "Como havemos de nos tornar homens falsos,
> E por quanto tempo havemos de esconder e dissimular
> A traição de Launcelote du Lake!
>
> Bem sabemos, sem dúvida,
> Que o rei Artur é nosso tio,
> E Launcelote se deita com a rainha;
> Ele é traidor contra o rei,
> E isso toda a corte junta sabe,

E o ouvem e veem todos os dias:
Devemos contá-lo ao rei,
Se ele quiser seguir o meu conselho."

"Bem sabemos", disse sir Gawayne,
"Que somos parentes do rei,
E Launcelot é de tão pouca força
Que tais palavras melhor não seriam ditas;
Bem sabes tu, irmão Agrawayne,
Que isso só nos haveria de trazer dano;
Mas seria melhor esconder e dissimular
Que assim começar guerra e desgraça."

A tyme befelle, sothe to sayne,
The knyghtis stode in chambyr and spake,
Both Gaheriet, and syr Gawayne,
And Mordreite, that mykelle couthe of wrake;
'Allas,' than sayde syr Agrawayne,
'How fals men schalle we us make,
And how longe shalle we hele and layne
The treson of Launcelote du Lake!

Wele we wote, wythouten wene,
The kynge Arthur oure eme sholde be,
And Launcelote lyes by the quene;
Ageyne the kynge trator is he,
And that wote alle the curte bydene,
And iche day it here and see:
To the kynge we shulde it mene,
Yif ye wille do by the counselle of me.'

'Wele wote we,' sayd sir Gawayne,

‘That we are of the kyngis kynne,
And Launcelot is so mykylle of mayne,
That suche wordys were better blynne;
Welle wote thou, brothyr Agrawayne,
Thereof shulde we bot harmys wynne;
Yit were it better to hele and layne,
Than werre and wrake thus to begynne.

A primeira cena, assunto destas estrofes, é assim apresentada por Malory:

> ocorreu no mês de maio fúria grande e desastrosa, que não se acalmou até estar destruída e morta a flor da cavalaria do mundo. E foi tudo devido a dois perniciosos cavaleiros que se chamavam sir Aggravayne e sir Mordred, irmãos de sir Gawayne. Por isso sir Aggravayne e sir Mordred sempre tiveram ódio particular da rainha, a senhora Gwenyver, e de sir Launcelot; e dia e noite sempre vigiavam sir Launcelot.

Ocorreu que Gawain e seus irmãos, Agravain, Gareth e Gaheris (filhos de Morgause, irmã de Artur, e do rei Lot de Lothian), e também Mordred (que na tradição seguida por Malory era filho de Artur e Morgause por incesto involuntário[f]) encontraram-se no aposento do Rei Artur. Agravain declarou que era sabido por todos “que sir Launcelot se deita dia e noite com a rainha”, e que pretendia informar o rei sobre Lancelot. A isso Gawain, devotado a Lancelot, mais ilustre dos cavaleiros da Távola Redonda, opôs-se veementemente, prevendo a probabilidade de contenda desastrosa, e assim também pensavam seus irmãos Gareth e Gaheris; e, depois de palavras contundentes, saíram do aposento quando entrava o Rei Artur, exigindo saber o que estava acontecendo. E, quando Agravain lhe contou, ele ficou muito perturbado, pois apesar de suspeitar da verdade não desejava levar o caso adiante contra um homem da estatura de Lancelot. Disse, portanto, que nada faria sem a prova que só seria obtida se Lancelot fosse apanhado em flagrante.

Com esse fim Agravain propôs armar uma cilada. No dia seguinte o rei deveria sair a cavalo numa caçada e mandar à rainha uma mensagem dizendo que não retornaria naquela noite. Então Agravain, Mordred e mais doze cavaleiros iriam ao aposento dela e trariam Lancelot para fora, vivo ou morto.

Mas isso não aconteceu. Quando Lancelot estava com a rainha, os quatorze cavaleiros chegaram à porta, e com palavras iradas Agravain e Mordred o chamaram para fora, dizendo-o traidor; mas Lancelot estava totalmente desarmado e sem armadura, e tanto ele quanto a rainha muito se afligiram. Então Lancelot destrancou a porta do aposento e só a abriu a ponto de um homem poder passar; e, quando Sir Colgrevance entrou e o atacou com a espada, Lancelot o abateu de um só golpe. Então vestiu a armadura do morto e, saindo entre os demais cavaleiros, sem ferir a si mesmo matou todos eles, incluindo dois filhos de Gawain e seu irmão Agravain, com exceção de Mordred, que foi ferido e fugiu.

Quando o rei ficou sabendo de tudo isso pela boca de Mordred, supôs que a companhia da Távola Redonda estivesse rompida para sempre, pois muitos cavaleiros se colocariam ao lado de Lancelot; mas Guinevere teria de "sofrer a lei", e mandou levar a rainha até a fogueira e queimá-la. Gawain insistiu ardorosamente com Artur para que fosse menos precipitado em seu julgamento, alegando que Lancelot poderia ter ido até a rainha em total inocência, mas o rei foi inflexível. Disse que, se pusesse as mãos em Lancelot, este teria morte igualmente vergonhosa, e indagou por que isso haveria de perturbar Sir Gawain, visto que matara seu irmão e seus filhos. Sir Gawain retrucou que os prevenira do risco que corriam, e que haviam causado sua própria morte. Mas o rei não se comoveu e mandou que Gawain e os irmãos Gareth e Gaheris envergassem as armaduras e trouxessem a rainha até a fogueira. Gawain recusou a ordem do Rei Artur. Então que Sir Gareth e Sir Gaheris estejam presentes, disse o rei. Os dois não foram capazes de recusar, mas disseram que iriam à execução muito a contragosto e que não usariam armadura. Então Gawain chorou amargamente e disse: "Ai de mim, que tenho de suportar ver este dia desgraçado!"

Ora, Lancelot e grande número de cavaleiros armados, que o apoiavam em sua intenção de salvar a rainha caso fosse condenada, esperavam num bosque a pequena distância, e, quando lhes contaram que a rainha estava prestes a morrer, correram até o local da execução, e travou-se feroz batalha. Lancelot, golpeando à direita e à esquerda todos os que se opunham a ele, abateu dois homens "desarmados e desprevenidos", e "não os viu"; mas eram Gareth e Gaheris, irmãos de Gawain, o qual era extraordinariamente devotado a Gareth, assim como Gareth a Lancelot.

Lancelot foi ter com Guinevere, onde ela estava, e erguendo-a sobre a montaria cavalgou com ela até o castelo da Jubilosa Guarda, e lá ficaram. O Rei

Artur mergulhou em extrema tristeza diante desses fatos. Ordenou que ninguém contasse a Gawain:

> "pois estou certo", disse o rei, "de que quando ouvir dizer que sir Gareth está morto ficará quase louco". "Mercê de Jesus", disse o rei, "por que ele matou sir Gaherys e sir Gareth? Pois ouso dizer, quanto a sir Gareth, que amava sir Launcelot dentre todos os homens da terra."

A morte de seus irmãos, disse o rei, causará a guerra mais mortífera que já houve. Pois é claro que Gawain logo ficou sabendo do ocorrido; e em pouco tempo transformou-se de amigo devotado de Lancelot em seu inimigo implacável. Nas palavras da *Morte Arthu* em estrofes, exclamou:

> Entre mim e Launcelote du Lake
> Não há homem na terra, a bem dizer,
> Que imponha trégua e faça paz
> Antes que um de nós tenha matado o outro.
>
> *Betwixte me and Launcelote du Lake*
> *Nys man in erthe, for sothe to sayne,*
> *Shall trewes sette and pees make*
> *Er outher of vs haue other slayne.*

Ou, como disse ao rei no conto de Malory, "Pois prometo diante de Deus, pela morte de meu irmão Sir Gareth, buscarei Sir Launcelot através dos reinos de sete reis, mas ou o matarei, ou ele me matará".

Ao que retrucou o Rei Artur: "Senhor, não tereis de buscá-lo tão longe, pois, como digo, sir Launcelot aguardará a mim e a todos nós dentro do castelo da Jubilosa Guarda."

Então o rei, com Sir Gawain à testa de grande hoste, sitiou a Jubilosa Guarda. Muito tempo se passou até Sir Lancelot sair do castelo com seus cavaleiros, mas por fim surgiu no alto das muralhas e falou com Artur e Gawain lá embaixo, respondendo aos seus ataques verbais com palavras de conciliação, buscando evitar conflito de armas com eles, e muito especialmente com o rei. Falou dos inúmeros perigos de que os salvara, afirmou ter matado Sir Gareth e Sir Gaheris completamente sem querer, asseverou a inocência de Guinevere e afirmou que

estava sendo justo ao resgatá-la de ser queimada. Mas tudo isso foi inútil, e grande batalha se travou na Jubilosa Guarda. Lancelot levou a tal ponto a recusa de responder às tentativas que Artur fazia de golpeá-lo, Artur que estava "sempre perto de sir Launcelot para abatê-lo", que o ergueu quando fora desmontado por Sir Bors de Ganis e o pôs de volta no cavalo.

Após dois dias de luta feroz, em que Gawain foi ferido, as hostes se separaram, estando a de Sir Lancelot em situação superior; e nessa hora chegou ao Rei Artur um enviado de Roma trazendo um edito do Papa, determinando que recebesse a rainha de volta e fizesse um acordo com Sir Lancelot sob pena de interdição de toda a Inglaterra.

Lancelot fez o que pôde para viabilizar a exigência papal. Levou Guinevere de volta para o rei; mas contra o ódio frio e implacável de Gawain nada podia fazer. O fim foi o banimento, e ele partiu da corte com amargura, dizendo, no relato de Malory:

> Mais nobre dos reinos cristãos, que amei acima de todos os outros reinos! E em ti obtive grande parte de minha honra, e agora, que devo partir destarte, verdadeiramente me arrependo de ter vindo a este reino, para assim ser banido vergonhosa e imerecidamente, e sem causa! Mas a sorte é tão variável, e a roda tão mutável, que não há permanência constante.

Mas Gawain disse:

> Bem sabes que logo haveremos de te perseguir, e romper sobre tua cabeça o mais forte castelo que tiveres!

Na *Morte Arthur* em estrofes Lancelot pede para ficar livre de perseguição em suas próprias terras de França, mas:

> Sir Gawayne então disse: "não,
> Por aquele que fez o sol e a lua,
> Esconde-te o melhor que puderes,
> Pois muito em breve viremos atrás de ti."
>
> *Syr Gawayne than sayd, 'naye,*
> *By hym that made sonne and mone,*

Dight the as welle as euyr thou may,

For we shalle after come fulle sone.'

Então Lancelot despediu-se de Guinevere e a beijou, dizendo "muito abertamente":

> "Que alguém deste lugar ouse agora dizer que a rainha não é fiel a meu senhor Artur, quem quiser que fale se ousar falar." E com isso levou a rainha ao rei. Então sir Launcelot se despediu e partiu [...]
>
> E assim tomou o caminho da Jubilosa Guarda, e a partir de então a chamou de "Dolorosa Guarda". E sir Launcelot partiu da corte para sempre.

Então reuniu muitos cavaleiros à sua volta e embarcaram rumo à França.

Sir Lancelot era filho do Rei Ban, que governava na França uma cidade e um reino chamados, tanto na *Morte Arthur* em estrofes como em Malory, de *Benwick*; na *Mort Artu* é *Benoic*. Alguns dos Cavaleiros da Távola Redonda eram parentes próximos de Lancelot, entre eles Sir Ector de Maris (seu irmão), Sir Lionel, Sir Bors de Ganis e Sir Blamore de Ganis (esses cavaleiros são citados por nome em *A Queda de Artur*, I.44-5, e de novo em III.131-2). Assim, o destino desses exilados foi Benwick; mas que eu saiba não se descobriu onde se acreditava que fosse esse lugar. Malory diz nesse ponto de seu relato que "navegaram para Benwyke: alguns o chamam de Bayan e alguns o chamam de Beawme, onde há o vinho de Beawme". Mas não se encontra essa identificação em nenhum outro lugar; e, visto que Benwick é claramente um porto, não pode ser Beaune, que fica a muitas centenas de milhas do Atlântico; e, se *Bayan* for Bayonne, esse local fica muito ao sul.

Mas, onde quer que se localizasse Benwick, não demorou para que o Rei Artur e Sir Gawain, espírito líder da demanda, levassem a cabo a ameaça. O rei "fez Sir Mordred senhor principal de toda a Inglaterra, e também pôs a rainha sob seu governo", e com grande hoste atravessaram o mar e começaram a queimar e devastar as terras de Sir Lancelot. Ainda pretendendo a paz, apesar da opinião entre seus cavaleiros de que "vossa cortesia nos arruinará a todos", Lancelot mandou mensagem ao Rei Artur, mas novamente recebeu a resposta de que o rei "faria acordo com Sir Launcelot, mas Sir Gawayne não o permite". Então, diante do portão da cidade sitiada de Benwick, Gawain surgiu e bradou um

desafio aos defensores. Sir Bors e depois Sir Lionel avançaram cavalgando sobre ele, mas ambos foram gravemente derrotados e feridos, e assim continuou, até que por fim, relutante, Lancelot aceitou o desafio.

Em todos os relatos dessa guerra, atribui-se a Sir Gawain uma "graça" bastante singular, uma faculdade pela qual sua força aumentava muito por volta do meio-dia e depois declinava. Quando Lancelot percebeu que era assim, esquivou-se para lá e para cá, evitando os ataques de Gawain por muito tempo, até que a força milagrosa dele começasse a fraquejar, e nesse ponto Lancelot lançou-se contra ele e lhe infligiu um grande ferimento. (Aliás, a *Mort Artu* conta que, durante o tempo da recuperação de Gawain, Artur abandonou o cerco a Benwicke conduziu a campanha romana em que foi morto o Imperador Lucius; Malory, é claro, ignorou esse episódio, pois já relatara a história em seu conto de Artur e do Imperador Lucius, NOTAS SOBRE O TEXTO.) Mas, quando Gawain recuperou a capacidade de lutar, tudo se repetiu pela segunda vez com o mesmo resultado, pois Lancelot o golpeou no lugar do ferimento anterior. Ainda assim o ódio de Gawain não se aplacou, mas, quando ele se preparava para uma terceira tentativa, chegou uma notícia da Inglaterra que fez Artur suspender o cerco de Benwicke retornar. Essa notícia era a de que Mordred afirmava ter recebido cartas contando que Artur fora morto em batalha por Lancelot; que havia "feito um parlamento" e se fizera coroar rei em Canterbury; e que declarara que se casaria com Guinevere, citando o dia e preparando o banquete nupcial.

Guinevere escondeu seu intento de Mordred, mas fugiu para Londres e se refugiou na Torre; apesar de atacá-la, ele não foi capaz de tomá-la, e ali a rainha ficou. Mas agora Artur estava se aproximando de Dover com uma grande armada, e Mordred o aguardava.

*

Assim aconteceu que, enquanto a campanha marítima de Artur permaneceu, a história anterior mudou completamente. Foi o amor de Lancelot e Guinevere que, em longa cadeia causal, fez com que o rei partisse da Inglaterra (não "Grã-Bretanha"): da intrusão de Agravain e Mordred até a morte na fogueira imposta a Guinevere, da qual Lancelot a salvou, mas ao preço de abater Gareth e Gaheris, fazendo o amor de Gawain por Lancelot transformar-se em ódio insano, ao banimento de Lancelot e finalmente à expedição de vingança contra ele em suas terras de França. A congruência entre as diferentes tradições, exemplificadas pela *Morte Arthure* aliterante e pela *Morte Arthur* em estrofes, só

é alcançada quando Artur, no além-mar, recebe a notícia da usurpação do reino por Mordred.

Veremos que em muitos aspectos o terceiro Canto de *A Queda de Artur* diverge bastante, sobretudo por omissão, do *Tale of the Death of Arthur* [Conto da Morte de Artur] de Malory (e também da *Morte Arthur* em estrofes). Não há sugestão de que o assassínio dos irmãos de Gawain por Lancelot tenha sido o momento crucial do desenrolar da tragédia; e certamente é verdade que está ausente algo vital à história nas versões antigas, o ódio implacável que Gawain sentia por Lancelot, seu velho e devoto amigo. No Canto III Gawain só aparece (versos 29 ss.) em retrato, propositalmente e para sua vantagem justaposto ao de Lancelot, que o precede, e uma outra vez numa referência (III.177 ss.) à sua glória enquanto Lancelot em Benwick, "sobre léguas de mar, / contempla e pondera meditando a sós / com dúvida atroz". Mas ele não tem papel na narrativa antes da batalha naval por ocasião do retorno de Artur. É verdade que no Canto I Gawain, falando "grave e pausadamente", opõe-se ao desejo de Artur de recorrer a Lancelot e sua gente como auxílio contra Mordred (I.190 ss.); mas parece que a dissensão de Gawain surgiu da dúvida quanto à lealdade da "família de Ban", e o tom pausado de suas palavras está muito longe da implacável ira do Gawain dos livros antigos.

Em *A Queda de Artur* a narrativa dos eventos que se seguem ao resgate de Guinevere da fogueira reduz-se às palavras "levou-a para longe; / e tomados pelo medo não se animaram a segui-los" (III.83-4); e toda a história do cerco da Jubilosa Guarda por Artur e Gawain, os ferozes combates, a intensidade da lealdade cavalheiresca de Lancelot ao rei, a intervenção do Papa – tudo isso desapareceu.

Assim, na visão retrospectiva do Canto III, os conceitos do rompimento da companhia da Távola Redonda e da complexidade dos amores e das lealdades de Lancelot são representados de forma muito mais simples. Com a ausência de Gawain elimina-se uma dimensão. A distância que se abriu entre o Rei Artur e Sir Lancelot define-se mais nitidamente e revela-se impossível de resolver. Isso é claramente afirmado mais de uma vez:

> Traiu seu amo, aliado à paixão,
> rejeita a paixão, rechaça-o ainda o amo;
> refugam-lhe a fé, ao que a fé traiu,
> por milhas de mar do amor separado.

(III.15-18, repetido sem o terceiro verso em III.140-2.)

O resgate de Guinevere da fogueira continua sendo crucial em *A Queda de Artur*, mas não por causa do assassínio de Gareth e Gaheris, e sim por causa da imprudente violência da irrupção de Lancelot em cena, seguida por uma subsidência à maneira de Túrin, após grande fúria, e que levou a uma extensa penitência do espírito e a uma tentativa de desfazer a devastação que causara, um doloroso reconhecimento de culpa.

> Engole o orgulho, renegando a audácia
> que mata os amigos e mina a confiança. (III.90-1)

Acima de tudo, "Altas juras romperam eles" (III.62): ele precisava devolver Guinevere ao rei, buscando que este a perdoasse e ele mesmo fosse novamente aceito.

Nem na *Morte Arthur* em estrofes nem no conto de Malory há referência aos pensamentos ou às vontades de Guinevere a esse respeito. Seu tratamento é bem diferente em *A Queda de Artur*, onde seus desejos são analisados e onde ela descobre nesse novo Lancelot um estranho inoportuno cuja perturbação mental ela não consegue compreender: "Estranho ela o vê, / não mais o mesmo, por mal súbito" (III.95-6). As mesmas palavras são usadas sobre Lancelot: "Estranha pareceu a ele, / não mais a mesma." Mas a perda de Lancelot foi muito maior que a de Guinevere; pois "Com sanha desprezou-o, sem contrição nenhuma, / sem pena, com soberba e desprezo, e no entanto / é querida e caríssima" (III.166-8). "À corte de Camelot a acolhe por rainha / grande, com glória" (III.113-14); enquanto Lancelot como requerente foi totalmente rejeitado pelo Rei Artur e banido às suas obscuras reflexões em outra terra. Mas o rei, de coração contristado, sabia que perdera o melhor de todos os seus cavaleiros e muitos outros com ele; e, enquanto fazia esse lamento a Gawain no momento em que a notícia da traição de Mordred lhes chegou (I.180 ss.), Lancelot em Benwick, ouvindo rumores da guerra que se aproximava, revirava na mente pensamentos conflitantes sobre Artur e Guinevere (III.143 ss.).

Na ausência de Gawain, a invasão de Benwick, que ele inspirara como vingança contra Lancelot, também desapareceu em *A Queda de Artur*. Não voltamos a ver Artur até o Canto IV, quando Mordred, nos penhascos à beira-mar, ouve o grito "Uma vela, uma vela sobre as vagas reluz!" (IV.117). Mas,

antes de a "história de Lancelot" entrar no Canto III em forma de retrospectiva, temos o Canto II, totalmente original, em que se conta como o capitão moribundo de um navio destroçado na costa, um pirata pagão chamado Radbod, a pago de Mordred, relatou-lhe que Sir Cradoc (conforme se conta no Canto I) escapara da Grã-Bretanha e seguira a trilha do Rei Artur para alertá-lo dos desígnios de Mordred contra ele; Artur já se apressava a voltar para a Grã-Bretanha. Com seu último alento Radbod fez a Mordred um relato tenso dos febris preparativos de guerreiros e navios (II.76-89).

Porém, o aspecto mais notável do Canto II de *A Queda de Artur* é o surgimento de Mordred como figura completamente imaginada na calamidade que se avizinha.

No Canto I só se disse dele que seu vigoroso apoio à campanha de Artur ocultava um propósito secreto e maligno que agora se revelava. Guinevere não foi mencionada. Sobre a associação dele com a rainha, Geoffrey de Monmouth só disse (ACIMA) que após sua vitória sobre os romanos o Rei Artur recebeu a notícia de que ela vivia em adultério com Mordred. Na *Morte Arthure* aliterante (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA) Sir Cradoc disse ao rei que "o pior de todos os feitos de Mordred é que se casou com Guinevere e gerou um filho". Na versão de Malory (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA) a notícia que Artur recebeu em Benwick é que Mordred declarou que se casaria com Guinevere. O texto completo de Malory reza:

> E assim preparou-se para a festa, e um dia prefixado em que haveriam de se casar; com que muito se afligiu a rainha Gwenyver. Mas não ousava revelar seu coração, e falava belas falas e concordava com a vontade de Sir Mordred. E logo pediu a Sir Mordred para ir a Londres comprar toda sorte de coisas que fazem parte das núpcias. E por causa de suas belas falas Sir Mordred confiou nela e lhe deu licença; e assim, quando chegou a Londres, tomou a Torre de Londres e repentinamente, com toda a pressa possível, recheou-a com toda espécie de mantimento, e guarneceu-a bem de homens, e assim a manteve.

No Canto I de *A Queda de Artur* Sir Cradoc nada diz sobre Guinevere; mas no Canto II, antes de Radbod, capitão do navio, contar suas notícias, vemos Mordred espiando de uma janela alta, indiferente à tempestade em que o navio naufragou (II.18-31), pois sua mente estava totalmente absorta em seu desejo por Guinevere; e, quando ouviu o que Radbod tinha para contar e enviou "muitos

mensageiros / [que] ao norte e ao leste as novas já levam", partiu para Camelot. Guinevere ouviu os passos rápidos daquele homem profundamente sinistro subindo as escadas até seus aposentos. Nesse encontro fatídico Mordred lhe ofereceu uma escolha que não era escolha, entre "prisioneira ou monarca, [...] capturada ou esposa" (II.154-5). Guinevere pediu tempo, mas bem pouco ele lhe concederia: "és noiva ou prisioneira? / Faze o anúncio depressa!". Ela se decidiu pela fuga imediata – mas não para a Torre de Londres. Esgueirou-se trajando um manto escuro; e a próxima coisa que vemos são as luzes de Camelot se desvanecendo atrás dela, que foge rumo ao oeste com alguns companheiros, rumo ao castelo do Rei Leodogrance, seu pai.

O Canto II termina com seus pensamentos acerca de Lancelot: iria retornar? O Canto IV começa com uma manhã luminosa nas fronteiras de Gales, quando os cavaleiros que Mordred mandou caçá-la perdem todos os seus vestígios.

> Caçam eles a rainha com ódio frio
> té que falhe sua fé nas várzeas sem casas,
> demoram-se famintos nos morros terríveis
> nos resguardos de Gales.

Segue-se então a notícia de como fracassaram, transmitida a Mordred por seu escudeiro Ivor, junto com alguns conselhos intempestivos que enfureceram seu senhor, parado em seu acampamento nos penhascos da costa acima de Romeril (Romney em Kent), contemplando o mar vazio: temendo que Guinevere tivesse enviado um mensageiro a Lancelot, "e lembra-lhe o amor, / suplicando socorro em seu fracasso" (IV.96). Por fim, veem-se as velas da armada de Artur.

Aqui podemos olhar para trás e ver como, até esse ponto, meu pai tratou e transformou a tradição narrativa que mais tarde veio a ser conhecida, na Inglaterra, com o nome do último conto de Malory, *A Morte de Artur*.

Preservou a tradição "de crônica" da campanha de Artur no leste, além do mar, mas com natureza e propósito totalmente alterados. Artur defende "Roma", não a ataca.

Manteve a traição e usurpação de Mordred e seu desejo por Guinevere, mas em um retrato muito elaborado.

Introduziu (*em retrospecto*) a lenda "romântica" de Lancelot e Guinevere (inteiramente desconhecida da tradição "de crônica"), mas simplificou bastante

os complexos motivos, derivados da *Mort Artu* francesa, e encontrados na *Morte Arthur* em estrofes inglesa e no último conto de Malory, eliminando o papel de Gawain. Manteve a sentença de queima na fogueira proferida contra Guinevere e seu resgate por Lancelot; mas o banimento deste surgiu agora como punição de suas relações com a rainha, e não do ódio que Gawain lhe tinha pelo assassínio de Gareth. Lancelot é banido para Benwick, mas Guinevere retorna ao favor de Artur.

O ataque a Benwick por Artur e Gawain foi inteiramente eliminado, e a notícia da traição de Mordred encontrou Artur não em Benwick, e sim no leste distante.

*

O Conto da Morte de Artur de Malory (ii)

Agora esboçarei a narrativa que conclui o último conto de Malory, retomando-o do ponto em que o deixei (ACIMA), com os navios de Artur se aproximando de Dover e Mordred à sua espera. Malory nesse ponto baseou-se em grande medida no poema inglês, a *Morte Arthur* em estrofes, para os detalhes da narrativa.

A hoste de Artur combateu abrindo caminho a partir das praias, e com grande derramamento de sangue desbaratou a gente de Mordred. Mas Sir Gawain foi encontrado num barco "mais que meio morto"; e, falando ao Rei Artur, declarou que causara a própria morte por orgulho e obstinação, pois acabara de ser atingido no lugar do antigo ferimento que lhe fora feito por Lancelot em Benwick; e foi através dele que Artur sofreu aquele penoso infortúnio:

> pois se esse nobre cavaleiro Sir Launcelot estivesse convosco, como estava e queria estar, essa guerra infeliz jamais teria sido iniciada [...] E agora sentireis falta de sir Launcelot. Mas ai de mim que não quis me acertar com ele!

E antes de morrer pediu papel e pena para escrever uma carta a Lancelot, instando para que ele retornasse às pressas para ajudar o Rei Artur contra Mordred.

Gawain foi sepultado na capela do Castelo de Dover. Mas Mordred recuou para Barham Down em Kent, a poucas milhas de Canterbury, e ali Artur o enfrentou: a batalha terminou com a fuga de Mordred para Canterbury. Artur retirou-se então para oeste, até a Planície de Salisbury, e os dois exércitos se

prepararam para mais um embate. Mas Sir Gawain apareceu em sonho para Artur, dizendo que fora enviado por Deus para alertá-lo de que só continuasse a combater depois de se passar um mês, época em que Sir Lancelot chegaria da França com todos os seus cavaleiros. Um tratado nesse sentido foi negociado com Mordred, mas ele foi rompido por um medo equivocado de traição; e seguiu-se a terceira e mais feroz batalha, que durou o dia todo até o cair da noite e terminou com o Rei Artur, Sir Bedivere e Sir Lucan de um lado, e Mordred do outro, de pé em meio a um grande número de mortos. Mas o rei avistou Mordred "apoiado na espada em meio a uma grande pilha de homens mortos"; um avançou contra o outro, e Artur trespassou Mordred com a lança. Então Mordred soube que recebera seu ferimento de morte, mas com a derradeira força "golpeou seu pai, o Rei Artur, com a espada segura em ambas as mãos, do lado da cabeça, de modo que a espada perfurou o elmo", e com isso Mordred "desabou totalmente morto sobre a terra".

Então Sir Bedivere e Sir Lucan, por sua vez gravemente feridos, carregaram o rei até "uma pequena capela não longe do mar". Ouvindo um grande clamor no campo de batalha, pois salteadores haviam chegado para pilhar os mortos, os dois cavaleiros acharam melhor carregar o rei até mais longe, mas enquanto o faziam Sir Lucan caiu morto por causa dos ferimentos. Então Artur mandou que Bedivere tomasse sua espada Excalibur para lançá-la "naquela beira da água", e ao voltar lhe contasse o que vira. Duas vezes Bedivere foi até a água, e a cada vez fingiu fazer o que lhe fora pedido; mas a cada vez o Rei Artur lhe disse, irado, que estava mentindo. Pela terceira vez Bedivere foi "para a beira da água" e ao voltar contou a verdade, dizendo que jogara a espada o mais longe que conseguira, ao que um braço se erguera da água, agarrara e brandira a espada, e depois a puxara para baixo, desaparecendo.

Então, a mando do rei, Bedivere o carregou nas costas até a beira da água, onde "perto da margem aguardava um pequeno barco com muitas belas damas, e entre elas havia uma rainha", que era a irmã de Artur, Fada Morgana. Então Bedivere deitou Artur na barca, e Morgana disse (seguindo as palavras da *Morte Arthur* em estrofes): "Ah, meu querido irmão! Por que ficaste tanto tempo longe de mim? Ai de ti, essa ferida em tua cabeça apanhou muito frio!" Mas quando a barca partiu Bedivere gritou para o rei, perguntando o que haveria de ser dele; e ele respondeu:

> Tranquiliza-te e faze o melhor que puderes, pois em mim não há confiança em que confiar. Pois devo ir ao vale de Avylyon para me curar

> de meu ferimento atroz. E, se nunca mais ouvires de mim, reza por minha alma!

No dia seguinte, em suas andanças, Bedivere topou com "uma capela e uma ermida" onde havia um túmulo recém-escavado, a respeito do qual o ermitão lhe disse que "diversas damas" haviam chegado à meia-noite e trazido o corpo para que o sepultasse (sobre este assunto ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA). Então Bedivere ficou na ermida, que era "ao lado de Glassyngbyry" (Glastonbury em Somerset), e viveu com o ermitão "em orações e jejuns e grande abstinência". Mas, quando Guinevere ficou sabendo de tudo o que se passara, "fugiu em segredo" e foi dar em Amysbyry (Amesbury em Wiltshire), e ali se tornou freira:

> e jamais nenhuma criatura pôde alegrá-la, mas ela vivia sempre em jejum, orações e atos de caridade, de modo que toda sorte de gente se admirava de ela estar tão virtuosamente mudada.

Quando Lancelot em Benwick ficou sabendo do que sucedera na Inglaterra, e recebeu a carta da Gawain, preparou depressa um exército e atravessou o mar até Dover. Lá descobriu que era tarde demais. Com grande dor visitou o túmulo de Gawain na capela do Castelo de Dover, e depois cavalgou rumo a oeste até chegar ao convento onde Guinevere se tornara freira. Quando o viu, ela desmaiou, mas ao recuperar-se disse às freiras reunidas, na presença de Lancelot:

> Através deste homem e de mim foi causada toda esta guerra, e a morte dos mais nobres cavaleiros do mundo; pois pelo nosso amor, que amamos juntos, foi abatido meu mais nobre senhor. Portanto, sir Launcelot, sabe que estou empenhada neste compromisso para curar minha alma.

Nas palavras que trocaram, que não podem ser resumidas nem esboçadas, ela permaneceu inflexível, repelindo-o ao dizer "peço que me beijes, e nunca mais". E assim se separaram, "mas nunca houve homem de coração tão duro que não tivesse chorado ao ver o pesar de ambos, pois houve lamento como se tivessem sido ferroados com lanças".

Depois que Lancelot deixou Amesbury, chegou à ermida onde Bedivere vivia e lá ficou levando o mesmo tipo de vida. Outros cavaleiros da Távola Redonda

foram juntar-se a eles; e após seis anos Lancelot tornou-se sacerdote. Certa noite teve uma visão em que lhe disseram que fosse a Amesbury, onde encontraria Guinevere morta, e que ela deveria ser sepultada ao lado do Rei Artur. Com seus companheiros Lancelot foi a pé "de Glastynburye a Almysburye, o que dá pouco mais de trinta milhas", mas levaram dois dias, pois estavam fracos e debilitados por suas vidas de penitência e jejum. Quando chegaram a Amesbury, ficaram sabendo que Guinevere morrera havia apenas meia hora; e contaram-lhes que ela dissera de Lancelot que

> "ele vem para cá o mais rápido que pode para buscar meu corpo, e ao lado de meu senhor, o Rei Artur, vai me sepultar". Então a rainha disse para que todos ouvissem: "Imploro a Deus Todo-Poderoso que eu não tenha o poder de ver sir Launcelot com meus olhos terrenos!"

Assim Guinevere foi levada de volta à capela perto de Glastonbury, e lá foi sepultada.

Depois disso Lancelot comia e bebia tão pouco que "secou e feneceu", e depois de pouco tempo morreu. Em quinze dias de jornada seu corpo foi levado, como desejara, ao castelo da Jubilosa Guarda, e sepultaram-no no coro da capela.

*

A Morte Arthure *aliterante (ii)*

Desde o momento em que as velas da armada de Artur foram avistadas da costa, meu pai se afastou da tradição incorporada, no idioma inglês, na *Morte Arthur* em estrofes e no *Conto da Morte de Artur* de Malory, e se voltou para a *Morte Arthure* aliterante, cuja narrativa abandonei no ponto em que Artur ouviu de Sir Cradoc sobre a traição de Mordred e seu casamento com Guinevere (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA).

Na *Morte Arthur* em estrofes e em Malory não houve confronto no mar por ocasião do retorno de Artur, mas no poema aliterante parte da má notícia de Sir Cradoc era o fato de que Mordred montara uma frota contra ele (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA):

> Em Southampton à beira-mar há sete vintenas de navios,

carregados e repletos de gente feroz vinda de terras distantes.

Att Southamptone on the see es seuene skore [s]chippes,
frawghte fulle of ferse folke, owt of ferre landes.

O autor transmite em alguns versos a velocidade do retorno de Artur, que

Se volta para a Toscana, demora-se bem pouco,
Não para na Lombardia, exceto quando a luz se extingue;
Viaja sobre as montanhas cheias de caminhos admiráveis [...]

Turnys thorowe Tuskayne, taries bot littill,
Lyghte noghte in Lumbarddye bot when the lyghte failede;
Merkes ouer the mowntaynes full mervaylous wayes ...

"e dentro de quinze dias sua frota está montada" (em *A Queda de Artur*, II.76-88, Radbod dá a Mordred uma vívida descrição dos preparativos de Artur).

Mas agora, na *Morte Arthure* aliterante, o poeta dedica cerca de cem versos à evocação de uma violenta batalha naval que se seguiu, à qual não há nada comparável na literatura medieval inglesa. Há uma furiosa saraivada de palavras, transmitindo (poderíamos dizer que tanto por suas formas e conjunções quanto por seu significado) o rugido da batalha, o fender das madeiras, os navios colidindo entre si, as trombetas soando, as flechas voando, os mastros caindo...

Foi desse poema que meu pai derivou sua descrição de uma grande batalha naval ao largo da costa de Kent por ocasião do retorno de Artur. Em obras anteriores da tradição "de crônica" houve combates ferozes quando a frota de Artur chegou, mas era uma batalha entre invasores do mar e a hoste de Mordred que defendia os penhascos. No *Brut* de Laȝamon (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA, O POEMA NÃO ESCRITO) isso fica bem claro, e vê-se que meu pai tinha esse trecho em mente quando escreveu sobre a batalha naval pelas palavras do *Brut,* que contam que Artur "ordenou que seus marujos o levassem a Romerel", de onde tomou o nome Romeril (Romney em Kent, já mencionado, ACIMA).

Na batalha naval em *A Queda de Artur* há ecos, sem dúvida, da *Morte Arthure* aliterante em versos como (IV.180-2)

Atingem os costados. Estouram os madeirames.
Ranger de ganchões, machados que estrugem;
faíscam, abrem-se elmos e lanças [...]

mas não há vestígio, muito naturalmente, do tom triunfal e exultante do antigo poema, em que "nossos" senhores são vistos rindo em voz alta dos estrangeiros da frota de Mordred que saltam para o mar aterrorizados ("quando homens de terras estrangeiras pulam em água, / Todos os nossos senhores riem alto ao mesmo tempo").

Aqui convém dar um relato, mais condensado em algumas partes que em outras, da conclusão da *Morte Arthure* aliterante.

A batalha naval foi vencida, mas "Ainda o traidor está em terra com cavaleiros experimentados", esperando que os invasores tentem forçar um desembarque para enfrentá-los; e o rei foi impedido de fazer isso, pois àquela hora a maré havia baixado, deixando grandes lagoas lodosas. Mas Gawain tomou uma galé [um grande barco aberto] e foi a terra com um pequeno grupo de homens, afundando até a cintura em suas vestes douradas ("até o cinto afundou em todas as suas roupas douradas") e depois correndo por cima da areia, onde se lançaram contra a hoste de Mordred disposta diante deles. Gawain abateu o Rei da Gotlândia e depois, exclamando "Maldito és tu, criminoso, e teus falsos feitos!", arremeteu contra Mordred "entre todos os seus homens, com os Montagues e outros grandes senhores"; porém, ele e seu grupo foram cercados e desesperadamente superados ("Estamos assediados por sarracenos de todos os lados!").

Então Gawain entregou-se à imprudência ensandecida, como o poeta declara repetidamente: "toda a sua razão falhou", "como alguém imprudente e doido"; "caiu em frenesi por ferocidade de coração"; "doido como besta selvagem". Por fim, foi derrotado num embate corpo a corpo com Mordred, e tombou morto com um golpe que lhe perfurou o elmo. Mordred foi questionado pelo Rei Frederic da Frísia, que vira os feitos de Gawain:

Que homem foi este, o das armas brilhantes,
Com esse grifo de ouro, que tombou sobre o rosto?

Qwat gome was he this with the gaye armes

With this gryffoune of golde, that es one growffe fallyn?

E Mordred declarou seu nome e muito o louvou:

Se o tivésseis conhecido, senhor rei, "na terra onde viveu,
Sua habilidade, sua cavalaria, suas obras amáveis,
Seus feitos, sua resistência, suas façanhas de armas,
Choraríeis suas façanhas pelos dias de vossa vida!"
Porém esse traidor que depressa derramou lágrimas
Depressa se volta e nada mais fala,
Afasta-se chorando e maldiz os tempos
Em que seus fados se realizaram para produzir tal tristeza.

Had thow knawen hym, sir kynge, 'in kythe thare he lengede,
His konynge, his knyghthode, his kyndly werkes,
His doyng, his doughtyness, his dedis of armes,
Thow wolde hafe dole for his dede the dayes of thy lyfe!'
Yit that traytour alls tite teris lete he falle,
Turnes hym furthe tite, and talkes no more,
Went wepand awaye, and weries the stowndys,
That ever his werdes ware wroght, siche wandrethe to wyrke.

"Arrependendo-se de todos os seus feitos repugnantes", ele partiu rumo ao oeste, para a Cornualha, e armou suas tendas à margem do rio chamado Tambire (Tamar). Dali mandou um mensageiro a Guinevere em York, contando-lhe tudo o que ocorrera e pedindo-lhe que fugisse "com seus filhos" para a Irlanda; mas ela, deixando York no mais profundo abatimento, foi a Caerleon e lá tomou o véu:

Pede lá o hábito em honra de Cristo,
E tudo pela falsidade, e fraude, e temor de teu senhor!

Askes thare the habite in the honoure of Criste,
and all for falsede, and frawde, and fere of hire loverde [lord]!

Mas Artur, vendo a loucura de Gawain, apressou-se em desembarcar do navio com muitos cavaleiros, e buscando no campo de batalha encontrou seu corpo "com suas armas brilhantes, agarrando a grama e caído sobre o rosto". Com extremo pesar, pronunciou um apaixonado lamento por Gawain (acerca disso ver O POEMA NÃO ESCRITO), cujo corpo foi levado a um mosteiro em Winchester. O rei foi aconselhado a permanecer algum tempo em Winchester para recompor as forças antes de perseguir Mordred, mas Artur não concordou, expressando seu ódio a Mordred com palavras violentas e jurando "perseguir sempre os pagãos que destruíram minha gente". Partiu imediatamente de Winchester e rumou para o oeste, para a Cornualha, onde topou com Mordred acampado numa floresta. Desafiado a combater, o enorme exército de Mordred, vastamente mais numeroso que o do rei, emergiu da floresta.

Segue-se então a batalha de Camlan (mas não tem nome no poema), uma luta feroz, até a morte dos "audazes bretões" [ou seja, britânicos] contra inimigos como "pictos e pagãos com armas perigosas" e "gigantes de Argyle e reis irlandeses", contada em cerca de duzentos versos, com muitos embates individuais; são dados os nomes de muitos cavaleiros que tombaram, entre eles Marrac, Meneduc e Errac (cujos nomes aparecem em *A Queda de Artur*, I.48-9) – e Lancelot (sobre sua presença e morte em Camlan ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA). A batalha termina com a luta até a morte de Mordred e Artur, com uma descrição gráfica de cada hediondo golpe de espada. Apesar de ter recebido seu ferimento de morte, Artur, empunhando a espada Caliburn, cortou a mão da espada de Mordred e o trespassou quando jazia na grama. Mas o rei ainda vivia.

> Então param a seu pedido, todos juntos,
> E se dirigem a Glasschenberye [Glastonbury] pelo caminho mais curto;
> Chegam à ilha de Aveloyne, e Artur apeia,
> Vai a um solar, pois não podia prosseguir.
>
> *Thane they holde at his heste hally at ones*
> *And graythes to Glasschenberye the gate at the gayneste;*
> *Entres the Ile of Aveloyne, and Arthure he lyghttes,*
> *Merkes to a manere there, for myghte he no forthire.*

Um cirurgião de Salerno examinou suas feridas, e Artur viu que jamais seria curado. No leito de morte ordenou que os filhos de Mordred fossem mortos e afundados em água ("Que nenhuma erva maligna cresça nem floresça nesta terra"), e suas últimas palavras foram sobre Guinevere:

> Perdoo todo o pesar, pelo amor de Cristo no céu!
> Se Waynor [Guinevere] fez o bem, que o bem lhe suceda!
>
> *I foregyffe all greffe, for Cristez lufe of hevene!*
> *Yfe Waynor hafe wele wroghte, wele hir betydde!*

O Rei Artur foi sepultado em Glastonbury, e com seu funeral termina a *Morte Arthure* aliterante.

> Assim termina o rei Arthure, como os autores afirmam,
> Que foi do sangue de Ector, filho do rei de Troia,
> E de Pyramous, príncipe louvado na terra;
> Dali trouxeram os bretões [britânicos] todos os seus audazes ancestrais
> À ampla [Grã-]Bretanha, como o Bruytte conta.
>
> *Thus endis kyng Arthure, as auctors alegges,*
> *That was of Ectores blude, the kynge sone of Troye,*
> *And of Pyramous, the prynce, praysede in erthe;*
> *Fro thethen broghte the Bretons alle his bolde eldyrs*
> *Into Bretayne the brode, as the Bruytte tellys.*

No final vitorioso da batalha naval, com Artur em seu navio ao largo de Romeril, contemplando sua própria terra e meditando a melhor condita, meu pai parou de trabalhar em *A Queda de Artur*: em minha opinião o mais doloroso dos seus muitos abandonos.

*

---

[a] O nome *Brut* deste e de outros poemas deriva de uma antiga ficção, muito

burilada por Geoffrey de Monmouth, de que um certo Brutus, neto (ou bisneto) de Eneias de Troia, foi o primeiro homem a pôr os pés na desejável ilha de Albion (até então habitada apenas por "alguns gigantes"), chamando-a de "Bretanha", com base em seu próprio nome, e chamando seus companheiros de "bretões". Assim está na abertura de *Sir Gawain and the Green Knight*, na tradução de meu pai:

> and far over the French flood Felix Brutus
> on many a broad bank and brae Britain established
> full fair...
>
> E longe sobre o mar francês Felix Brutus
> Sobre muitas amplas margens e escarpas estabeleceu a Bretanha
> Mui bela...

[b] Meu pai usou um exemplar da edição Early English Text Society, conforme revisada por Edmund Brock, 1871, que adquiriu em setembro de 1919 e que usei para as citações neste livro.

[c] Muito estranhamente, ele é o matador do Imperador Lucius, embora menos de 200 versos adiante Lucius seja morto de novo pelo Rei Artur (versos citados acima).

[d] A referência é ao *Lancelot* de Chrétien de Troyes, poeta francês de fins do século XII, uma obra conhecida também como *Le Chevalier de la Charette* [O Cavaleiro da Carroça]. O nome deriva de um incidente da narrativa em que Lancelot, amante secreto e apaixonado da Rainha Guinevere, sai para salvá-la do cativeiro nas terras do príncipe Meleagant. Tendo perdido o cavalo, ele aceita a oferta de um carroceiro anão para ser transportado em sua missão vital; mas o veículo era uma carreta usada para levar malfeitores, em exibição pública, ao local da execução. Assim Lancelot mostrou-se disposto a submeter-se ao extremo da desgraça e ignomínia, aos olhos do mundo cortês, em prol de Guinevere. O fato de ter hesitado momentaneamente antes de embarcar na carroça da vergonha o desfavoreceu aos olhos da senhora idolatrada, uma deficiência de sua subserviência absoluta ao código do *amour courtois*.

[e] Malory concluiu seu conto com estas palavras: “Aqui termina todo o livro do rei Artur e de seus nobres cavaleiros da Távola Redonda. [...] E aqui termina *A Morte de Artur*.” William Caxton interpretou a última frase como referência a toda a compilação dos contos arturianos de Malory e concluiu o texto de sua edição de 1485 com as palavras “Assim termina este nobre e Jubiloso livro intitulado le morte Darthur”.

[f] Assim consta da *Morte Arthur* em estrofes:

> Esse falso traidor, Sir Mordreid.
> Era filho da irmã do rei,
> E também seu próprio filho, como entendo.
>
> *That fals traytour, Sir Mordreid,*
> *The kynges sister sone he was.*
> *And eke his owne sone, as I rede.*

O POEMA NÃO ESCRITO
E SUA RELAÇÃO COM
O SILMARILLION

O POEMA NÃO ESCRITO E SUA RELAÇÃO COM *O SILMARILLION*

O abandono de *A Queda de Artur* é ressalvado pela existência de notas manuscritas de valor variável que indicam os pensamentos e as intenções de meu pai sobre a continuação e conclusão do poema, e acerca de algumas delas deve-se dizer que seu conteúdo é ao mesmo tempo extremamente interessante e extremamente torturante. Também há fragmentos de versos adicionais, porém quase todos estão escritos tão apressadamente que em certos lugares não permitem interpretação segura. Entre esses papéis há um esboço da narrativa que se seguiria à última parte do texto acabado, em que Artur, ponderando a natureza e o resultado de um ataque aos penhascos, abre a Gawain seu pensamento de que seria melhor adiarem um novo conflito, e "fiando-se no vento e na fraca maré" navegarem para o oeste seguindo a costa "a outro porto" (V.61-3).

Aqui apresento esse esboço: claramente contemporâneo do trecho final do poema, ele não ocupa mais que meia página, escrita de modo um pouco além, mas não excessivamente, do mais impenetrável de meu pai. Expandi as contrações e acrescentei correções triviais para maior clareza.

> Conselho. Artur não deseja arriscar seus cavaleiros. Chama Gawain e propõe virar para o oeste e correr com o vento e a maré descendo o canal a oeste até outro desembarque – antes que Mordred possa seguir com toda força, à Cornualha de costa inclemente por gente clemente ou à bela Lyonesse.[a]
>
> Mas Gawain diz que planejamos atacar Mordred imediatamente. Lá está ele. Mais cedo ou mais tarde precisamos atacá-lo. Cada dia lhe acrescenta força e deixa o Leste aberto aos [? pagãos].[b]
>
> Contemplam até o sol se pôr. Gawain contempla com ira inquieta. [*Escrito na margem*: Artur insiste em partir.] À medida que o sol desce, a maré vira outra vez. Gawain salta num barco leve com seus

> mais caros amigos, e, mandando que o sigam todos os que ousarem, impelem sua embarcação com remos e a aportam nas praias brancas. Gawain salta sobre a borda e sob uma chuva de flechas vadeia para terra e sobe pelo curso do rio, tentando conquistar passagem ao topo dos penhascos. Mordred instiga seus homens. Naquele dia Gawain sentiu falta de Gaheris e de Gareth e de Agravain de mão severa, seus irmãos.[c]
>
> Mas abateu muitos homens, ... no nível dos que estavam em solo mais alto. Alcança o topo mas há poucos com ele, apesar de muitos estarem seguindo. Ali abre caminho até Mordred. Combatem e Gawain [?? vacila]. O sol está se pondo à sua esquerda [*escrito acima*: ilumina seu escudo]. Um raio vermelho atinge seu escudo e ilumina o grifo [*no escudo*]. Galuth [espada de Gawain] rompe o elmo de Mordred e ele recua entre seus homens, mas agarra [um arco] de Ivor e virando-se alveja Gawain no peito. Gawain cai, chamando por Artur. Geryn, escudeiro de Gawain, mata Ivor, e a gente de Gawain ataca tão ferozmente que conquistam o topo do penhasco e se postam ao redor de seu corpo até a hoste de Artur subir [?? pressionando]. Artur chega quando Gawain morre, e o sol se põe além de Lyonesse.

Aqui termina esse esboço. Outro, evidentemente um tanto mais antigo, projeta a narrativa por todo o restante do poema desde o começo do quarto canto; mas a partir do lamento de Artur ele se reduz (se tiver sido escrito ao mesmo tempo que o esboço, o que não é certo) a anotações apressadas dos dois lados de uma mesma folha, e não há outras indicações dos pensamentos de meu pai sobre o restante do poema.

> Um sol brilhante ilumina a Grã-Bretanha. Os homens de Mordred estão dando busca por Guinevere na floresta, e não conseguem encontrá-la. Enquanto isso, enviando homens à terra de Leodogrance (Camiliard em Gales), ele vai para o leste e reúne sua hoste juntando-se com os saxões e os frísios. O vento soprou bom do sul e o mar se estendia verde sob os penhascos brancos. Mordred fez erguer faróis nos topos dos penhascos e nos morros, de modo que sua hoste pudesse se reunir em qualquer ponto aonde Artur chegasse.

Veem-se os navios de Artur que se aproximam. Uma dama branca com uma criança nos braços é o emblema de Artur. Diante do navio de Artur navega um grande navio branco com estandarte de um grifo dourado. O sol está bordado em suas velas. Esse é Gawain. Mordred ainda hesita e não quer que acendam o fogo do farol. Pois pensava em seu coração que, se Lancelot e a família de Ban estivessem na armada, ele se separaria e faria a paz. Pois se odiava Lancelot tanto mais o temia agora. Mas o lírio branco em fundo negro de Lancelot não foi visto, pois Lancelot aguardava o chamado da Rainha. Então por fim o farol se inflamou e a hoste de Mordred defendeu a costa. Assim Artur chegou a Romeril.

Os navios saxões diante de Romeril foram expulsos ou afundados e incendiados, mas Artur não pôde aportar e foi retido. Assim Gawain avançou seu navio Wingelot (?)[d] e outros de seus vassalos, e aterraram na praia branca, que logo se tinge de vermelho. A batalha é feroz. Gawain salta sobre a borda e vadeia para terra. Veem-se seus cabelos amarelos que se elevam sobre os inimigos escuros. Ele mata o Rei da Gotlândia e abre caminho a golpes de espada até o estandarte de Mordred. Duelo de Gawain e Mordred. Mordred rechaçado, mas agarra um arco de um homem de confiança e se vira e alveja Gawain. [*Escrito na margem:* Mordred salvo por Ivor.]

Gawain tomba e morre à margem do oceano, clamando por Artur. Enquanto isso a fúria dos homens de Gawain limpa a costa e Artur chega e dá o beijo de adeus a Gawain.

Lamento de Artur.

Incluo aqui, por um motivo que logo ficará evidente, tanto o lamento de Artur da *Morte Arthure* aliterante quanto sua forma em *A Queda de Artur*.

Então olha o bom rei, e se perturba no coração,
Geme terrivelmente com lágrimas de choro;
Ajoelha-se diante do corpo e o toma nos braços,
Ergue o visor e logo o beija,
Olha suas pálpebras, que estavam bem fechadas,
Os lábios como chumbo, e o rosto empalidecido.
Então o rei coroado exclama em alta voz:

“Caro primo por parentesco, fico na tristeza,
Pois agora minha honra se foi e minha guerra terminou.
Aqui está a esperança de minha prosperidade, minha fortuna de armas,
Meu coração e minha coragem estavam todos sobre ele,
Meu conselho, meu conforto, que protegia meu coração!
Rei de todos os cavaleiros que viviam sob Cristo,
Eras digno de ser rei, mesmo que eu portasse a coroa.
Meu bem e minha honra de todo este rico mundo
Foram ganhos através de sir Gawayne, e por seu juízo apenas!
Ai de mim!” disse sir Arthure, “agora aumenta meu pesar!
Estou totalmente arruinado em minhas próprias terras!
Ah! horror, severa morte, demoras demais!
Por que te conténs? afogas meu coração!”

Than gliftis the gud kynge, and glopyns in herte,
Gronys ful grisely with gretande teris;
Knelis downe to the cors, and kaught it in armes,
Kastys upe his umbrere, and kyssis hym sone,
Lookes one his eye-liddis, that lowkkide ware faire,
His lipis like to the lede, and his lire falowede.
Than the corownde kyng cryes fulle lowde:
‘Dere kosyn o kynde, in kare am I levede,
For nowe my wirchipe es wente and my were endide.
Here es the hope of my hele, my happynge of armes,
My herte and my hardynes hale on hym lengede,
My concelle, my comforthe, that kepide myne herte!
Of alle knyghtes the kynge that undir Criste lifede,
Thou was worthy to be kynge, thofe I the corown bare.
My wele and my wirchipe of all this werlde riche

Was wonnen thourghe sir Gawayne, and thourghe his witt one!
Allas!' saide sir Arthure, 'nowe ekys my sorowe!
I am uttirly undon in my awen landes!
A! dowttouse derfe dede, thou duellis to longe!
Why drawes thou so one dreghe? thow drownnes myn herte!'

O lamento do Rei Artur por Sir Gawain nos papéis de *A Queda de Artur* está ao mesmo tempo no mais primitivo estágio de composição e, infelizmente, na mais inescrutável caligrafia de meu pai. Após muito estudo, esta é a melhor reprodução que fui capaz de apresentar.

Então o escuro caiu cinza no coração do bom rei
e largamente geme entre lágrimas que escorrem
e olha os olhos que pela última vez fecharam
e os lábios lívidos como [? lírio murcho] e chumbo.
Então, a [? coroa] arrancando, exclama bem alto
"Parente querido, pesaroso fiquei,
minha glória se esgueira e a graça [*escrito acima*: boa] acabou-se.
O que espero, meu amparo, minha espada e elmo aqui jazem,
meu coração, a resolução e meu [...] de força
meu conselho e conforto
de todos os cavaleiros o [?? mais nobre].
de todos os [? reis] o [...] Cristo viveu
Para ser rei [...] usei a coroa.
Estou [...] [? totalmente arruinado] em minhas próprias terras.
Ah, morte, demoras demais, ó severa,
meu coração assassinas antes que eu morra.

Then gloom fell grey on the good king's heart
and he groans amid gliding tears
looking upon his eyes now closed for ever
and his lips like lead and [? lily faded].

Then his [? crown] he cast down crying aloud
'Dear kinsman in care am I left
now my glory is gone and my grace [written above: good] ended.
Here lies my hope and my help and my helm and my sword
my heart and my hardihood and my ..... of strength
my counsel and comfort
of all knights the [?? noblest].
of all [?kings] the .....Christ lived
To be king ..... I the crown bore.
I am ..... [?utterly ruined] in mine own lands.
Ah, dread death thou dwellest too long,
thou drownest my heart ere I die.

Na *Morte Arthure* aliterante o rei é censurado por seus cavaleiros por ter demonstrado pesar indecorosamente:

"Cessai", dizem esses homens audazes, "vós vos confundis;
Este é pesar sem cura, pois jamais melhorará.
Por certo não é honroso torcerdes as mãos;
Chorar como mulher não é tido como sábio.
Sede cavalheiresco de aspecto, como convém a um rei,
E deixai de tal clamor, por amor de Cristo no céu!"

'Blyne', sais thies bolde men, 'thow blondirs thi selfen;
This es botles bale, for bettir bees it never.
It es no wirchipe iwysse to wryng thyn hondes;
To wepe als a woman, it es no witt holden.
Be knyghtly of contenaunce, als a kyng scholde,
And leve siche clamoure for Cristes lufe of heven!'

Aqui meu pai escreveu apressadamente algumas palavras com o cabeçalho de "Sir Iwain o conforta com as palavras de Beowulf":

chorar como mulher não é tido como sábio
melhor vingança que lamento

O trecho de *Beowulf* que meu pai tinha em mente é com certeza, penso eu, o da fala de Beowulf a Hrothgar, Rei dos Danos, nos versos 1384-9 do poema:

Não vos aflijais, ó sábio! É melhor para todo homem
vingar o amigo do que muito lamentar.
A cada um de nós chegará o fim da vida no mundo;
aquele que puder que conquiste glória antes da morte. Nada melhor
o bravo cavaleiro pode legar quando jaz morto.

Ne sorge, snotor guma! Selre bið æghwæm,
þæt his freond wrece, þonne he fela murne.
Ure æghwylc sceal ende gebidan
worold lifes, wyrce se þe mote
domes ær deaþe; þæt bið drihtguman
unlifgendum æfter selest.

Na *Morte Arthure* aliterante segue-se um juramento feito pelo Rei Artur:

"Aqui faço minha jura", disse então o rei,
"Ao Messias e a Maria, a branda rainha dos céus,
Que não hei de caçar na margem nem soltar os cães
Contra corça ou rena que corra sobre a terra;
Nem deixar correr galgo, nem voar milhafre,
Nem ver abatida ave que voa com asas;
Falcão macho ou fêmea não manejarei no punho,
Com gerifalte não me alegrarei no mundo;
Não reinarei em minha realeza nem manterei a Távola Redonda
Até que tua morte, meu caro, seja devidamente vingada;

Mas jaze e te aquieta, enquanto durar minha vida,
Até que o Senhor e a morte severa tiverem feito o que lhes aprouver!"

'Here I make myn avowe,' quod the kynge than,
'To Messie and to Marie, the mylde qwenne of heven,
I sall never ryvaye ne racches uncowpyll
At roo ne rayne-dere, that rynnes appone erthe;
Never grewhownde late glyde, ne gossehawke latt flye,
Ne never fowle see fellide, that flieghes with wenge;
Fawkon ne formaylle appon fiste handill,
Ne yitt with gerefawcon rejoyse me in erthe;
Ne regnne in my royaltez, ne halde my Rownde Table,
Till thi dede, my dere, be dewly revengede;
Bot eveer droupe and dare, qwylls my lyfe lastez,
Till Drighten and derfe dede hafe don qwate them likes!'

A ideia inicial de meu pai para reproduzir o juramento do rei, de se abster de todas as formas de seu principal prazer, era assim:

Juramento de Artur
Não irei à caça com cão nem falcão
Nem banquete, tocar de harpa nem qualquer coroa usarei
[? nem sentar-me na] Távola Redonda até vingar Gawain.

Arthur's vow
I will never hunt with hounds nor with hawk
Nor feast nor hear harp nor bear crown
[? nor sit at] the Round Table till I have avenged Gawain.

Não é necessária discussão para perceber que, se meu pai não tinha diante de si, aberta, a *Morte Arthure* aliterante, pelo menos tinha lido o trecho muito recentemente, quando esboçou uma versão inicial do lamento de Artur por

Gawain e de seu juramento de abnegação.

Já observei (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA) que o conceito de uma grande batalha naval ao largo de Romeril em *A Queda de Artur* derivou-se do poema aliterante. A partir dos esboços mostrados acima podem-se acrescentar outros traços dessa natureza. Da *Morte Arthure* provêm a maré vazante que impede Artur de ir a terra (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA, O POEMA NÃO ESCRITO) e Gawain embarcando com poucos companheiros e vadeando rumo à praia (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA, O POEMA NÃO ESCRITO). Gawain matando o Rei da Gotlândia no combate em terra vem da mesma fonte (pO POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA, O POEMA NÃO ESCRITO) – mas no poema acabado esse trecho é posto mais cedo, no decorrer da batalha naval (IV.202-3). Entre outros detalhes há o nome da espada de Gawain, *Galuth* (IV.197-200), e o grifo dourado no estandarte de seu navio (IV.144) e em seu escudo (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA, O POEMA NÃO ESCRITO).

Resta agora voltar ao segundo dos dois esboços e às notas provocantes que se seguem ao lamento de Artur por Gawain, que são tudo o que existe para dar alguma ideia de como meu pai via a conclusão de *A Queda de Artur* por volta da época em que a abandonou.

Abaixo do rascunho do lamento e juramento de Artur está escrito:

> Mordred é rechaçado e recua para o leste. Artur ruma ao oeste. Lancelot [...] [?? o corpo de Gawain]. *Na margem está escrito, presumivelmente referindo-se a Mordred:* por falta de apoio todo o leste é dominado por ele. *Ao pé da página está rabiscado a lápis:* Começar o Canto V com o corpo de Gawain sendo levado a Camelot.

Em outra página estão as anotações seguintes, escritas com extrema pressa: em minha transcrição diversas palavras são bem pouco mais que conjeturas.

> Sol forte. Armas de Artur movem-se primeiro. Rumor do ataque de Mordred. Uma pequena nuvem no leste. Mordred chega inesperadamente, saindo de uma mata, à Planície de Camlan. Iwain e Errak. Marrac e Meneduc. Idris e Ailmer.
>
> Mordred tem saxões frísios irlandeses pictos e pagãos com armas

perigosas (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA). Artur carregado de volta. Mordred sai por último. Artur e Mordred matam um ao outro. A nuvem [? adensa-se] em treva. Tudo fica escuro.

Artur recua para o oeste. Rumor do avanço de Mordred. Mordred emerge da mata.

Batalha de Camlan. Artur e Mordred matam um ao outro. A nuvem [? adensa-se]. Artur morrendo na escuridão. Salteadores dão busca no campo.

[Excalibur >] Caliburn e o lago. O navio escuro vem rio acima. Artur colocado nele.

Lancelot não tem notícias. Num dia cinzento de [?? chuva] ele zarpa com Lionel e chega a Romeril onde os corvos ainda estão sobre Romeril. Enquanto ele cavalga pelas estradas vazias a Rainha desce vinda de Gales e se encontra com ele. Mas ele só pergunta onde está Artur. Ela não sabe.

Ele lhe dá as costas e cavalga sempre rumo ao oeste. O ermitão à beira-mar lhe conta sobre a partida de Artur. Lancelot obtém um barco e navega para o oeste e jamais retorna. – Trecho de Eärendel.

Guinevere observando ao longe vê seu estandarte de prata desaparecer sob a lua. Assim ela fracassou por completo. Ela fugiu para Gales dos homens do leste, mas por muito que o pesar fosse sua sina não está dito que se enlutou mais pelos outros que por si própria. Mas assim terminou a glória de Artur e a valentia do mundo antigo, e houve longa treva sobre a terra da Grã-Bretanha.

Outras anotações, escritas apressadamente a lápis, dizem algo mais sobre Lancelot e Guinevere.

Lancelot chegou tarde demais ouvindo sobre Camlan, e encontra Guinevere, mas seu senhor amando todo o seu amor foi para ele. Seu amor por Guinevere não tinha mais poder. Em [?? dor] separaram-se frios e sem pesar. [?? Ela está só.]

Lancelot separa-se de Guinevere e zarpa rumo a Benwickmas vira para oeste e segue atrás de Artur. E jamais retorna do mar. Se o encontrou em Avalon e retornará, ninguém sabe.

Guinevere tornou-se cinzenta na cinzenta sombra
perdendo todas as coisas, a que todas as coisas dominava.
[...] ouro [...] e foi deitada no pó
tão sem proveito para os homens como foi provado outrora.

Guinevere grew grey in the grey shadow
all things losing who at all things grasped.
..... gold .... and was laid in dust
as profitless to men as it proved of old.

Com esses papéis encontram-se, numa folha separada, dezessete versos datilografados de poesia aliterante, e por esse fato e pela menção de Avalon no verso 15 fica óbvio que este é o "trecho de Eärendel" referido no segundo esboço acima.

A lua sobe acima das neblinas do mar,
e, tremeluzindo no frio, a nítida luz das estrelas
que hesitava pálida no Leste que aguardava
morreu e apagou-se; a espuma sobre a costa
luzia fantasmagórica na praia cinzenta,
e o rugido do mar ergueu-se em treva
até os que vigiavam na muralha.
Ó noite de maravilha,
quando, luzindo como a lua, com vestes de pérola,
com velas de veludo, e estrelas argênteas
bordadas em branco no seu estandarte azul
com gemas reluzentes, foi aquele galeão lançado
nos mares de sombra sob sombras da noite!
Eärendel parte em ávida demanda

a mágicas ilhas além das milhas do mar,
além das Colinas de Avalon e os salões da lua,
os portais do dragão e as escuras montanhas
da Baía do Reino Encantado nas margens do mundo.

The moon mounted the mists of the sea,
and quivering in the cold the keen starlight
that wavered wan in the waiting East
failed and faded; the foam upon the shore
was glimmering ghostly on the grey shingle,
and the roaring of the sea rose in darkness
to the watchers on the wall.
O! wondrous night
when shining like the moon, with shrouds of pearl,
with sails of samite, and the silver stars
on her blue banner embroidered white
in glittering gems, that galleon was thrust
on the shadowy seas under shades of night!
Eärendel goeth on eager quest
to magic islands beyond the miles of the sea,
past the hills of Avalon and the halls of the moon,
the dragon's portals and the dark mountains
of the Bay of Faery on the borders of the world.

Mais tarde os sete primeiros versos foram apressadamente alterados por meu pai assim, principalmente para melhorar a métrica.

A lua caíra em cavernas de névoa,
e, tremeluzindo fria, a nítida luz das estrelas
hesitava pálida no Leste que aguardava
morreu e apagou-se; a espuma sobre a costa

luzia fantasmagórica sobre a praia cinzenta,
e o mar rugindo, erguendo-se e caindo
sob muralhas de pedra.

The moon was fallen into misty caves,
and quivering cold the keen starlight
wavered wanly in the waiting East
failed and faded; the foam upon the shore
was glimmering ghostly upon grey shingle,
and the roaring sea rising and falling
under walls of stone.

Em outra página há um texto a lápis com versos na etapa primária de composição, com supressões e substituições, de dificuldade excepcional, porém do maior interesse com relação ao "trecho de Eärendel" que acabei de mostrar.

O túmulo de Gawain jaz sob a grama
junto ao mar que ressoa, onde o sol se põe.
Que túmulo tem Guinever A sombra cinzenta
seu ouro no [?chão] [*(riscado:)* brilha como]
seu ouro em silêncio brilha invisível.
Nem Bretanha nem Benwick tem morro tumular
de Lancelot e de sua dama.
Nenhum [*(riscado:)* túmulo tem Artur]
Nenhum morro tumular tem Artur em terra mortal
sob lua ou sol que em ....
além das milhas do mar e das ilhas mágicas
além dos salões da noite nas margens do Céu
[*(riscado:)* os] portais do dragão e as escuras montanhas
da Baía de Avalon nas margens do mundo.
sobre a borda da Terra em Avalon [dormindo >] esperando.

Enquanto o mundo […]a
até que o mundo [??desperte]

The grave of Gawain under grass lieth
by the sounding sea, where the sun westers.
What grave hath Guinever The grey shadow
her gold in [?ground] [(struck out:) *gleams like]*
her gold in silence unseen gleameth.
Britain nor Benwick did barrow keep
of Lancelot and his lady.
No [(struck out:) *grave hath Arthur]*
No mound hath Arthur in mortal land
under moon or sun who in …… ……..
beyond the miles of the sea and the magic islands
beyond the halls of night upon Heaven's borders
[(struck out:) *the] dragon's portals and the dark mountains*
of the Bay of Avalon on the borders of the world.
up[on] Earth's border in Avalon [sleeping >] biding.
While the world w...eth
till the world [??awaketh]

No penúltimo verso o verbo não é *waiteth* [espera] e parece não ser *watcheth* [vigia]. Abaixo dos versos está escrito: *The tomb* [O túmulo]

*

A partida de Artur

Entre as anotações parcas e enigmáticas que mostrei nas O POEMA NÃO ESCRITO há tão pouca coisa que se refere à partida de Artur após ser mortalmente ferido na batalha de Camlan que é necessário consultar outros escritos na tentativa de interpretá-los.

Sobre a partida de Artur temos apenas estas frases (O POEMA NÃO

ESCRITO): *Artur morrendo na escuridão. Salteadores dão busca no campo. Caliburn e o lago. O navio escuro vem rio acima. Artur colocado nele*. E subsequentemente lemos que Lancelot navegou rumo ao oeste seguindo Artur, mas nunca volta, e *Se o encontrou em Avalon e retornará ninguém sabe*.

Na O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA citei o relato de Malory sobre a partida de Artur. Ali ele seguia bem de perto a *Morte Arthur* em estrofes, e não a *Mort Artu* francesa (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA). O ponto mais curioso, em relação às anotações de meu pai, diz respeito ao lugar e à natureza da partida de Artur. Em *Le Morte Arthur* está dito sobre o rei e os cavaleiros Bedivere e Lucan que "a noite toda jazeram na capela à beira do mar", e Malory tem "não longe do mar". Em *Le Morte Arthur* Artur ordena que Bedivere lance Excalibur "na *maré de sal*", e quando Bedivere finalmente obedece ao comando "no *mar* ele a lançou": aqui Malory usou a palavra "água" (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA), mas Bedivere relata ao rei que viu *wawes* [ondas]. Na *Mort Artu*, porém, a água é especificamente um lago, assim como na nota de meu pai: *Caliburn e o lago*. Em Malory a embarcação em que Artur partiu era "um pequeno barco", em *Le Morte Arthur* era "um rico navio com mastro e remo".

Assim, em sua intenção jamais realizada, meu pai abandonara a conclusão da *Morte Arthur* aliterante, onde se conta sobre a morte de Artur (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA) que após a batalha de Camlan ele foi carregado a Glastonbury, conforme desejava, e entrou na "Ilha de Aveloyne", onde morreu. Agora ele seguia a história essencialmente derivada da *Mort Artu*. Mas é difícil interpretar o "lago" de suas anotações; assim também o navio que "vem rio acima".

Não parece que as antigas evidências a respeito da batalha de Camlan possam lançar alguma luz sobre o conceito de meu pai nesse ponto. O registro mais antigo encontra-se numa crônica do século X conhecida por *Annales Cambriae*, os Anais de Gales, que tem um assentamento no ano de 537 *Gueith Camlann* (a Batalha de Camlan), "em que tombaram Artur e Medraut". Geoffrey de Monmouth disse que a batalha ocorreu na Cornualha, no rio *Cambula*, mas não deu nenhuma outra indicação. Na verdade não se sabe onde ficava a Camlan dos *Annales Cambriae*, nem mesmo se era na Cornualha; mas acabou sendo identificada com o rio córnico Camel[e].

O rio que levou Artur na anotação de meu pai deve derivar, em última análise, do *Cambula* de Geoffrey de Monmouth. Mas as aparentes incongruências nessas

notas são mais bem explicadas, creio, supondo-se que representem suas ideias em estado disforme: vislumbres de cenas que ainda não eram coerentes e unificadas: a capela junto ao mar, Excalibur lançada no mar – ou lago, o rio que traz o navio misterioso em que Artur parte.

Seja como for, é muito claro que ele nada queria ter a ver com o final da história do próprio Artur na *Mort Artu*, na *Morte Arthur* em estrofes e em Malory (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA): o sepultamento de seu corpo na ermida aonde fora levado na noite seguinte à sua partida no navio – nas palavras do ermitão a Bedivere em *Le Morte Arthur*,

> Por volta da meia-noite aqui estiveram damas,
> No mundo não sei quem eram,
> Este corpo trouxeram num esquife
> E o sepultaram com graves feridas.
>
> *Abowte mydnyght were ladyes here,*
> *In world ne wyste I what they were,*
> *This body they brought uppon a bere*
> *And beryed it wyth woundys sore.*

Mas as próprias palavras de Malory sobre o sepultamento de Artur na capela da ermida perto de Glastonbury são curiosas.

> "Senhor", disse Sir Bedyvere, "que homem está aqui enterrado que orais tão firme em sua intenção?"
>
> "Bom filho", disse o ermitão, "em verdade não sei senão por conjetura. Mas nesta mesma noite, à meia-noite, vieram aqui várias damas e trouxeram aqui um corpo morto e me pediram que o enterrasse. E aqui ofereceram cem velas, e me deram mil besantes."
>
> "Ai de mim!", disse sir Bedyvere, "esse era meu senhor Rei Artur, que aqui jaz enterrado nesta capela." [...]
>
> Assim nada mais encontro escrito de Artur em livros que sejam autorizados, nem mais com toda a certeza ouvi falar de sua morte, mas assim foi levado embora em um navio onde havia três rainhas [...]

> Agora nada mais consegui encontrar da morte do Rei Artur, senão que essas damas o levaram ao seu túmulo [...] Porém o ermitão não sabia com certeza que era em verdade o corpo do Rei Artur; pois esta história Sir Bedwere, cavaleiro da Távola Redonda, mandou escrever.

Parece evidente que Malory estava muito cético com a estranha história que encontrou em suas fontes.

Mas a respeito do destino de Artur no barco, ou navio, suas últimas palavras a Bedivere no conto de Malory, já mencionadas na O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA, precisam ser relembradas: "Pois devo ir ao vale de Avylyon para me curar de meu ferimento atroz. E se nunca mais ouvires de mim reza por minha alma!" Malory estava fazendo eco às palavras de Artur em *Le Morte Arthur*, aqui em resposta à exclamação de Bedivere "senhor, aonde estás rumando?":

> Irei por um breve momento
> Ao vale de Aveloune,
> Um instante para me curar de minha ferida.
>
> *I wylle wende a lytelle stownde [while]*
> *In to the vale of Aveloune,*
> *A whyle to hele me of my wounde.*

Essa referência ao vale de Avalon está ausente da *Mort Artu*. Em *A Queda de Artur* é claro que o rei estava indo a Avalon. Mas onde ficava Avalon?

No poema de meu pai enfaticamente não era Glastonbury em Somerset. Nas notas mencionadas à O POEMA NÃO ESCRITO Sir Lancelot, retornado de Benwick à Grã-Bretanha, cavalga rumo ao oeste; e "*o ermitão à beira-mar lhe conta sobre a partida de Artur*". Então "Lancelot obtém um barco e navega para o oeste e jamais retorna". Parece-me praticamente certo que esse ermitão fosse o guardião da capela "não longe do mar" ou "à beira-mar" (O POEMA NÃO ESCRITO) aonde Sir Lucan e Sir Bedivere levaram o rei ferido, apesar de ele não ser mencionado em *Le Morte Arthur* nem em Malory. Por esse modo de ver, ele enxergou, e disse a Sir Lancelot que enxergou, o navio levando Artur para ser sepultado até longe da costa, para alto-mar, e certamente não na direção de uma

ermida perto de Glastonbury.

A associação do túmulo de Artur com Glastonbury pode, portanto, ser brevemente descrita. O mais antigo registro escrito encontra-se em uma obra do antiquário galês Giraldus Cambrensis, ou Gerald de Gales, escrita por volta do final do século XII. Após observar que se contavam histórias fantásticas do corpo de Artur, como, por exemplo, que fora levado por espíritos a uma região longínqua e não estava sujeito à morte, disse que "em nossos dias" o corpo de Artur fora de fato encontrado, pelos monges da abadia de Glastonbury, enterrado fundo no solo em um carvalho oco no cemitério. Uma cruz de chumbo estava afixada à face inferior de uma pedra sob o caixão, de modo tal que a inscrição da cruz estivesse oculta. A inscrição, que o próprio Giraldus vira, declarava que ali estava sepultado o renomado Rei Artur junto com Wennevaria *in insula Avallonia* [*na ilha Avallonia*]. (Ele também registra o detalhe curioso de que ao lado dos ossos de Artur (que eram de tamanho enorme) e de Guinevere havia uma trança perfeitamente conservada dos cabelos dourados desta, mas que quando ela foi tocada por um dos monges desfez-se instantaneamente em pó.) A data desse evento está registrada como 1191.

No mesmo trecho Giraldus disse que o que então se chamava *Glastonia* era antigamente chamado de *Insula Avallonia*. Esse nome, explicou, surgiu porque o lugar era virtualmente uma ilha, inteiramente cercada de pântanos, daí ser chamado *Britannice* (na língua britânica [isto é, céltica]) *Inis Avallon*, que segundo ele significava *insula pomifera* "ilha das maçãs", sendo *aval* a palavra britânica para "maçã", pois macieiras ali abundavam outrora. Acrescenta também que *Morganis*, que era uma nobre dama, parenta do Rei Artur e senhora daquela região, levou-o após a batalha de Kemelen (Camlan) até a ilha que agora se chama Glastonia para curar seus ferimentos.

*

Não é necessário seguir mais adiante a "conexão de Glastonbury" até as complexas questões do que estava por trás dessa curiosíssima "descoberta" do túmulo do Rei Artur, e se havia associações entre Glastonbury e as lendas arturianas antes de 1191. Porém, ficará claro como ocorreu que o autor da *Morte Arthure* aliterante pudesse dizer (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA) que Artur foi levado a *Glasschenberye*, e no entanto *entrou na Ilha de Aveloyne*, e como o rei pôde dizer a Bedivere, na *Morte Arthur* em estrofes e em Malory, ao

jazer no navio, que iria ao vale de Avalon para curar sua ferida (O POEMA NÃO ESCRITO).

Mas em *A Queda de Artur* meu pai não se ocupou de Glastonbury em sua reformulação da lenda. Para ele, além de qualquer dúvida, Avalon era uma ilha no ocidente remoto; mas a respeito de sua natureza, nas notas que estão anexas ao poema, nada ficamos sabendo. Há uma única e mistificante referência a Avalon no próprio poema (I.204). Está em uma fala de Gawain em que ele lembra ao Rei Artur seu incomensurável poder em armas de cavalaria, "da florestal beira à Ilha de Avalon": o que deve significar que Avalon se tornara parte do domínio de Artur nos mares ocidentais, a não ser que se trate apenas de uma ampla sugestão retórica da extensão de seu poder no leste e no oeste.

Sobre a partida de Artur, Geoffrey de Monmouth em sua *Historia regum*, conforme já observamos (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA), nada mais disse além de que para a cura de seus ferimentos ele foi levado à Ilha de Avalon (*in insulam Avallonis*). Mas em outra obra sua, mais tardia, a *Vita Merlini*, um poema em hexâmetros latinos, fez um relato de Avalon e da chegada do Rei Artur até ali, como que nas palavras do bardo galês Taliesin. Nesse poema a ilha se chama (usando a mesma etimologia de Giraldus, *aval* "maçã") *Insula pomorum que fortuna vocatur*, "a Ilha das Maçãs, que é chamada de Ilha Afortunada": pois nessa terra abençoada todas as coisas surgem por si sós: não é necessário que os camponeses lavrem os campos, em que o trigo e as uvas aparecem sem cuidados. "Para lá após a batalha de Camlan (*post bellum Camblani*) levamos Artur ferido, e lá fomos recebidos com honra por Morgen, que deitou o rei num leito dourado em seu próprio aposento e por muito tempo fitou o ferimento, dizendo por fim que ele poderia recuperar a saúde se ficássemos com ele por longo tempo e nos submetêssemos à sua cura. Portanto, regozijando-nos, entregamos-lhe o rei e ao retornarmos demos as velas aos ventos que seguiam."

O primeiro relato em literatura da partida de Artur no navio encontra-se no *Brut* de Laȝamon, sobre o qual ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA. De acordo com Laȝamon o local da grande batalha foi Camelford, e os exércitos se encontraram "sobre o Tambre", o rio Tamar, que fica bem longe de Camelford. Aqui cito as linhas de Laȝamon sobre as palavras do Rei Artur, jazendo em terra mortalmente ferido, e a vinda do barco que o levou embora[f]. Ver-se-á que a métrica é herdeira da forma ancestral vista em *Beowulf* (e de fato em *A Queda de Artur*), porém com versos mais longos, com hemistíquios

interligados por rima ou assonância em vez de aliteração; porém, o vocabulário é quase totalmente "anglo-saxão".

"E irei a Avalon, à mais bela de todas as donzelas,
à rainha Argantegg, elfa belíssima,
e ela há de restaurar minhas feridas,
restaurar-me todo com poções de cura.
E depois voltarei outra vez ao meu reino
e habitarei com os britânicos em grande alegria."
A essas mesmas palavras veio do mar
um barco curto viajando, impelido pelas ondas,
e dentro dele duas mulheres maravilhosamente ataviadas,
e logo tomaram Artur, e o levaram depressa,
e o deitaram com cuidado, e partiram.
[...]
Os britânicos ainda acreditam que ele vive
e habita em Avalon com a mais bela de todas as elfas,
e os britânicos ainda esperam sempre que Artur retorne.

'And ich wulle varen to Avalun to vairest alre maidene,
to Argante þere quene, alven swiðe sceone,
and heo scal mine wunden makien alle isunde,
al hal me makien mid haleweiȝe drenchen.
And seoðe ich cumen wulle to mine kinerichen
and wunien mid Brutten mid muchelere wunne.'
Æfne þan worden þer com of se wenden
þat wes an sceort bat liðen sceoven mid uðen,
and twa wimmen þer inne wunderliche idihte,
and heo nommen Arður anan, and aneouste hine vereden,
and softe hine adun leiden and forð gunnen hine liðen.
. . . .

Bruttes ileveð ȝete þat he bon on live,

and wunnien in Avalun mid fairest alre alven,

and lokieð evere Bruttes ȝete whan Arður cumen liðe.

Esse trecho é peculiar a Laȝamon: não há nada que lhe corresponda no *Brut* de Wace.

*

No caso de *A Queda de Artur* há mais um aspecto de "Avalon" a ser considerado: a intrincada questão da relação entre a "ilha das maçãs" ou "Ilha Afortunada", da Avalon aonde foi levado o Rei Artur, brevemente descrita por Geoffrey de Monmouth na *Vita Merlini* (O POEMA NÃO ESCRITO), e a Avalon do mundo imaginado por meu pai.

Passou-se muito tempo antes que emergisse o nome da ilha chamada de Tol Eressëa, a Ilha Solitária, nas águas mais remotas de Belegaer, o Grande Mar do Oeste; e este não é o lugar para entrar em um relato da visão estranhamente cambiante de meu pai sobre a Ilha Solitária nos primeiros anos de *O Silmarillion*. Por outro lado, é importante tentar desvendar o que ele pensava sobre o assunto durante o tempo em que trabalhava em *A Queda de Artur*.

A única data precisa que pode nos ajudar é 9 de dezembro de 1934, quando R. W. Chambers escreveu para parabenizá-lo por *Artur*, então em progresso (PREFÁCIO); mas isso, é claro, não fornece indicação de quanto ele estava perto de abandonar o poema naquela época.

Muito tempo depois, em uma carta de 16 de julho de 1964, ele contou que ele e C. S. Lewis haviam combinado, em algum dia agora desconhecido, que cada um escreveria uma história: a de Lewis seria um conto de viagem espacial e a de meu pai um conto de viagem no tempo. *Out of the Silent Planet* [*Além do Planeta Silencioso*] de Lewis foi terminado por volta do outono de 1937, e *The Lost Road* de meu pai, de fato muito longe de estar terminado, foi enviado com outras obras num fatídico pacote à Allen and Unwin, em novembro daquele ano. Em setembro *O Hobbit* tinha sido publicado; em 19 de dezembro de 1937 ele disse em uma carta: "Escrevi o primeiro capítulo de uma nova história sobre hobbits."

Muitos anos mais tarde ele descreveu, naquela carta de 1964, suas intenções para *The Lost Road*.

> Comecei um livro abortivo de viagem no tempo cujo final seria a presença de meu herói no afundamento da *Atlântida*. Ela iria chamar-se *Númenor*, a Terra do Oeste. O fio seria a ocorrência, uma vez após a outra, em famílias humanas (como Durin entre os anões), de um pai e um filho chamados por nomes que poderiam ser interpretados como Amigo da Alegria e Amigo dos Elfos [...] Começou com uma afinidade pai-filho entre Edwin e Elwin no presente, e supõe-se que remontaria no tempo lendário através de um Eädwine e um Ælfwine de cerca de 918 d.C., e Audoin e Alboin da lenda lombarda, e assim às tradições do Mar do Norte a respeito da chegada do trigo e dos heróis da cultura, ancestrais de linhagens reais, em barcos (e sua partida em navios fúnebres). [...] Em minha história chegaríamos por fim a Amandil e Elendil, líderes do partido leal de Númenor, quando esta caiu sob o domínio de Sauron.

Sobrevive (publicado em *The Lost Road and Other Writings* [A Estrada Perdida e Outros Escritos], 1987, p. 12) o esboço original de sua "ideia" para a lenda conclusiva que meu pai escreveu em grande velocidade. "Esse texto notável", escrevi a respeito naquele livro, "documenta o início da lenda de Númenor, e a extensão de *O Silmarillion* em uma Segunda Era do mundo. Lá foi registrada pela primeira vez a ideia do Mundo Feito Redondo e do Caminho Plano [...]." Existem também duas versões (*ibid.* pp. XVIII ss.), de épocas próximas, sendo a segunda uma revisão da primeira, de uma breve narrativa que foi a precursora do *Akallabêth* (publicado com *O Silmarillion*). No manuscrito do segundo texto (apenas) meu pai mais tarde escreveu a lápis um título: *The Last Tale: The Fall of Númenor* [*O Último Conto: A Queda de Númenor*].

Meu estudo desses textos mostrou que *A Queda de Númenor* e trechos de *The Lost Road* "estavam intimamente ligados; surgiram ao mesmo tempo e do mesmo impulso, e meu pai trabalhou neles juntos" (*ibid.* p. XV). Portanto, cheguei à conclusão de que "'Númenór' (como conceito distinto e formalizado, independentemente da 'assombração da Atlântida', como meu pai a chamava, que houvesse por trás) surgiu no próprio contexto de suas discussões com C. S. Lewis em (como parece provável) 1936".

No primeiro dos dois textos de *A Queda de Númenor* ocorre este trecho:

> [quando] [...] Morgoth foi novamente lançado na Escuridão Exterior, os Deuses fizeram um conselho. Os Elfos foram convocados a

> Valinor [...] e muitos obedeceram, mas não todos.

Mas na segunda versão isso foi alterado assim:

> Mas, quando Morgoth foi lançado para fora, os Deuses fizeram um conselho. Os Elfos foram convocados a retornar para o Oeste, e aqueles que obedeceram voltaram a habitar em Eressëa, a Ilha Solitária, renomeada Avallon, pois fica muito próxima de Valinor.

Essa é uma das primeiras ocorrências do nome *Avallon* para *Eressëa*. Na narrativa fragmentária da história numenoriana em *The Lost Road*, que foi a única coisa que meu pai jamais escreveu sobre ela, Elendil conta a seu filho Herendil:

> E eles [os Valar] voltaram a chamar os Exilados dos Primogênitos e os perdoaram; e aqueles que retornaram habitam desde então em felicidade em Eressëa, a Ilha Solitária, que é Avallon, pois fica à vista de Valinor e à luz do Reino Abençoado.

Supostamente pertence a essa época um verbete de *The Etymologies* [*As Etimologias*] (texto de trabalho desse período, extremamente difícil, publicado em *The Lost Road and Other Writings*) sob o radical lono- (p. 370):

> *lóna*: ilha, terra remota difícil de alcançar. Cf. *Avalóna = Tol Eressëa* = a ilha exterior. [Provavelmente acrescentado em seguida: *A-val-lon*.]

Outro verbete que se relaciona com esse nome, sob o radical awa-, diz (em parte):

> longe, embora; para fora. Q[uenya] *ava* fora, além. *Avakúma* Nada Exterior além do Mundo. [A isso foi acrescentado: *Avalóna*, cf. *lóna*.]

Essas etimologias não concordam com a explicação do nome ("muito próxima a Valinor") na segunda versão de *A Queda de Númenor*.

Nessa época, quando meu pai estava ponderando os sucessivos contos que

iriam constituir *The Lost Road*, mas dos quais só fragmentos chegariam a ser contados, ele fez muito rapidamente uma anotação sobre a possibilidade de uma história "do homem que tomou a Rota Plana". Esse homem seria Ælfwine, o inglês do século X sobre o qual meu pai muito havia escrito nos primeiros anos: o marinheiro que chegou à Ilha Solitária e ali aprendeu com os elfos as histórias contadas em *The Book of Lost Tales* [O livro dos contos perdidos]. Reproduzo aqui a anotação de meu pai:

> Mas essa seria a melhor de todas as introduções dos Contos Perdidos: Como Ælfwine navegou na Rota Plana. Navegaram, navegaram, navegaram sobre o mar; e ele se tornou muito luminoso e muito calmo – sem nuvens, sem vento. A água parecia rala e branca lá embaixo. Olhando para baixo Ælfwine subitamente viu terras e montanhas [*ou* uma montanha] na água reluzindo ao sol. A dificuldade que tiveram para respirar. Seus companheiros mergulham sobre a borda um por um. Ælfwine cai desmaiado quando sente uma fragrância maravilhosa como de terra e flores. Ao despertar, descobre que o navio está sendo rebocado por pessoas que caminham na água. Contam que muito poucos homens ali, em mil anos, conseguem respirar o ar de Eressëa (que é Avallon), mas para além, *ninguém*. Assim ele chega a Eressëa e lhe contam os Contos Perdidos.

É interessante comparar isso com a conclusão de *O Silmarillion* na versão intitulada *Quenta Silmarillion*, a forma da obra antes de meu pai a deixar de lado durante os anos de *O Senhor dos Anéis* (*The Lost Road and Other Writings*, pp. 333-5). Lá o nome *Avallon* para Tol Eressëa havia surgido, mas ainda não o conceito da Rota Plana.

> Aqui termina *O Silmarillion*: que foi retirado em breves palavras daquelas canções e histórias que ainda são cantadas e contadas pelos elfos que se desvanecem e (de modo mais claro e completo) pelos elfos desaparecidos que agora habitam na Ilha Solitária, Tol Eressëa, aonde poucos marinheiros dos Homens jamais chegaram, exceto uma ou duas vezes em era remota, quando algum homem da raça de Eärendel passou além das terras da visão mortal e viu o bruxuleio das lâmpadas nos cais de Avallon, e sentiu de longe o aroma das flores

> imortais nas campinas de Dorwinion. Um deles foi Eriol, que os homens chamavam Ælfwine, e somente ele retornou e trouxe notícias de Cortirion [cidade dos elfos em Eressëa] às Terras de Cá.

Não é necessário prosseguir o assunto de *Avallon* entrando nas complexidades da evolução posterior, que são plenamente relatadas em *Sauron Defeated* [Sauron Derrotado] (1992). Neste resumo tentei apenas sugerir o que esse nome significava para meu pai no contexto de *O Silmarillion* na época em que trabalhava em *A Queda de Artur*, e provavelmente se aproximava de abandoná-la.

Parece-me que se deve presumir um período de tempo considerável para que emergisse uma perturbação tão enorme do mito existente, criada pela irrupção de Númenor e seu afundamento, pela remodelação elementar da Terra e pelo mistério da "Rota Plana", conduzindo a um "passado" desaparecido negado aos mortais. Penso então que é pelo menos muito provável que essa evolução em *O Silmarillion*, juntamente com o novo empreendimento de *The Lost Road* e as graves dúvidas e dificuldades que meu pai encontrou, tenha sido suficiente para explicar seu afastamento de *A Queda de Artur*.

Na verdade isso indicaria uma data surpreendentemente tardia para o seu abandono, mas há de fato um indício muito curioso e enigmático que parece sustentar essa suposição. Trata-se de uma única página de anotações muito rudimentares, uma lista de sucessivos "elementos" da narrativa, todos encontrados em outros lugares. A parte final da lista está assim:

> Batalha de Camlan
>
> Artur mata Mordred
>
> & é ferido

Ago 1937

> Carregado para Avalon
>
> Lancelot chega tarde demais
>
> [? reúne-se] à Rainha
>
> Vai para o Oeste num navio e nunca mais se ouve falar dele

Em algum momento depois de essa lista estar feita, meu pai acrescentou a

chave que separa “Carregado para Avalon” do que precede, e ao lado da chave (isto é, na mesma linha que “Carregado para Avalon”) escreveu “Ago 1937”.

A forma mais natural, talvez, de interpretar isso é que nesse ponto meu pai alcançara (em verso, se não em forma acabada) “Artur mata Mordred e é ferido”, mas nada além disso. É claro que o problema dessa suposição é que ele nem mesmo alcançara a Batalha de Camlan: o poema cessa com o fim dos combates em Romeril, e a prova manuscrita não dá indicação de que a forma em versos tivesse ido além desse ponto. Não consigo explicar isso. Mas pelo menos parece haver indícios, aqui, de que meu pai ainda estava ativamente ocupado com *A Queda de Artur* em agosto de 1937, embora isso pareça espantosamente tarde.

Mas, se fosse esse o caso, lançar-se-ia assim alguma luz sobre a razão pela qual meu pai escreveu, mais ou menos nessa época, que *Tol Eressëa*, nome que já remontava a uns vinte anos, foi mudado para *Avallon* – por nenhuma razão muito evidente? Parece impossível aceitar que não houvesse nenhuma ligação com a Avallon arturiana; mas é preciso dizer que a semelhança com a partida de Artur se tornou ainda menos evidente.

Em uma carta de setembro de 1954, após a publicação de *A Sociedade do Anel*, meu pai escreveu uma afirmação lindamente breve e lúcida acerca de Eressëa:

> [...] Antes da Queda estendiam-se além do mar e das costas ocidentais da Terra-média um paraíso *terreno* élfico, Eressëa, e *Valinor*, a terra dos *Valar* (os Poderes, os Senhores do Oeste), lugares que podiam ser atingidos fisicamente por veleiros comuns, embora os Mares fossem perigosos. Mas após a rebelião dos numenorianos, os Reis dos Homens, que moravam em uma terra mais ocidental de todas as terras mortais e finalmente, no ápice de sua soberba, tentaram ocupar Eressëa e Valinor à força, Númenor foi destruída, e Eressëa e Valinor foram removidas da Terra fisicamente atingível: o caminho para o oeste estava aberto, mas não levava a nenhum lugar senão de volta – para os mortais.

Parece-me que o máximo que se pode dizer é que a Ilha Afortunada, a Avalon da fada Morgana, e a Avallon que era Tol Eressëa, estão associadas apenas por terem ambas o caráter de um “paraíso terreno” muito longe no oceano ocidental.

Ainda assim, há boas razões, na verdade evidência obrigatória, para crer que meu pai tenha feito essa conexão expressa, porém o motivo subjacente pode ser difícil de interpretar.

Entre as anotações de meu pai para a continuação de *A Queda de Artur*, aquela que fala que Lancelot toma um barco e navega para o oeste, mas nunca retorna, é de especial interesse no presente contexto por causa das palavras que se seguem e concluem a anotação: "Trecho de Eärendel" (O POEMA NÃO ESCRITO). Essas linhas de versos aliterantes, encontradas junto com as notas para a continuação de *A Queda de Artur*, foram mostradas às O POEMA NÃO ESCRITO.

Neste breve poema "[o] galeão [foi] lançado *nos mares de sombra*", e Eärendel "parte [...] *a mágicas ilhas* [...] além das colinas de *Avalon* [...] *os portais do dragão e as escuras montanhas / da Baía do Reino Encantado nas margens do mundo*". Nesses versos meu pai estava expressamente introduzindo elementos da geografia mitológica da Primeira Era do Mundo, como foi originalmente descrita em *The Book of Lost Tales*, mas que sobreviveram amplamente em textos muito mais tardios de *O Silmarillion*.

No conto "A Ocultação de Valinor" em *The Book of Lost Tales Part I* diz-se que à época da fortificação de Valinor as Ilhas Mágicas foram dispostas em grande anel no oceano, como defesa da Baía de Faëry [Reino Encantado]. À época da versão de *O Silmarillion* intitulada *Quenta*, escrita, pelo menos em grande parte, em 1930, foi dito o seguinte (*The Shaping of Middle-earth* [A Formação da Terra-média], 1986, p. 98):

> Naqueles dias, que as canções chamam de A Ocultação de Valinor, as Ilhas Mágicas foram dispostas, cheias de encantamento, e enfileiradas através dos confins dos Mares Sombrios, antes de se chegar à Ilha Solitária navegando para o oeste, para ali apanhar os marinheiros em armadilha e envolvê-los em sono eterno.

É de notar que a expressão "a Baía do Reino Encantado nas margens do mundo" ["the Bay of Faery on the borders of the world"] na última linha do "trecho de Eärendel" se encontra com frequência nos primeiros escritos. Constitui a quarta linha da segunda versão do poema aliterante *The Children of Húrin* [*Os Filhos de Húrin*], em ou antes de 1925 (*The Lays of Beleriand*, 1985, p. 95):

> Vós, Deuses que cingistes vossos reinos vigiados

com pináculos imóveis, montanhas sem trilhas,
erguendo-se íngremes sobre costas veladas
da Baía do Reino Encantado nas margens do Mundo!

Ye Gods who girt your guarded realms
with moveless pinnacles, mountains pathless,
o'er shrouded shores sheer uprising
of the Bay of Faëry on the borders of the World!

No *Quenta* todos esses nomes aparecem juntos na história de Eärendel (*The Shaping of Middle-earth*, p. 150). Em sua viagem a Valinor, levando o Silmaril, Eärendel e Elwing no navio *Wingelot*

> chegaram às Ilhas Mágicas e escaparam à sua magia; e chegaram aos Mares Sombrios e passaram por suas sombras; e contemplaram a Ilha Solitária e não se demoraram ali; e lançaram âncora na Baía de Faërie nas bordas do mundo.

São especialmente impressionantes as palavras "os portais do dragão" no penúltimo verso do "trecho de Eärendel". No conto "A Ocultação de Valinor" está dito (*The Book of Lost Tales Part I*, pp. 215-6) que os Deuses "ousaram um muito grande feito, a mais potente de todas as suas obras":

> "Dirigiram-se à Muralha das Coisas, e ali fizeram a Porta da Noite [...] Ali ela se ergue ainda, totalmente negra e enorme junto às muralhas de azul profundo. Seus pilares são do mais forte basalto e seu lintel também, mas grandes dragões de pedra negra estão esculpidos sobre eles, e uma fumaça sombria se derrama lentamente das suas mandíbulas. Tem portões inquebráveis, e ninguém sabe como foram feitos ou colocados, pois aos Eldar não foi permitido estar naquela terrível construção, e ela é o último segredo dos Deuses."

(As expressões "porta com cabeças de dragão", e "portas da Noite com cabeças de dragão" encontram-se em poemas antigos: *The Book of Lost Tales Part II*, pp. 272, 274.)

Nessa forma mais primitiva do mito astronômico "o galeão do Sol" passa através da Porta da Noite, "sai para a treva ilimitada, e passando por trás do mundo volta a encontrar o Leste", retornando pelos Portões da Manhã. Mas esse conceito foi logo ultrapassado por uma nova forma do mito em que o Sol não entra na Treva Exterior pela Porta da Noite, mas passa abaixo da Terra. A Porta da Noite permaneceu, mas com propósito e época de construção diferentes. Na curta obra chamada *Ambarkanta*, A Forma do Mundo, de 1930 ou pouco depois, o novo significado da Porta da Noite é expresso nestes trechos (*The Shaping of Middle-earth*, pp. 235, 237):

> Em toda a volta do Mundo estão as Ilurambar, ou Muralhas do Mundo. São como gelo e vidro e aço, sendo frias, transparentes e duras além de toda imaginação dos Filhos da Terra. Não podem ser vistas, nem é possível ultrapassá-las, a não ser pela Porta da Noite.
>
> No interior dessas Muralhas a Terra está envolta: acima, abaixo e por todos os lados está Vaiya, o Oceano Envolvente.
>
> No meio de Valinor está *Ando Lómen*, a Porta da Noite Intemporal que trespassa as Muralhas e se abre para o Nada. Pois o Mundo está posto no meio de Kúma, o Nada, a Noite sem forma nem tempo. Mas ninguém pode ultrapassar o abismo e o cinturão de Vaiya e chegar àquela Porta, exceto os grandes Valar. E eles fizeram essa Porta quando Melko [Morgoth] foi derrotado e lançado fora para as Trevas Exteriores; e ela é vigiada por Eärendel.

É claro que expus aqui todos esses trechos, escolhidos dentre um imenso corpo de escritos, não por seu significado intrínseco e sim para reforçar a notável natureza da evocação por meu pai, deliberada e substancial, de um mito cardeal do seu próprio "mundo", a grande viagem de Eärendel a Valinor, em relação ao Sir Lancelot da lenda arturiana – a quem de fato ele atribuía então uma grande viagem através do oceano ocidental[h].

Veremos que nesses versos do "trecho de Eärendel" (O POEMA NÃO ESCRITO) o único nome que não é derivado das narrativas de *O Silmarillion* é *As Colinas de Avalon*. Comparando a descrição da viagem de Eärendel e Elwing na citação do *Quenta* dada na O POEMA NÃO ESCRITO, onde após a passagem dos Mares Sombrios e das Ilhas Mágicas eles "contemplaram a Ilha Solitária e

não se demoraram ali", parece ao menos muito provável que aí "Avalon" tenha o significado de "Tol Eressëa", assim como nos textos da década de 1930 citados nas O POEMA NÃO ESCRITO. Se assim for, então quando meu pai escreveu num contexto "Silmarillion" que *Tol Eressëa* foi renomeada *Avallon*, também escreveu *Avalon* por *Tol Eressëa* em um contexto arturiano.

Pode-se pensar que os "versos de Eärendel" não mostrem mais do que um amplo paralelo entre duas grandes viagens rumo ao oeste. Mas o segundo poema, na primeira fase de composição e extraordinariamente difícil de ler (e com duas ilegibilidades bastante infelizes), encontrado entre esses papéis[i] e exibido nas O POEMA NÃO ESCRITO, apresenta associações muito mais extraordinárias.

Esses versos abrem com a reflexão de que, enquanto a sepultura de Gawain fica "junto ao mar que ressoa, onde o sol se põe", não existem colinas tumulares de Lancelot nem de Guinevere, e "nenhum morro tumular tem Artur em terra mortal" – e os versos seguintes dizem respeito a Artur: mas são muito semelhantes, ou quase idênticos, às linhas finais dos "versos de Eärendel". Não é imediatamente óbvio qual desses dois "poemas", que por conveniência chamo aqui de *Eärendel Quest* [Demanda de Eärendel] e *Arthur's Grave* [Sepultura de Artur], precedeu o outro. Poderia parecer que a forma muito mais bem acabada, datilografada, da *Demanda de Eärendel* sugere que esse é o mais recente; mas o fato de os nomes intimamente associados à lenda de Eärendel acompanharem a figura de Eärendel nesse poema, ao passo que na *Sepultura de Artur* esses nomes estão associados ao Rei Artur, parece-me um argumento mais forte para supor que a *Sepultura de Artur* seja posterior à *Demanda de Eärendel*.

Está dito no final da *Sepultura de Artur* que Artur "permanece" (alterado, pois antes era "dorme") em Avalon, enquanto a Baía de Faëry se torna a Baía de Avalon. À primeira vista, a presença de Artur "em Avalon" sugere que o nome é usado ali no sentido arturiano familiar da ilha aonde Artur foi levado para ser curado pela fada Morgana; mas seu surgimento no contexto de nomes de *O Silmarillion* também parece indicar que era Tol Eressëa.

É semelhante à mudança do nome da Baía de Casadelfos (ou de Faërie, ou de Eldamar) para Baía de Avalon. O nome *Avalon*, agora usado para designar Tol Eressëa, estende-se aqui da ilha para as costas da vasta baía onde Tol Eressëa estava ancorada[j].

Parece que a *Avalon* arturiana, a Ilha Afortunada, *Insula Pomorum*, domínio da fada Morgana, tinha sido então, em algum sentido misterioso, identificada

com Tol Eressëa, a Ilha Solitária. Mas o nome *Avallon* entrou, como nome de Tol Eressëa, na época em que a Queda de Númenor e a Mudança do Mundo entraram também (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA), com o conceito da Rota Plana, partindo do Mundo Redondo, que ainda conduzia a Tol Eressëa e Valinor, uma rota que era negada aos mortais e ainda assim foi misteriosamente encontrada por Ælfwine da Inglaterra.

Sou completamente incapaz de dizer como meu pai via essa conjunção. Pode ser que por ausência de uma datação mais precisa eu tenha sido levado a combinar em um todo contemporâneo ideias que não eram coerentes, mas emergiram e foram deixadas de lado naquele tempo de grande revolução criativa. Mas repetirei aqui o que disse em *The Lost Road and Other Writings*, p. 98, sobre as intenções de meu pai para seu livro de "viagem no tempo":

> Com a introdução nessa época das ideias cardeais da Queda de Númenor, do Mundo Tornado Redondo e da Rota Plana no conceito da "Terra-média", e o pensamento sobre uma história de "viagem no tempo" em que a figura muito significativa do anglo-saxão Ælfwine seria "estendida" ao futuro, ao século XX, e também a um passado de muitas camadas, meu pai vislumbrava uma interconexão maciça e explícita de suas próprias lendas com as de muitos outros lugares e tempos, todas tratando das histórias e dos sonhos de povos que habitavam junto às costas do grande Mar Ocidental.

*

Em conclusão, resta considerar as notas de meu pai para a continuação da história de Lancelot e Guinevere (O POEMA NÃO ESCRITO).

Sobre Lancelot, após seu retorno demasiado tardio da França, ficamos sabendo que cavalgou rumo ao oeste a partir de Romeril "pelas estradas vazias" e encontrou Guinevere que "desce vinda de Gales". A narrativa já se preparava para desviar definitivamente da que encontramos na *Morte Arthur* em estrofes, que foi seguida de perto por Malory, de cujo relato fiz um breve esboço nas O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA. As notas de meu pai, embora sejam extremamente reduzidas, demonstram sem dúvida que os anos posteriores dessa Guinevere nada terão a ver com um convento nem com "jejum, orações e atos de caridade" com semblante triste, e certamente ela não se dirigirá a Lancelot

com palavras como estas:

> "Mas imploro-te, por todas as coisas,
> Que nunca em tua vida depois disto
> Me procures para assistência,
> Nem me envies mensagem, mas permaneças feliz:
> Peço a Deus eterno
> Que me conceda graça para emendar minha transgressão."

> *'But I beseche the, in alle thynge,*
> *That newyr in thy lyffe after thysse*
> *Ne come to me for no sokerynge,*
> *Nor send me sond, but dwelle in blysse:*
> *I pray to Gode euyr lastynge*
> *To graunt me grace to mend my mysse.'*

Muito menos esse Lancelot responderá com palavras como estas de Malory:

> "Agora, minha doce senhora", disse sir Launcelot, "quereis que eu me volte outra vez para meu país, e ali despose uma dama? Não, senhora, sabei que jamais farei isso, pois jamais vos serei tão falso do que prometi. Mas o mesmo destino que vós tomastes assumirei eu também, pela vontade de Jesus, e me disponho a sempre orar especialmente por vós."

Foi bem diferente o encontro deles quando ela desceu de Gales, como meu pai resolveu contar. Foi de fato previsto nos versos do terceiro Canto:

> Estranho ela o vê,
> não mais o mesmo, por mal súbito. (III.95-6)

> Estranha pareceu a ele,
> não mais a mesma. Junto ao mar ele para
> como pedra esculpida, desespero cinzento.
> A despedida foi dor. (III.106-9)

Na *Morte Arthur* em estrofes houve grande pesar no último encontro e na despedida no convento:

> Mas nenhum homem terreno pode contar
> O pesar que lá começou a existir
>
> *But none erthely man covde telle*
> *The sorow that there by-gan to bene*

e no conto de Malory "houve lamento como se tivessem sido ferroados com lanças" (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA); mas houve determinação e resignação. No último encontro entre eles, nas notas sobre *A Queda de Artur* (O POEMA NÃO ESCRITO), houve desolação e vazio. Na primeira das notas que tratam disso, Lancelot só pergunta a Guinevere: *Onde está Artur?* Apesar de o humor, é claro, ser totalmente diferente, aparece algo da acrimônia contida da pergunta de Morwen, quando morria, a Húrin sobre Túrin: "Se souberes, conta-me! *Como ela o encontrou?*" Húrin nada disse, e Guinevere nada tinha a contar. Lancelot "deu-lhe as costas".

Em outra nota acerca do seu último encontro está dito que a Lancelot não restava amor senão por Artur: Guinevere perdera todo o poder sobre ele. São repetidas as palavras do terceiro Canto: "A despedida foi dor", mas agora está acrescentado "frios e sem pesar". Esse Lancelot não passará seus últimos anos em jejum e penitência nem terminará a vida comendo e bebendo tão pouco que "secou e feneceu" (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA). Dirigiu-se para beira-mar e ficou sabendo pelo ermitão que ali vivia que Artur partira para o oeste, por sobre o oceano. Zarpou seguindo Artur e mais nada jamais se ouviu dele. "Se encontrou Artur em Avalon e voltará, ninguém sabe."

Mas o que aguardava Sir Lancelot é declarado pelo poeta nos versos finais do terceiro Canto. Embora cheio de uma mente mais leve e de nova esperança em Benwick, depois de passada a grande tempestade, "não reconhece o minuto":

> Voltou atrás da fortuna a maré,
> sua rápida corrente o carrega consigo.
> Tem o fim à sua frente e definha seu dia,
> no correr da maré não voltará jamais

a tratar com criaturas existindo ainda o mundo.

Pode-se imaginar que meu pai via sua história da partida de Sir Lancelot como uma reencenação, de certa forma, do conto de Tuor, pai de Eärendel (Tuor era filho de Huor, irmão de Húrin; desposou Idril Celebrindal, filha de Turgon, Rei de Gondolin). No *Quenta* de 1930 conta-se sobre ele o seguinte:

> Nesses dias Tuor sentiu a velhice arrastar-se sobre ele, e não conseguia reprimir o anseio pelo mar que o possuía; por isso construiu a grande nau Eärámë, Asa de Águia, e com Idril zarpou rumo ao pôr do sol e ao Oeste, e não apareceu mais em nenhuma história.

Depois disso Eärendel construiu *Wingelot* e partiu numa grande viagem com dupla finalidade: encontrar Idril e Tuor, que jamais haviam voltado, e "pensava encontrar talvez a última costa e levar antes de morrer uma mensagem aos Deuses e Elfos do Oeste". Mas Eärendel não encontrou Tuor e Idril nem alcançou as costas de Valinor nessa primeira viagem ao ocidente.

A última vez que a vemos, Guinevere observa de longe as velas do navio de Lancelot que parte: "vê seu estandarte de prata desaparecer sob a lua". Há menção de sua fuga para Gales para escapar dos "homens do leste". Pelas poucas frases escritas a lápis por meu pai, parece que sua vida daí por diante nada continha além de pesarosa solidão e autocompaixão; "mas por muito que o pesar fosse sua sina não está dito que se enlutou mais pelos outros que por si própria". Dois versos que ele escreveu (O POEMA NÃO ESCRITO) têm ar de epitáfio.

> Guinevere tornou-se cinzenta na cinzenta sombra
> perdendo todas as coisas, a que todas as coisas dominava.
>
> *Guinevere grew grey in the grey shadow*
> *all things losing who at all things grasped.*

---

[a] Em outras páginas meu pai rabiscou versos e hemistíquios aliterantes que

provêm desse resumo, e essa última frase seria pouco mais que adivinhação se não fosse confirmada por estes versos em outra página:

Vindo à Cornualha
cuja costa tem cólera mas é preclara a gente
ou em Lyonesse achar que se chega bem-vindo.

To Cornwall coming
of coast unkind but kind people
or in Lyonesse find loyal welcome.

Lyonesse é o nome da terra perdida a oeste do ponto mais ocidental da Cornualha ("Land's End"). No antigo conto de meu pai, *Ælfwine of England* [*Ælfwine da Inglaterra*] (ver O POEMA NÃO ESCRITO), encontra-se o seguinte (*The Book of Lost Tales II* [O Livro dos Contos Perdidos II]], p. 313):

Apesar de Déor [pai de *Ælfwine*] ser de sangue inglês, conta-se que tomou por esposa uma donzela do Oeste, de Lionesse como alguns a chamaram desde então, ou Evadrien "Costa do Ferro" como os elfos dizem ainda. Déor a encontrou na terra perdida além de Belerion de onde os elfos às vezes zarpam.

[b] Fragmentos de versos em outras páginas, começando por "Gawain respondeu com grave espanto", mostram os primeiros movimentos de meu pai rumo à versificação deste trecho do esboço, em que lembra Artur de sua firma resolução e propósito assentado.

[c] Em outra página encontram-se estes versos, escritos com maior cuidado:

após ele seguiam
vassalados de Lothian. Mas de Lot os filhos,
Gaheris e Gareth de Gawain irmãos
deu nesse dia falta, e da dura mão
de Sir Agravain: na ampla terra jazem,
que por Lancelot e por lástima
foram mortos para seu máximo pesar

in his wake followed
lieges of Lothian. But Lot's children
Gaheris and Gareth Gawaien's brethren
that day missed he, and dour-handed
Sir Agravain: under earth lay they
by Lancelot in luckless hour
slain to his long sorrow

[d] O ponto de interrogação após "Wingelot" não é editorial. Sobre esse nome ver O POEMA NÃO ESCRITO.

[e] Este rio, não muito longo, nasce perto de Camelford (a oeste de Launceston) e corre para o mar perto de Padstow (a noroeste de Bodmin).

[f] Cito esse texto do manuscrito Cotton Caligula A ix na edição de Sir Francis Madden em três volumes de 1847, que por mais de um século foi a única edição do *Brut* de Laȝamon. Meu pai adquiriu um belíssimo exemplar dessa obra rara e custosa em 1927.

[g] O nome *Argante* provavelmente teria sido uma corruptela de *Morgen* na *Vita Merlini* de Geoffrey de Monmouth (ver O POEMA NÃO ESCRITO).

[h] Nessa conexão pode ser lembrado que (embora com uma interrogação) o navio de Gawain era chamado *Wingelot*, Flor da Espuma, o nome do navio de Eärendel (O POEMA NÃO ESCRITO).

[i] Um esboço muito primitivo das linhas iniciais encontra-se, de fato, em uma das páginas de notas para a continuação de *A Queda de Artur*.

[j] Na história original a Ilha Solitária estava ancorada no meio do oceano, e não se podia ver terra "a muitas léguas de navegação dos seus penhascos": esse era o motivo do nome.

A EVOLUÇÃO
DO POEMA

A EVOLUÇÃO DO POEMA

É uma notável característica dos poemas "nórdicos" de meu pai, *A Balada dos Völsungs* e *A Balada de Gudrún*, que do trabalho que precede o texto acabado só sobreviveram algumas poucas páginas, e além dessas "não há vestígio algum de rascunhos anteriores" (*A Lenda de Sigurd e Gudrún*, p. 40). Obviamente tal material existia e foi perdido em alguma etapa. É bem diferente o caso de *A Queda de Artur*, de que existem cerca de 120 páginas de rascunho (conservadas em desordem, o que não é de surpreender) que precedem o texto "final" que está neste livro. O desenrolar a partir dos ensaios mais remotos (que muitas vezes só são parcialmente legíveis) pode ser seguido, em grande medida, através de manuscritos sucessivos que sofreram abundantes emendas. Em alguns trechos do poema, elementos que se confundem representam a evolução paralela de diferentes versões e o deslocamento de blocos de texto para aparecerem em contextos diversos.

O tempo e a reflexão que meu pai empregou nesta obra são espantosos. Seria possível, é claro, fornecer um aparato textual completo e detalhado, incluindo um relato de cada emenda que surgiu nos manuscritos sucessivos à medida que ele buscava constantemente um melhor ritmo, ou uma melhor palavra ou frase dentro das restrições da aliteração. Mas essa seria uma tarefa descomunal, e desproporcional, a meu ver.

Por outro lado, omitir qualquer comentário textual seria ocultar elementos notáveis e essenciais da criação do poema. Isso é especialmente verdadeiro no caso do Canto III, que era o cerne do poema, o mais trabalhado e o mais alterado durante o processo, e forneci um relato bastante completo (mais completo do que talvez fosse desejável, de modo geral, e inevitavelmente difícil de acompanhar em todos os pontos) dessa história tal como a entendo; mas ao longo de todo o meu comentário textual sobre o poema frequentemente omiti alterações menores feitas por razões de métrica ou estilo.

No que se segue usei a palavra "rascunho" para me referir a qualquer página (ou a todas elas) de versos que precede o texto mais recente de *A Queda de Artur*, isto é, o manuscrito do qual foi extraído o texto deste livro. Esse texto mais recente dá de fato a impressão de ter sido escrito como um todo, e colocado à

parte, e poderia portanto ser considerado "final", porém subsequentemente sofreu grande número de correções e alterações, especialmente nos dois primeiros cantos. Na verdade, por via de regra, nenhum manuscrito de meu pai podia ser considerado "final" até que largasse mão dele em segurança. Mas neste caso um número preponderante de alterações foi feito rapidamente a lápis; e a respeito de mudanças semelhantes feitas em manuscritos dos poemas "nórdicos" de meu pai escrevi (*A Lenda de Sigurd e Gudrún*, p. 40): "Tenho a impressão de que meu pai releu o texto muitos anos depois […] e rapidamente emendou os pontos que chamaram sua atenção enquanto lia." O mesmo pode ser verdade sobre *A Queda de Artur*, mas é claro que isso não pode ser determinado com certeza. O fato de essas alterações serem notavelmente mais numerosas nos Cantos I e II pode indicar um interesse renovado pelo poema em alguma data posterior, mas que acabou dando em nada.

No entanto, esse manuscrito deve ser considerado, e referências a ele deverão ser feitas constantemente. Eu o indico com as letras **LT** de Latest Text [*Texto Mais Recente*].

Um aspecto realmente extraordinário da redação do poema revela-se nas páginas do rascunho: a saber, que o Canto I, o relato da campanha do Rei Artur no Leste, longe de ser o primeiro escrito, foi de fato introduzido quando o trabalho do poema estava bem avançado.

Há dois rascunhos manuscritos do Canto II (a narrativa das notícias trazidas pelo capitão do navio frísio naufragado, e a da visita de Mordred a Guinevere em Camelot), e também uma página isolada que traz a abertura do poema. Os três começam pelos versos:

> Voam ares atros sobre águas profundas,
> do sul sopram a solta espuma […]

O primeiro, que chamarei de ***IIa***, tem este título:

A Queda de Artur

I

Como [Mordred >] Radbod trouxe notícias e Mordred reuniu

seu exército para deter o desembarque do rei

O texto é essencialmente o mesmo que o do Canto II em LT conforme publicado, porém com muitas diferenças, mas não vai além do equivalente ao verso II.109, neste texto "os cormorões da costa e dos crus pântanos".

O segundo texto em rascunho, o seguinte, chamado ***IIb***, tem na primeira página o mesmo título que *IIa*, mas contém todo o texto do canto, mais uma vez com muitas diferenças, mas não estruturais.

A página isolada ***IIc*** do canto, referida acima, segue o texto *IIb*, e seu título é assim:

A Queda de Artur

II

Como o navio frísio trouxe notícias, e Mordred reuniu um
exército e chegou a Camelot em busca da rainha.

Mas o número II deste título foi uma extensão posterior de I.

É notável que quando o Canto I foi acrescentado não se adicionou nenhum elemento nem referência narrativa ao que se tornara o Canto II; mas isso, suponho, foi porque o plano original de meu pai era abrir o poema com Mordred e Guinevere, e ele então não considerava necessária nenhuma narrativa prévia. Agora, portanto, basta ler o Canto II com esse conhecimento para avaliar o pouco que havia sido contado sobre a ausência de Artur da Grã-Bretanha: nada está dito da história pregressa a não ser as palavras que Radbod, capitão do navio frísio, disse a Mordred antes de morrer (equivalentes no rascunho manuscrito *IIb* aos versos II.70-77 da versão mais recente):

Cradoc, o maldito, traiu teu conselho,
aos ouvidos de Artur tudo está revelado
de teus feitos e propósito. Negra é sua ira.
Apressa-se ao lar, e convoca sua tropa
das regiões romanas, cavalgando como tempestade.

Cradoc the accurséd hath thy counsel bewrayed, [betrayed]
in Arthur's ears all is rumoured

of thy deeds and purpose. Dark is his anger.
He hastens home, and his host summons
from the Roman marches, riding like a tempest.

O aviso de Mordred a Guinevere, II.144-7, estava presente em *IIb* nesta forma, com referência a Benwick:

Nunca mais Artur há de entrar neste reino,
nem Lancelot do Lago, relembrando o amor,
de Benwick à Bretanha por sobre amplas águas
voltar ao teu encontro!

Never again shall Arthur enter this kingdom,
nor Lancelot du Lake love remembering
from Benwick to Britain over broad waters
return to thy tryst!

Outra referência – notável – a Lancelot aparece em *IIb* (repetida de *IIa*), onde Mordred convoca para seu lado "cavaleiros e chefes [...] certos na hipocrisia, adversários de Artur, amigos de Lancelot": em LT (*Texto Mais Recente*) *Lancelot* foi alterado para *perfídia* (II.105).

*

Canto III

Por diversas razões é mais claro, ou, digamos, menos obscuro, começar este relato com o Canto III, "De Sir Lancelot, que habitava em Benwick".

Os rascunhos manuscritos consistem em sua grande maioria em versos, mas entre eles há três sinopses da história de Lancelot e Guinevere como meu pai pensava contá-la, ou melhor, presumi-la, em seu poema. Foram numeradas (subsequentemente) I, II e III. As três foram escritas muito às pressas, mas raramente de modo ilegível. Expandi as contrações e fiz algumas emendas bem secundárias.

A Sinopse I começa com um trecho em louvor de Lancelot que foi seguido bem de perto em III.19-28. Depois prossegue:

Só Gawain era quase seu igual, porém de humor mais severo, amando o rei sobre os homens e sobre as mulheres, dissimulando por cortesia sua desconfiança da Rainha. Mas a Rainha amava Lancelot, somente elogios dele ela escutava. Assim o ciúme despertou em corações menores, porém mais no de Mordred, a quem a beleza dela inflamava. Lancelot rejubilava-se com a beleza da Rainha e a servia sempre, mas por muito tempo foi leal a seu senhor, mas a rede se fechou em torno dele e a Rainha não o liberava, mas com risos ou com lágrimas lhe desviava a intenção até ele decair da lealdade.

Gawain não desconfiava, mas Mordred vigiava. Por fim Mordred contou a Gawain e seus irmãos Agravain e Gareth e disse que, como eram parentes do rei, deveriam alertá-lo. Agravain, com ciúme da condição de Lancelot e do favor deste diante de seu irmão, contou ao rei. A corte partiu-se em contenda. [*Acrescentado:* Agravain morto por Lancelot.] Mordred contou a Guinevere e Lancelot que a traição foi decisão de Gawain, por inveja, e Lancelot acreditou na mentira – apesar de Gawain na verdade ser o único de todos os cavaleiros que não sentia inveja e pensava apenas no rei e não em si. O rei condenou a Rainha a [*palavra ilegível riscada e substituída por* e Lancelot à morte] e os homens acusaram Lancelot de covardia visto que fugira. Mas quando a Rainha estava sendo levada à estaca Lancelot apareceu à frente de sua família e a resgatou e a levou embora. Gareth [? e outros] da família da Gawain foram mortos. Mas o humor de Lancelot se deteriorou e ele retornou à Rainha – mas Artur não queria vê-lo de novo e ele voltou a Benwick.

Nem ele nem sua família lutaram de novo por Artur, nem mesmo quando ouviram dos ataques à Grã-Bretanha, nem da surtida de Artur para o leste. Isso irritou seus seguidores e lamentaram seu humor – penitência arrependida e seu orgulho humilhado depois de se perder por amor e agora amor desprezado por lealdade.

Veio então notícia da traição de Mordred – e Artur armando-se contra seu próprio reino. Lancelot viu com mais clareza a perfídia em que estava enredado. Meio pensou em reunir sua hoste em auxílio de Artur. Então o orgulho o reteve e o pensamento de Gawain que ele injustiçara e seu frio desdém. Pensou que iria apesar de tudo se o rei chamasse. Onde estava Guinevere – ele não tinha o poder de ir à Grã-Bretanha sem se unir a Artur. Ela era bela e falsa como diziam os homens (e Mordred)? Levianamente ela o deixara e parecia não ter pena de sua angústia nem compreender sua penitência. Se ela lhe mandasse contar do perigo, ele iria. Mas não chegou mensagem de Artur, que era guiado por Gawain. Nenhuma mensagem chegou de Guinevere, que esperava para ver o que

ocorreria. Lancelot não partiu, mas permaneceu em Benwick. O sol brilhou após a tempestade e seu coração ficou leve. Mandou tocar música e mandou que os homens se alegrassem, pois a vida ainda tem esperança, mas não sabia que as marés da sorte haviam mudado e que ele perdera a cheia.

A Sinopse II começa com uma repetição bem próxima da abertura da Sinopse I, até "sua vontade foi dobrada e ele decaiu da lealdade". Depois continua:

Gawain desconfiava, mas Mordred vigiava. Assim vieram a contenda e o rompimento da Távola Redonda que muitos cantaram. [*Palavra ilegível*] primeira nuvem surgiu sobre a glória de Artur. Mordred, movendo-se no escuro, avisa tanto Lancelot quanto o rei. A grande ira do rei, que Gawain tenta refrear, mas no momento Mordred tem o ouvido do rei. Ele jura que tanto Lancelot como Guinevere hão de sofrer morte por traição – na verdade de acordo com a justa lei. Mas Lancelot prevenido tomou Guinevere e fugiu em segurança (isto como Mordred pretendia) proclamando culpa. No ataque ao castelo muitos são mortos incluindo Agravain e Gareth, parentes de Gawain. Só nesse ponto Gawain concorda em participar. Ele desafia Lancelot, para que não sejam mortos mais nobres cavaleiros. Mas o humor de Lancelot mudou: arrepende-se da ruína que provocou, e a Rainha está assustada e relutante em arriscar o perigo do fracasso de Lancelot. Primeiro golpe ao amor de Lancelot. Portanto, Lancelot trata e entrega Guinevere sob a condição de que ela seja perdoada e recebida com honras plenas. Mas o rei não quer perdoar Lancelot – nem Gawain insiste nisso – e o desterra, e ele parte com sua família para Benwick.

Ao lado do número III da terceira sinopse meu pai anotou "seguida no poema". Ela começa por uma versão muito reduzida das aberturas das duas sinopses anteriores, e há grande número de repetições da Sinopse I no trecho final, mas citarei esse texto em sua totalidade.

Lancelot era considerado o mais valente dos cavaleiros de Artur, e o mais belo de todos os homens – moreno e esplêndido ao lado do ouro de Gawain. Só Gawain era quase seu igual, porém mais severo de humor, e ele amava apenas o rei acima dos homens e acima das mulheres, mas desconfiava da Rainha mesmo antes que a sombra se abatesse. Mas a Rainha amava Lancelot, e Lancelot rejubilava-se com a beleza da Rainha e a servia sempre de bom grado, e a amava acima das mulheres e acima dos homens. Só a honra e o renome ele

amava quase em igual medida. Portanto, por muito tempo foi leal a seu senhor. Mas a rede se fechou em torno dele, e a Rainha apertava as malhas cada vez mais – pois raramente liberava o que possuía ou deixava de agarrar o que desejava. Bela como fada, mas de mente cruel, caminhando no mundo para pesar dos homens. Assim com sorrisos e lágrimas curvou a vontade de Lancelot.

Assim vieram a contenda que muitos cantaram e a primeira nuvem sobre a glória de Artur, quando espadas foram desembainhadas na casa do rei e os irmãos da Távola Redonda mataram uns aos outros. [*Riscado:* Mordred maquinou isso, por inveja de Lancelot, desejando a Rainha, traiu Lancelot.] Com cruel justiça a Rainha foi condenada à fogueira, mas Lancelot a resgatou e [a] levou para longe. Nesse dia tombaram muitos cavaleiros pelas mãos da família de Ban, e entre eles o irmão de Gawain. Mas seu humor se deteriorou e a Rainha detestava o exílio. Ele se arrependeu dos assassinatos e devolveu a Rainha – obtendo pleno perdão para ela; mas não para si. Partiu para Benwick com sua família e não foi mais à guerra com Artur.

Mas veio notícia da traição de Mordred e de Artur armando-se contra seu próprio reino. Meio resolveu reunir sua hoste e apressar-se rumo ao rei. O orgulho o reteve, e o pensamento do frio desdém de Gawain, que ele injustiçara. O rei o convocaria se precisasse. Pensando em Guinevere, a angústia o tomou. Estaria ela em perigo – mas não tinha o poder de ir à Grã-Bretanha sem se unir a Artur. Ela era tão claramente falsa quanto alguns espalhavam? Levianamente ela o deixara com pouca pena. Se ela o mandasse vir, ele iria a todo perigo contra Mordred ou Artur. Mas nenhuma mensagem chegou de Artur, que se apoiava em Gawain. Nenhuma mensagem chegou de Guinevere, que esperava para ver o que ocorreria, para da ruína arrebatar o melhor. Portanto, Lancelot permaneceu na torre de Ban com espírito dividido. A tempestade amainou. O sol brilhou e seu coração animou-se. Disse consigo que a vida ainda trazia esperança, as marés mudam, mas não sabia que as marés do tempo haviam passado da cheia e que ele perdera sua oportunidade.

*

A evolução do Canto III pode em grande medida ser seguida nas folhas de rascunho, porém há incertezas que fui incapaz de resolver. Alguns trabalhos primários sobrevivem, entre eles páginas tão ilegíveis que só podem ser interpretadas mediante conhecimento dos textos subsequentes; mas é notável que, mesmo enquanto compunha nessa velocidade, meu pai era capaz de fazê-lo

respeitando os padrões aliterantes e métricos.

Depois delas há uma série de manuscritos que prosseguem ao modo comum de meu pai, cada um assumindo as mudanças feitas no anterior e depois emendado por sua vez. O primeiro, que chamarei de **A**, é evidentemente sua primeira redação do canto, embora longe de ser completa. Está em forma irregular, porém legível, ainda com muitas incertezas e substituições à medida que escrevia. O texto começa (III.19 ss.):

> Sir Lancelot, lorde de Benwick,
> foi outrora de Artur o mais distinto cavaleiro [...]
>
> *Sir Lancelot lord of Benwick*
> *of old was noblest knight of Arthur [...]*

Além disso, o texto A pode ser dispensado, pois logo (creio) foi ultrapassado por outro manuscrito, e características notáveis de A reaparecem neste texto substancial e complexo, **B**[a].

Este manuscrito começa com duas páginas, obviamente escritas na mesma época, nenhuma com título, e idênticas em quase todos os pontos, com exceção do trecho de abertura do canto. Em uma delas, que chamarei **B** 1, a abertura é assim:

> Na bendita Benwick outrora Ban foi rei,
> cujos pais antes, sobre águas incultas,
> viajaram nas terras santas, deixando seus lares,
> vagando ao mundo oriental,
> levando a cristandade, fundando reinos,
> erguendo muralhas contra os povos bravios.
> Torres fortes e altas voltadas para o norte
> Ban construiu; vagas trovejavam
> abaixo delas nas sombras que assomavam
> de penhascos cavernosos. Coroadas com luz do sol,
> amuralhadas de esplendor, cercadas pelo vento,

elas vigiavam as águas: não temiam a guerra.

In Benwick the blessed once Ban was king,
whose fathers aforetime over fallow waters
in the holy lands their homes leaving
to the western world wandering journeyed,
Christendom bearing, kingdoms founding,
walls uprearing against the wild peoples.
Towers strong and tall turned to northward
had Ban builded; breakers thundered
loud below them in the looming shadows
of cavernous cliffs. Crowned with sunlight,
walled with splendour, wind-encompassed,
they watched the waters: war they feared not.

Na outra página manuscrita, **B** 2, a abertura é igual, palavra por palavra, a LT (*Texto Mais Recente*) III.1-10:

No sul, passando do sono à fúria,
monta tormenta, caminha para o norte
sobre amplas águas, com alto trovão
e cheia de chuva agita-se e avança.
Os morros e montes de espumantes topos
remexem-se em tumulto nos mares revoltos.
Nas praias de Benwick ribombam as ondas,
Trituram gigantescos, crepitantes rochedos
com ira de ogros. O ar é sal,
com espuma e respingos dispersos em vapor.

In the South from sleep to swift fury
a storm was stirred, striding northward

over leagues of water loud with thunder
and roaring rain it rushed onward;
their hoary heads hills and mountains
tossed in tumult on the towering seas.
On Benwick's beaches breakers pounding
ground gigantic grumbling boulders
with ogre anger. The air was salt
with spume and spindrift splashed to vapour.

Depois dessas diferentes aberturas do canto, ambos os manuscritos continuam com "Lancelot ali, sobre léguas de mar" como no texto final, mas diferem onde este tem (III.14-18):

A treva cai devagar. Profunda sua angústia.
Traiu seu senhor ao amor cedendo,
e renegando o amor o senhor não recuperou;
refugam-lhe a fé, ao que a fé traiu,
por milhas de mar separado do amor.

Dark slowly fell. Deep his anguish.
He his lord betrayed to love yielding,
and love forsaking lord regained not;
faith was refused him who had faith broken,[b]
by leagues of sea from love sundered.

Em seu lugar tanto B 1 quanto B 2 têm:

A treva cai devagar. Profunda sua angústia,
arrependido do arrependimento e com orgulho humilhado,
deixando aquela lealdade ao chamado do amor
agora perdera o amor buscando lealdade.

Dark slowly fell. Deep his anguish,

repenting repentance and his pride humbled,
that loyalty leaving at love's calling
he had love now lost loyalty seeking.

Um trecho numa página separada está marcado para substituição neste ponto em B 2, após as palavras "Profunda sua angústia":

deixara a lealdade ao chamado do amor;
seu senhor não mais confiava em sua lealdade,
seu amor estava perdido além de léguas de mar.

he had left loyalty at love's calling;
his loyalty no longer his lord trusted,
his love was forsaken beyond leagues of sea.

Após as páginas iniciais de B 1 e B 2, o texto prossegue sem duplicações por alguma distância, e portanto pode ser chamado simplesmente de B. Há diversos casos em que LT (*Texto Mais Recente*) difere de B, como segue (muitos desses casos também se encontram em A). As referências de versos em cada caso são às leituras do Canto III em LT conforme publicado neste livro.

(III.46-53) por muito tempo é leal ao seu senhor Artur,
lutando nobremente. Mas é forte a rede
que o mantém cativo. A Rainha a segura,
e as malhas de seda cada vez mais firmemente
puxa em seu redor. Adora-o, pois [...]

he long was loyal to his lord Arthur,
nobly striving. But the net was strong
that caught him captive. The Queen held it,
and the silken toils slowly tighter
drew about him. Dear she loved him [...]

A versão final ("na Távola Redonda [...]") é dada como alternativa em outra

página do manuscrito B; e uma alternativa adicional é sugerida para III.53, "ocultos nas trevas. Adora-o, pois":

considera-os mais caros ocultos na treva,
guardados e contados como tesouro da Rainha,
trancados no calabouço. Adora-o, pois

dearer deemed them darkly hoarded
kept and counted as the Queen's treasure
locked in dungeon. Dear she loved him

(III.57-9) O destino a impele. Poucas coisas larga
que seu desejo agarra. Como matutino sol [...]

Fate sent her forth. Few things she loosed
her desire seized on. As the sun at morning [...]

Para o significado, compare a Sinopse III, "raramente liberava o que possuía" (pA EVOLUÇÃO DO POEMA).

(III.62) arde como aço. Alta vontade ela curva.

steel well-tempered. Strong will she bent.

Aqui a leitura original, no manuscrito A, era "Strength was broken" ["Alta vontade se rompe"]. Junto a "Strong will she bent" ["Alta vontade ela curva"] em B as leituras marginais são "Strong her purpose" ["Forte seu propósito"] e "Swords she broke" ["Espadas ela rompeu"]. LT, como foi escrito, tinha "Strong oaths she broke" ["Altas juras ela rompeu"], alterado a lápis para "Strong oaths they broke" ["Altas juras romperam eles"].

(Após III.67, mais tarde marcado para remoção.)

Muitos menestréis cantando com pesar
contaram desse tempo, de confiança partida,

amigos divididos e fé obscurecida.

Many a minstrel mournful singing
of that time hath told, of trust broken,
friends divided and faith darkened.

(III.74-8)

Ali a gente de Ban tornou vermelha de sangue
a casa de Artur, altiva e dourada.
A Rainha foi presa. Com justiça cruel,
a formosa e mágica condenam à fogueira;
à morte a condenam. Mas seu destino não se cumpriu.
Eis que Lancelot, raio aceso,
radiante, mortífero, trovão que cavalga

There Ban's kindred with blood reddened
the house of Arthur high and golden.
The Queen was taken. With cruel justice
fair as fay-woman they to fire doomed her;
to death they doomed her. But her doom came not.
Lo! Lancelot, lightning kindled,
radiant, deadly, riding thunder

(III.82-3) Onde LT tem

Gaheris e Gareth, de Gawain os irmãos,
pelo fogo desfeitos como o fado quis

Gaheris and Gareth Gawain´s brethren
by the fire fell they as fate willed it

B tem um único verso, mais tarde riscado:

ali Gareth morre, caro a Gawain.

there Gareth died, dear to Gawain.

(III.88-90) Lamenta demasiado tarde,
arrependido da ruína da Távola Redonda,
a companhia e liberdade de seus belos irmãos,
enlutado por Gareth, parente de Gawain –
matou-o desarmado, por má sorte,
pagando pelo amor como menos pretendia.

He mourned too late
in ruth for the ruin of the Round Table,
the fellowship and freedom of his fair brethren,
for Gareth grieving, Gawain's s kinsman –
unarmed he slew him, by ill fortune,
love requiting as he least purposed.

Os três últimos versos desse trecho foram riscados ao mesmo tempo que a referência anterior a Gareth (e no texto A precedente foram postos entre parênteses para exclusão). Como resultado dessas supressões, Gaheris e Gareth não foram mencionados em LT conforme escrito, mas os versos III.82-3 foram acrescentados a lápis.

(III.90-2) Arrepende-se da altivez, maldiz a proeza,
ainda ansiando pelo amor de seu senhor Artur;
ainda curaria a honra [...]

His pride he repented, his prowess cursing,
for the love yet longing of his lord Arthur;
he would heal yet honour [...].

(Após III.101)

e ela vê muitos cujo humor se obscureceu
[> endureceu],
que a Lancelot com amor guardam [> cuidam],
mas à rainha sem rei, cativa resgatada,
fosse bela como fada, não mostram amizade.

and many saw she whose mood darkened,
[> hardened]
who Lancelot with love guarded, [> tended]
but to kingless queen, captive rescued,
were she fair as fay, friendship showed not.

(III.102) Em vez de "Com brasas na voz", B tem "With soft speeches" ["Com suaves falas"], mas "with searing words" ["com brasas na voz"] era a leitura de A.

(III.104-8) Os esforços que crê amainados por algum tempo
ela ainda mantém na mão, por muito que
[titubeasse o coração dele.
Outros tempos viriam. Porém a espera incomoda
e ela o atinge com força. Estranha ela lhe parece,
alterada em sua natureza. Então, em visão súbita,
na angústia de um momento, como que nua
[vendo no espelho
a alma dela, conhecendo sua própria,
ele, encantado como pedra, se detém em silêncio.

The toils she weened for a time slackened
still in hand she held though his heart wavered.
Other times would come. Yet it irked waiting
and she stung him keenly. Strange he deemed her
from her self altered. Then sudden in vision

for a moment's anguish as in mirror naked
her soul seeing and his self knowing
he stricken as stone stood there silent.

(Após III.119)

Poucos têm pena do orgulho tombado do píncaro,
e Gawain duvida de sua boa intenção.
Proíbem-no de voltar, a não ser que busque
[julgamento,
humildemente de pé diante da justiça severa.

Pride few pitied from its peak fallen,
and Gawain doubted his good purpose.
His return forbade they, unless trial sought he,
standing meekly before stern justice.

(III.124-7) O pesar Artur conhece
no segredo do coração, recuperando a corte,
esposa infiel e sem o mais valioso,
perdendo o mais nobre cavaleiro na necessidade.

Grief knew Arthur
in his heart's secret that his halls regained
wife unfaithful and more worthy missed,
his noblest knight in his need losing.

Logo depois disso o texto B mais uma vez se divide em dois, e no ponto (III.143) em que LT prossegue para

Brotada no ocidente, a notícia se espalha
de Artur aprestando-se contra a terra sua própria

From western havens word was rumoured
of Arthur arming against his own kingdom

esses novos textos gêmeos retornam, surpreendentemente, aos trechos iniciais do canto em B 1 e B 2 (A EVOLUÇÃO DO POEMA), com as posições invertidas, isto é, no manuscrito onde o canto começa com "Na bendita Benwick outrora Ban foi rei" aqui aparece o trecho que começa por "No sul, passando do sono à fúria", enquanto no outro manuscrito acontece o inverso. Em ambas as versões o trecho em questão é seguido dos versos que falam de Lancelot contemplando o mar de uma janela (cf. III.11-14 e 187-9):

Lancelot dali, sobre léguas de mar,
Em vista revolta de elevada janela,
contempla e pondera, meditando a sós
com o coração em dúvida. A treva cai devagar.

Thence now Lancelot over leagues of sea
in heaving welter from a high window
looked and wondered alone musing
doubtful-hearted. Dark slowly fell.

(onde o outro manuscrito tem "A treva se estende").

Meu pai parece ter decidido, por fim, que de todos esses arranjos o mais satisfatório era manter "No sul, passando do sono à fúria" como abertura do canto, e que não havia lugar para o trecho que começa "bendita Benwick". Ver também sobre isso a A EVOLUÇÃO DO POEMA.

Daqui o texto B continua com "Brotada no ocidente, a notícia se espalha" (III.143) em duas formas sucessivas, rotuladas "Versão A" e "Versão B". Indico aqui as diferenças entre a Versão A (antes da emenda) e LT. O mais claro é mostrar o texto da Versão A desde o começo; isso corresponde a III.143-173, mas o trecho III.148-157 está ausente.

De portos ocidentais vem notícia urgente
[*riscado:* de senhores de Logres aliados em traição],
de Artur armando-se contra seu próprio reino;

como poderosa frota tripulada com vingança
ele reuniu depressa, que a súbita fúria
da tempestade avançando detém e impede,
rechaçada pelos mares rebeldes.
Agora meio espera e meio não deseja,
receber convocação veloz e urgente,
chamado de fidelidade leal a seu rei,
de Lancelot ao senhor Artur.
Sempre a Guinever como à feliz luz do sol
seu pensamento vaga, muitas vezes retornando.
Há guerra na Bretanha, feitos bravios ocorrem –
será ela falsa, porém outra vez de confiança renovada,
ou o perigo a preme? Muito ele a ama.
Há muito o deixou, como se o amor terminasse,
em ira e ruína, sem demonstrar arrependimento,
sem sentir piedade, altiva e desdenhosa.
Muito ele a ama. Se o perigo ameaçasse,
se ela lhe enviasse chamado, zarparia à noite
contra inimigo ou tempestade pelos mares furiosos
a terras abandonadas como a senhora lhe mandasse.

From western havens word had hastened
*[*struck out: *of lords in Logres leagued in treason],*
of Arthur arming against his own kingdom;
how a mighty navy manned with vengeance
he swift assembled, that the sudden fury
of striding storm stayed and hindered,
beaten backward by rebellious seas.
Now half he hoped and half wished not
to receive summons swift and urgent

*to his king allegiance leal [*loyal*] recalling*
of Lancelot to his lord Arthur.
To Guinever again as to glad sunlight
thrust often back his thought wandered.
There was war in Britain, wild deeds were wrought –
was she false yet further to her faith renewed
or did danger press her? Dear he loved her.
Long she had left him, as were love ended,
in wrath and ruin, no ruth showing,
no pity feeling, proud and scornful.
Dear he loved her. If danger threatened,
if she sent him summons he would sail at night
against foe or tempest through furious seas
to lands forlorn as his lady bade him.

A partir desse ponto a Versão A é igual a LT, de III.174 até o fim do canto, com algumas variações menores:

(III.174-6) Mas nada do monarca, nenhuma convocação,
nem pedido da dama. Só jornada do vento
sobre amplas águas, úmidas, sem voz.

But there came neither from his king command
nor word from lady; only wind hurried
over wide waters wild and voiceless.

(III.179) antes que seu sangue avermelhe a beira da tarde
ere his blood reddens the brim of evening

(III.187)
E Lancelot ali, sobre léguas de vento
And Lancelot over leagues of wind

(Após III.194)

ondas de crista branca lavam retornando

waves white-crested washed receding

(III.204) altas, de asas brancas, mas nos morros e vales

high whitewingéd, but on hills and dales

As seguintes são variações entre a Versão B e LT. O trecho III.148-157 estava ausente, assim como na Versão A, mas o texto correspondente a III.157 ss. é diferente da Versão B e de LT.

da tempestade avançando detém e impede,
rechaçada pelos mares rebeldes
mantido no porto. Com coração partido
agora meio espera e meio não deseja,
receber convocação veloz e urgente,
chamado de fidelidade leal a seu rei,
de Lancelot ao senhor Artur.
Porém o orgulho o impele a ouvir apenas
pedido e resposta dita humildemente.
Mas não vem reivindicação nem súplica,
pedido nem ordem. O orgulho está ferido.
Em sua mente vê homens que o contemplam,
e o olhar de Gawain com brilho frio,
perdoando grave o pesar que lhe causou.
Portanto não sopra trompa nem convoca a tropa,
apesar de ter o coração pesado com meio propósito,
e os que mais o amam lamentam seu humor.
Espera e não parte. Bravio ruge o mar.
As torres tremem, sacudidas pela tempestade.
Sempre a Guinever como à feliz luz do sol,

como de fundo calabouço e *à sua escura prisão*
muitas vezes lançado, vaga seu pensamento.
Feitos bravios ocorrem; há guerra na Bretanha –
será ela falsa, porém outra vez de confiança renovada,
ou o perigo a preme?

of striding storm stayed and hindered;
beaten backward by rebellious seas
it was held in harbour. With heart in twain
now half he hoped, and half wished not,
to receive summons swift and urgent
to king his allegiance leal recalling
of Lancelot to his lord Arthur.
Yet pride pricked him prayer only
to hear and answer humbly spoken.
But there came neither claim nor entreaty,
prayer nor order. Pride was wounded.
In his mind saw he men that eyed him,
and Gawain's glance gleaming coldly,
forgiving gravely grief that he wrought him.
So horn he blew not nor his host gathered
though his heart was heavy with half-purpose,
and his mood they mourned who most loved him.
He waited and went not. Wild roared the sea.
The towers trembled tempest-shaken.
To Guinever again as to glad sunlight
as from deep dungeon and its dark prison
thrust often down his thought wandered.
Wild deeds were wrought; there was war in Britain –
was she false yet further to her faith renewed

or did danger press her?

Esse trecho continua então como na Versão A, conforme citado acima, e prossegue até o final do canto sem diferenças significativas de A.

*

Outro manuscrito completo do Canto III, que pode ser chamado de **C**, também sem título nem número de canto, encontra-se na coleção de papéis rascunhados, tão bem escrito e legível como o texto "final" (isto é, LT), do qual possivelmente deveria ter feito parte. Em relação ao manuscrito, ou manuscritos, B, ele de fato quase atinge a forma de LT do modo como este foi escrito (antes que também este, mais tarde, recebesse outras correções a lápis): quase todos os trechos detalhados nas A EVOLUÇÃO DO POEMA foram alterados para a forma final. Sua existência demonstra a disposição de meu pai para construir seu poema camada por camada, copiando repetidamente o mesmo trecho, ou trechos muito semelhantes, o que permite que o desenrolar da obra seja acompanhado em traços amplos ou em detalhe minucioso.

Aqui só é necessário registrar expressamente um trecho desse texto adicional C. Trata-se de III.124-7, cujo texto B está dado na A EVOLUÇÃO DO POEMA. Originalmente C tinha ali:

O pesar Artur conheceu
no seio do coração; que seus salões reconquistados
esposa infiel e mais

Grief knew Arthur
in his heart's secret; that his halls regained
wife unfaithful and more

Meu pai riscou esses versos ao escrevê-los e os substituiu por

no seio do coração; pareceu-lhe a casa,
apesar de a mais linda mulher em sua beleza bravia
ser outra vez rainha nas cortes douradas,
menor agora em contentamento, e sua luz diminuída.

in his heart's secret; and his house him seemed,
though fairest woman in her fell beauty
in the golden courts was queen again,
now less in gladness, and its light minished,

Daí foi alcançada a forma final:

pareceu-lhe a casa
minguada em alegria, estragado o contentamento,

Por último, ao lado do trecho inicial do canto em C ("No sul, passando do sono à fúria [...]"), meu pai escreveu a lápis: "Ou se este for o Fit I Na bendita Benwick &c." *Fit* é uma palavra do inglês antigo que significa parte ou porção de um poema; meu pai a usava às vezes, embora em relação a *A Queda de Artur* ele também usasse "canto". Aqui ele só pode estar querendo dizer que imaginava que o "canto de Lancelot" poderia ser o primeiro do poema, e nesse caso *Na bendita Benwick* seriam as palavras iniciais. Isso talvez explique as duas páginas paralelas do manuscrito B (A EVOLUÇÃO DO POEMA), cada uma delas contendo um ou outro dos trechos de abertura.

*

Existe mais uma complicação curiosa na história do Canto III. Trata-se de um manuscrito, ou uma série de páginas manuscritas em meio à grande pilha de papéis de rascunho, onde os eventos anteriores à contenda e ao rompimento da companhia da Távola Redonda seriam contados numa conversa entre Lionel e Ector, parentes de Lancelot, relembrando juntos a dolorosa história.

Essa versão começa com o trecho "Na bendita Benwick outrora Ban foi rei [...]" na forma já encontrada como trecho inicial do manuscrito B 1 (A EVOLUÇÃO DO POEMA), mas com um terceiro verso diferente: onde o outro texto tem "viajaram nas terras santas, deixando seus lares, / vagando ao mundo oriental", o texto presente tem "do antigo Oriente, buscando ilhas / no mundo ocidental, viajaram vagando".

Essa versão, escrita de forma bem legível, à tinta com alguns rascunhos preliminares a lápis, traz o número de Canto II a lápis. Aqui apresento o texto integral, seguindo desde o último verso do trecho de abertura, "elas vigiavam as

águas: não temiam a guerra".

Ali então Lancelot, senhor de Benwick,
suporta horas escuras e profunda angústia.
Lamentam seu humor os que mais o amam,
amigos e parentes que compartilham sua sina
deixando Logres e seu senhor Artur.
Lionel e Ector, sentados a sós,
tio e sobrinho, relembram
os dias ruins. O poderoso Ector,
filho mais moço de Ban, falando do irmão,
de sua fama e loucura, enche-se de piedade.
"Em tempos idos dentre nossos bons irmãos
ele demonstrou não ter igual. Louvor e glória
e a adoração dos homens pelo poder e pela honra
ele sempre mereceu, até o mal crescer
e dividir a fé. Bela demais a rainha,
nobre demais o cavaleiro, e forte demais a rede
que o fez cativo. Não, ai dele!, como rainha,
nem como senhora lígia, porém mais cara que a vida
ele a amou por muito tempo, mas manteve-se leal
a nosso senhor Artur. Mas o amor venceu.
Em vão ele lutou nos fortes grilhões dela,
mas não obteve liberdade; e o amor inflexível,
com lágrimas ou riso ao fiel como aço
devagar encurvou a amarga doçura."
Lionel responde – senhor de coração altivo,
inflexível na guerra, porém frio na sabedoria,
percebia os corações humanos e a razão de suas mentes:
"Sim, pouco a amo, a senhora implacável,

formosa e temível qual mágica fada
que caminha no mundo pra tormento dos homens!
O destino a enviou. Porém considero mais vil
os olhos da inveja que vigiam sempre,
a astúcia de Mordred que se move em treva
com conselho envenenado e deformado propósito.
Lancelot ele não amava pelo seu amplo renome,
e pelo favor da rainha amaldiçoou sua sina;
Gawain ele odiava, ao que detestava a malícia,
elevado e nobre, de dura têmpera;
pois o rei o amava, ouvindo primeiro seu conselho
dentre os vassalos; e ele guardava seu senhor
como cão zeloso guarda o amo gentil.
Muitas vezes os observei. Sussurrava palavras
maliciosas a Gawain, acusava Guinevere
e difamava Lancelot com mentiras
mais negras que as ações. Terrível foi a ira
e o pesar de Gawain. Alegrou-se Mordred;
pois aos ouvidos de Artur más notícias,
dano ao que ouve, ferida ao que fala,
levou-lhas rudemente, aquele que mais o amava.
Assim ganhou Gawain o ódio de Guinever;
e Lancelot se atém à mentira dela
de que o desejo e a inveja o mudaram odiosamente
em pérfida víbora – esse único cavaleiro
que, quase igual a ele, não conhecia inveja,
que disfarçava com cortesia uma fria desconfiança
da beleza da rainha. Maldita falsidade!
Era serpente em verdade, arrastando-se em segredo
e picando silenciosa a quem ainda não vê!”

Ector responde: "Toda a nossa gente
deve portar a culpa dessa loucura cega,
exceto apenas Lionel. Pouco escutamos
tuas palavras de sabedoria, e demais o amamos
por direitos ou razões, defendendo o erro
e fazendo da contenda da rainha a nossa causa
por amor a Lancelot. Nosso amor perdura
apesar de termos rompido da Távola Redonda
a liberdade e a companhia, na luta feroz.
Depressa sacamos espadas contra irmãos jurados
antes de tomarem a rainha. Com justiça cruel
condenaram-na à morte. Mas sua morte não sobreveio.
Eis que Lancelot como chama de relâmpago,
radiante, mortal, trovão a galope,
em assalto súbito, com ímpeto incauto,
derrubou e pisoteou seus amigos de outrora.
[Libertou a rainha e a levou para longe]

There now Lancelot, lord of Benwick,
dark hours endured and deep anguish.
His mood they mourned who most loved him,
friends and kinsmen that his fortune shared
leaving Logres and their lord Arthur.
Lionel and Ector alone sitting,
uncle and nephew, the evil days
to mind recalled. Mighty Ector,
Ban's younger son, of his brother speaking,
of his fame and folly, was filled with ruth.
'In former time of our fair brethren
he was proven peerless. Praise and glory

and men's worship for might and honour
he ever earned him, until evil grew
and faith divided. Too fair the queen,
the knight too noble, and the net too strong
that caught him captive. Not as queen, alas!
nor as liege lady, but than life more dear
he long loved her, yet loyal held him
to our lord Arthur. But love conquered.
He strove in vain in her strong fetters,
but release won not; and love unyielding
with tears or laughter the true as steel
bent slowly down to bitter sweetness.'
Lionel answered – lord proud-hearted,
in war unwavering, yet in wisdom cool
men's hearts he marked and their minds' purpose:
'Yea, little I love her, lady ruthless,
fair as fay-woman and fell-minded,
in the world walking for the woe of men!
Fate sent her forth. Yet I fouler deem[c]
the eyes of envy that are ever watchful,
the malice of Mordred moving darkly
with counsel poisoned to crooked purpose.
Lancelot he loved not for his large renown,
and for the queen's favour cursed his fortune;
Gawain he hated, who guile despised,
high and noble, hard in temper;
for the king loved him, to his counsel first
of his lieges listening; and he his lord guarded
as jealous hound doth gentle master.
I watched them oft. Words he whispered

with guile to Gawain, Guinevere accused
and Lancelot with lies slandered
darker than the deeds were. Dire was the anger
and grief of Gawain. Glad was Mordred;
for to Arthur's ears evil tidings,
harm to hearer, hurt to speaker,
he[d] *bluntly brought who best loved him.*
Thus Gawain earned Guinever's hatred;
and Lancelot to her lie holdeth
that lust and envy loathly changed him
to evil adder – that only knight
who almost his equal envy knew not,
who in courtesy cloaked a cold mistrust
of the queen's beauty. Curséd falsehood![e]
There was snake in sooth, secret crawling,
and stealthy stinging, whom still he sees not!'
Ector answered: 'All our kindred
must bear the blame of that blind folly,
but Lionel only. We little hearkened
to thy words of wisdom, and too well loved him
for rights or reasons, wrong defending,
and the queen's quarrel our cause making
for love of Lancelot. Our love endureth,
though in twain we rent the Round Table's
freedom and fellowship, fiercely striving.
Swift swords we drew against sworn brethren,
ere the queen was taken. With cruel justice
to death they doomed her. But her death came not.
Lo! Lancelot as lightning's flame
radiant, deadly, riding thunder,

in sudden assault sweeping heedless
his friends of old felled and trampled.
[The queen he freed and carried her afar]

O último verso foi riscado, e abaixo dele meu pai escreveu a lápis as palavras "eu estava com ele", presumivelmente pronunciadas por Sir Ector.

Aqui termina esse texto, que pode ser chamado de "versão de Lionel e Ector", indicado como **LE**. Sinto-me seguro em dizer que nada mais foi escrito sobre essa história contada em forma de discurso relatado. Ver-se-á que desde o verso "Depressa sacamos espadas contra irmãos jurados", a sete versos do fim, esse texto se desloca na direção daquele de LT no Canto III.71-80; e os últimos cinco versos são, de fato, quase idênticos ao texto do manuscrito mais antigo A e de seu sucessor B (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA), que tem:

condenaram-na à morte. Mas sua sina não sobreveio.
Eis que Lancelot, relâmpago inflamado,
radiante, mortal, trovão a galope,
em assalto súbito, com ímpeto incauto,
derrubou e pisoteou seus amigos de outrora.

to death they doomed her. But her doom came not.
Lo! Lancelot, lightning kindled,
radiant, deadly, riding thunder,
in sudden assault sweeping heedless
his friends of old felled and trampled.

Se fosse essa a única evidência disponível, poderíamos dizer que, se meu pai não tinha B diante de si, pelo menos ao chegar até esse ponto da "versão de Lionel e Ector", ele decerto havia guardado o trecho de B na memória; e, se for verdadeira esta última alternativa, poderíamos especular que nesse ponto ele percebeu que Lionel e Ector estavam se tornando meros porta-vozes da história retrospectiva tal como ele já a havia contado. Mas, como veremos em breve (A EVOLUÇÃO DO POEMA ss.), a questão é mais complexa.

Antes de nos voltarmos a isso, porém, essa nova versão é especialmente

interessante porque apenas aqui e na Sinopse I meu pai descreveu com algum detalhe as maquinações de Mordred. Na segunda sinopse (A EVOLUÇÃO DO POEMA) está dito apenas que "Mordred, movendo-se no escuro, avisa tanto Lancelot quanto o rei". Na terceira sinopse, que, conforme observou meu pai, foi seguida no poema, nada se diz a esse respeito, exceto em uma frase rejeitada (A EVOLUÇÃO DO POEMA) mencionando que Mordred traiu Lancelot; mas está dito também que após sua volta à França, ao ponderar sobre o modo como agiria, pensou no "frio desdém de Gawain que ele injustiçara". É claro que nenhuma dessas sinopses era uma declaração cuidadosa da narrativa proposta: na verdade eram lembretes, "momentos" significativos que ele desejava manter na lembrança, e por isso registrou por escrito.

Na Sinopse I, no entanto (A EVOLUÇÃO DO POEMA), ficamos sabendo que Mordred contou a Gawain e seus irmãos; que Agravain contou ao rei; e que Lancelot matou Agravain. Aí o elemento essencial da história é que Mordred, mentindo para Lancelot e Guinevere, disse que a traição "foi por propósito de Gawain, por inveja"; e Lancelot acreditou em Mordred. Aqui aparece pela primeira vez o que foi repetido na terceira sinopse, o "frio desdém" de Gawain por Lancelot, por quem tinha sido injustiçado.

Na versão "Lionel e Ector" do Canto, *Mordred acusou Guinevere e Lancelot para Gawain*, e em "ira e pesar" *Gawain contou ao rei*, merecendo assim o ódio de Guinevere, e a mentira desta de que Gawain fora transformado em serpente pelo desejo e pela inveja – no que Lancelot acreditou, e muito o injustiçou.

Cabe aqui apresentar outro texto, este muito curto. A primeira de duas páginas foi escrita a lápis macio e parece ter sido anotada às pressas como composição nova, quase sem pontuação; mas é surpreendentemente legível, embora não em todos os pontos.

Lancelot era considerado por grandes e pequenos
o mais livre, mais destemido dos bons irmãos
da Távola Redonda antes que o tempo ruinoso
e a astúcia de Mordred produzissem maldades

Lancelot was holden by low and high
freest most fearless of the fair brethren
of the Round Table ere ruinous time

and Mordred's malice mischief compassed

Nesse ponto o texto é interrompido por anotações adventícias, e não fica claro se o que se segue deve ser tratado como continuação.

desperta a inveja a alegria tolda-se
pois a ninguém a rainha quer ouvir louvado
exceto Lancelot apenas pouco lhes agrada –
menor em lealdade [*ilegível*]
quando a astúcia de Mordred se volta ao mal.
palavras são ditas da fragilidade da mulher
e da fraqueza do homem, e muitos escutam.
Dizem ao rei como sua corte foi desonrada –
[? e *ou* por] o próprio Mordred com sorriso no rosto
Porém à rainha ele diz que seu conselho foi traído
pelo bom Gawain por sua grande pureza
seu amor e lealdade a seu lígio Artur.
Assim nasce o ódio de Gawain e Lancelot
Assim nasce o ódio de Gawain e Guinever
Assim nasce a fúria de Artur e Lancelot
Ele deixa a companhia da Távola Redonda
volta por sobre o mar a seus assentos de outrora
à Jubilosa Guarda nos morros escarpados
na bendita Benoic onde Ban governou

jealousy awakened joy was darkened
for none would the queen hear named in praise
save Lancelot alone it liked them ill –
the lesser in loyalty [illegible]
when Mordred's malice moved to evil.
words were spoken of woman's frailty

and man's weakness, and many harkened.
The king men told how his court was dishonoured –
[? *and* or *by*] *Mordred himself with mouth smiling*
Yet the queen he told that her counsel was betrayed
by Gawain the good for his great purity
his love and loyalty to his liege Arthur.
Thus came the hate of Gawain and Lancelot
Thus came the hate of Gawain and Guinever
Thus came the wrath of Arthur and Lancelot
He left the company of the Round Table
sailed back over sea to his seats of old
to Joyous Gard in the jagged hills
in Benoic the blessed where Ban had ruled

Aqui a história da contenda, que surgiu do amor de Lancelot e Guinevere, parece ser a de que Mordred contou a Guinevere que Gawain contara ao rei.

Os dois últimos versos (ao pé da página) são notáveis pelos nomes. Esse é o único lugar dos papéis de *A Queda de Artur* onde aparece o nome *Jubilosa Guarda* (ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA, O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA, O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA), aqui "nos morros escarpados [em] *Benoic*" – em outros trechos sempre *Benwick*: mas *Benoic* é a forma na *Mort Artu* francesa (O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA).

A segunda das duas páginas foi escrita à tinta em garranchos muito difíceis de decifrar. Começa pelo verso "Assim nasce o ódio de Gawain e Lancelot" e repete os seis versos seguintes (com *Benwick* por *Benoic*). Depois segue-se

[? Assim] o verme perfura toda a riqueza e raiz
da Árvore em flor em seu tempo de [*palavra ilegível*]
assim Lancelot não parte mais com seu lígio ao combate
nas regiões distantes contra os ferozes saxões.
[*verso ilegível*]
Uma mensagem por sobre a água do pesar na Bretanha

chega a Lancelot em sua terra longínqua
de Artur que se arma contra o próprio reino.
espera e não parte. Mensagem de [? sua] senhora
não chega [? chamando-o], do rei nenhuma convocação
para navegar sobre a água salgada lhe foi enviada
ao bom Gawain pelos [? amigos] de Guinevere
[*palavras ilegíveis*]

[? *So*] *the worm had pierced all the wealth and root*
of the Tree of blossom in its time of [illegible word]
so went Lancelot no more with his liege to battle
on the far marches against the fierce Saxons.
[illegible line]
A word over the water of woe in Britain
came to Lancelot in his land afar
of Arthur arming against his own kingdom.
he waited and went not. Word from [? *his*] *lady*
came not [? *him calling*], *from the king no summons*
to sail over salt water was sent to him
for Gawain the good of Guinevere's [? *friends*]
[illegible words]

Essas últimas palavras poderiam ser lidas como "duvidou como infiel". Parece-me que esse texto foi uma minuta muito inicial desse elemento da história. A propósito, os versos deste texto (A EVOLUÇÃO DO POEMA)

desperta a inveja a alegria tolda-se
pois a ninguém a rainha quer ouvir louvado
exceto Lancelot apenas pouco lhes agrada –
menor em lealdade

jealousy awakened joy was darkened

for none would the queen hear named in praise
save Lancelot alone it liked them ill –
the lesser in loyalty

lembram as palavras da Sinopse I, A EVOLUÇÃO DO POEMA: “Mas a Rainha amava Lancelot, somente elogios dele ela escutava. Assim o ciúme despertou em corações menores [...].”

Existe também outra página isolada que parece, quase com certeza, estar associada às páginas do texto precedente: foi encontrada junto com eles e trata do mesmo assunto, com um verso muito semelhante. O texto começa no meio de uma frase, mas a página precedente desapareceu; e ele foi escrito apressadamente, à tinta.

de Artur que se arma contra o próprio reino.
Muitas vezes se pergunta se chegará mensagem,
se Artur lhe pedirá auxílio na guerra.
  Pois a astúcia de Mordred lhe é esclarecida
e vê muitas coisas que antes desconhecia.
Muitas vezes então deseja e se pergunta se chegará
    [mensagem
a convocá-lo para navegar sobre a água salgada
pedindo seu auxílio na necessidade de Artur.
Ou talvez ouça logo da Bretanha
e a rainha o chame para consolá-la.
  Mas não vem mensagem e ele maldiz o dia
e remói negro pensamento no peito à tardinha.
Que o rei seja conquistado – e a rainha feita viúva.
[Em] Mordred há de lembrar o poderio de Benwick
outro de maior valor há de tomar essa coroa.
  Grave é seu aspecto.
    Ector diz a Lionel

of Arthur arming against his own kingdom.
Oft he wondered whether word would come,
would Arthur ask him for aid in war.
Now Mordred's malice was made clear to him
and many things he saw he had missed before.
Oft then we wished and wondered that word might come
to summon him to sail over salt water
asking for his aid in Arthur's need.
Or haply from Britain he would hear ere long
and the queen would call him to comfort her.
But no word came and he cursed the day
and a black thought brooded in his breast at eve.
Let the king be conquered – and the queen widowed.
[*In*] *Mordred shall remember the might of Benwick*
another more worthy shall that crown seize.
Grim were his looks.
Ector said to Lionel

Não creio que estas últimas palavras demonstrem que este texto esteja associado ao artifício, abandonado, de colocar a história retrospectiva de Lancelot e Guinevere nas bocas de Sir Lionel e Sir Ector. Creio que deve ser associado, isso sim, a uma nota isolada em que meu pai afirma para si mesmo que alguma parte da história anterior deveria ser "combinada com a meditação de Lancelot – no surgir da tormenta", e deveria ser ampliada ainda mais "quando Ector e Lionel discutem a inatividade dele e se irritam com isso" (ver A EVOLUÇÃO DO POEMA). No verso "Em Mordred há de lembrar" [*In Mordred shall remember*] a palavra "Em" [*In*] parece clara, mas é obviamente um erro, talvez por "Então" [*Then*]. Presumo que "essa coroa" se refira à coroa da Grã-Bretanha. A especulação de Lancelot sobre uma possível resolução desejável dos pesares da Grã-Bretanha é espantosa, e não encontra eco em nenhum lugar dos papéis de rascunho. Por outro lado, sua perplexidade mental, tal como retratada na Sinopse I (pO POEMA NÃO ESCRITO), e de forma semelhante na Sinopse III (A EVOLUÇÃO DO POEMA), poderia ser vista como solo fértil de onde um

“negro pensamento” tão negro poderia ser “remoído no peito”.

Retornando à questão do texto de Lionel e Ector (LE) e sua convergência com a versão B (A EVOLUÇÃO DO POEMA), o fato é que existe outro manuscrito que é manifestamente mais antigo que LE, e que meu pai manifestamente estava seguindo quando escreveu LE, mas do qual Lionel e Ector estão ausentes.

Nesse manuscrito o trecho inicial *Na bendita Benwick* está em forma mais primitiva do que em qualquer uma de suas outras numerosas ocorrências. No verso 3 ele tem “do antigo Oriente, buscando ilhas”, assim como LE (A EVOLUÇÃO DO POEMA); mas adicionalmente tem as seguintes leituras onde LE tem as mais primitivas (ver A EVOLUÇÃO DO POEMA): no verso 6 “contra o ermo” por “contra os povos bravios”; no verso 7 “Torre” por “Torres” (e assim “abaixo dela” no verso 9 por “abaixo delas”, “ela vigiava” e “não temia” por “elas” no verso 12); e “penhascos escavados” por “penhascos cavernosos” no verso 10. Estas e muitas outras correções foram escritas nas margens desse texto, mas eu o apresento como era antes de serem feitas as correções.

Após o trecho inicial esse texto adicional continua assim, para ser comparado com o de LE nas A EVOLUÇÃO DO POEMA ss.

Ali então Lancelot, o senhor de Benwick,
passou dias amargos ardendo saudoso.
Em tempos idos dentre os bons irmãos
ele demonstrou não ter igual; louvor e glória
e a adoração dos homens pelo poder e pela honra
ele sempre mereceu, até o mal crescer
e dividir a fé. Bela demais a Rainha,
nobre demais o cavaleiro, e forte demais a rede
que o fez cativo. Não como Rainha somente
nem como senhora a amou, porém mais cara que a vida
por muito tempo a amou, mas manteve-se leal
a seu senhor Artur. O amor foi mais forte.
Cegado por sua beleza curvou-se por fim,
traindo a confiança, o fielo como aço.

Assim foi lançada a semente de dor infinda.
A inveja tem olhos sempre alertas:
Mordred foi o mais incitado pela astúcia:
não amava Lancelot por seu amplo renome,
e pelo favor da rainha amaldiçoou sua sina;
Gawain ele odiava, grande e firme,
forte, inflexível, de grave têmpera,
de quem a rainha desconfiava mas a quem o rei adorava
tão cioso como um cão que o gentil amo
vigia sem se cansar. Palavras então falou
maliciosas a Gawain: acusava Guinevere
e difamava Lancelot com mentiras
mais negras que as ações. Terrível foi a ira
do bom Gawain – o pesar abateu seu coração.
Assim aos ouvidos de Artur más notícias,
palavras amargas levou aquele que mais o amava.
Assim ganhou Gawain o ódio de Guinevere
e perdeu para sempre o amor de Lancelot;
e Mordred observa conduzido ao riso.
Foi rompida da Távola Redonda
a liberdade e a companhia com ferozes contendas.
Depressa os irmãos jurados sacaram espadas,
irmão matou irmão, sangue derramado em fúria,
antes de a rainha ser capturada. Com justiça cruel
condenaram-na à morte. Mas o dia não sobreveio.
Pois Lancelot como a chama do relâmpago,
furioso, mortal, no trovão e galope,
em assalto súbito, com ímpeto incauto,
derrubou e dividiu seus amigos de outrora.
Libertou a rainha e a levou para longe;

então a raiva o deixou, e sua fúria abateu-se,
seu humor titubeou. Lamentou demasiado tarde,
arrependido da ruína da Távola Redonda,
a companhia e liberdade de seus belos irmãos,
ansiando ainda pelo amor de seu senhor Artur,
lamentando seu orgulho e até mesmo sua proeza.
O perdão lhe foi negado. Buscou a paz;
iria curar a honra com sua própria dor,
e a situação da rainha com a mercê de seu rei
reestabelecer. Estranho ela pareceu a ele;
porém pouco lhe agradava o exílio solitário
e pelo amor perder o esplendor da vida.
Assim separaram-se na dor. Ela recebeu o perdão,
para ser rainha de novo na corte de Camelot,
por muito que Gawain desaprovasse. A graça de Artur
Lancelot não obteve: banido da terra,
removido da cavalaria da Távola Redonda,
decaído da altura, ao seu lar longínquo
partiu como não queria. Artur conheceu a dor
no segredo do coração, por seus salões recuperarem
uma Rainha de beleza extrema a tão grande custo,
perdendo o mais nobre cavaleiro em sua necessidade.
Não foi a sós por sobre as ruidosas águas
que Lancelot partiu. Os senhores de sua família
eram muitos e poderosos. Em seus mastros revoavam
os estandartes de Blamore e de Bors, o forte,
de Lionel e Lavain e do leal Ector,
filho menor de Ban. Estes navegaram rumo a Benwick
abandonando a Bretanha. Não mais na batalha
em auxílio de Artur portaram suas armas,

mas nas torres de Ban, altas e impávidas,
habitaram alertas, recusando a guerra,
guardando com amor seu senhor Lancelot.

There now Lancelot, the lord of Benwick,
bitter days abode burned with longing.
In former time of the fair brethren
he was proven peerless; praise and glory
and men's worship for might and honour
he had ever earned him, until evil grew
and faith divided. Too fair the Queen,
the knight too noble, and the net too strong
that caught him captive. Not as Queen only
nor as lady he loved her, but than life more dear
he loved her long, yet loyal held him
to his lord Arthur. Love was stronger.
By her beauty blinded he bent at last,
trust betraying, who was true as steel.
Thus the seed was sown of sorrow unending.
Eyes hath envy that are ever watchful:
most was Mordred by malice goaded:
he loved not Lancelot for his large renown,
and for the queen's favour cursed his fortune;
Gawain he hated, great and steadfast,
strong, unbending, stern in temper,
who the queen mistrusted but the king worshipped
as jealous as a hound gentle master
watches unwearied. Words he spake then
with guile to Gawain: Guinevere accused
and Lancelot with lies slandered

darker than the deeds were. Dire was the anger
of Gawain the good – grief smote his heart.
Thus to Arthur's ears evil tidings,
bitter words he brought who best loved him.
Thus Gawain earned Guinevere's hatred
and Lancelot's love he lost for ever;
and Mordred watched moved to laughter.
In twain was rent the Round Table's
freedom and fellowship with fierce quarrels.
Swift swords were drawn by sworn brethren
brother brother slew, blood spilled in wrath,
ere the queen was captive. With cruel justice
to death they doomed her. But the day came not.
For Lancelot like lightning's flame
raging, deadly, riding the thunder
in sudden assault sweeping heedless
his friends of old felled and sundered.
The queen he freed, and carried her afar;
then rage left him, and his wrath sickened,
his mood faltered. He mourned too late
in ruth for the ruin of the Round Table,
the fellowship and freedom of his fair brethren,
longing yet for the love of his lord Arthur,
repenting his pride and his prowess even.
Pardon was denied him. Peace he sought for;
honour yet would heal with his own sorrow,
and the queen's estate with her king's mercy
establish anew. Strange she deemed him;
yet she liked little lonely exile
as for love to lose her life's splendour.

Thus in pain they parted. Pardon she was granted,
in the courts of Camelot to be queen once more,
though Gawain grudged it. Grace with Arthur
Lancelot found not: from the land banished,
from the Round Table reft of knighthood,
from his height fallen to his homes afar
he went as he would not. Woe knew Arthur
in his heart's secret that his halls regained
Queen surpassing fair at cost so heavy,
his noblest knight in his need losing.
Not alone from the land over loud waters
went Lancelot. Lords of his kindred
many were and mighty. At their masts floated
the banners of Blamore and of Bors the strong,
of Lionel and Lavain and loyal Ector
Ban's younger son. These to Benwick sailed
Britain forsaking. In battle no more
to Arthur's aid their arms bore they,
but in the towers of Ban, tall and dauntless,
watchful dwelt they, war refusing,
Lancelot their lord with love guarding.

Aqui meu pai deixou um espaço, antes de continuar, ao que parece, na mesma ocasião (e com numeração de versos contínua com o texto precedente) e sobre um assunto diverso. Mais tarde, com letra menor e mais caprichada, inseriu na margem após as palavras "guardando com amor":

em seus dias de treva. Profunda sua angústia,
arrependendo-se do arrependimento e com o orgulho
[humilhado,
o que deixara a lealdade a serviço do amor

e agora perdera o amor ansiando pela lealdade.

in his days of darkness. Deep his anguish,
repenting repentance and his pride humbled,
who loyalty had left in love's service
and love had now lost loyalty craving.

Não é óbvio onde esse texto deveria ser colocado em relação aos demais manuscritos do Canto III, mas por diversas indicações creio ser muito provável que ele esteja mais próximo do mais antigo deles, A (O POEMA NÃO ESCRITO), e portanto que possa ser chamado por mera conveniência de **A***; mas, seja como for, deve ser considerado um tratamento distinto, em vista do relato feito sobre como a contenda se passou, que se encontra apenas no manuscrito do poema aqui e na "versão de Lionel e Ector" derivada dele (ver A EVOLUÇÃO DO POEMA). É muito claro que meu pai tinha A* na sua frente enquanto escrevia LE, e ao escrever o transformou numa conversa entre Lionel e Ector. Se estou correto ao considerar A* derivado de uma época próxima do início da composição do "canto de Lancelot" por meu pai, uma consequência presumível seria que a ideia de contar a história de Lancelot e Guinevere como discussão entre dois Cavaleiros da Távola Redonda, parentes de Lancelot, também foi antiga na evolução do poema e logo abandonada.

*

Canto I

Eu disse que o relato, nesse manuscrito A*, da contenda que rompeu a Távola Redonda, é seguido após um espaço por versos sobre um assunto diferente, com numeração contínua dos versos. Aqui mostro os versos do manuscrito nesse ponto:

Não mais em combate 85
em auxílio de Artur portaram suas armas,
mas nas torres de Ban, altas e impávidas,
habitaram vigilantes, recusando a guerra,
guardando com amor seu senhor Lancelot.

to Arthur's aid their arms bore they,
but in the towers of Ban, tall and dauntless
watchful dwelt they, war refusing,
Lancelot their lord with love guarding.

Artur viaja ao oriental combate
e batalha trava em terras selvagens [...]

Arthur eastward in arms journeyed,
and war he waged on the wild marches ...

Aqui está o primeiro surgimento, nos papéis de rascunho, do que se transformaria nos versos de abertura do poema, os primeiros versos do Canto I, a campanha de Artur contra os invasores pagãos do leste. Parece muito improvável que meu pai sempre tenha pretendido dar à "campanha oriental" do Rei Artur um lugar importante em seu poema. Só há uma referência a ela nas sinopses. Está na Sinopse I (A EVOLUÇÃO DO POEMA): "Nem ele [Lancelot] nem sua família lutaram de novo por Artur, nem mesmo quando ouviram dos ataques à Grã-Bretanha, nem da surtida de Artur para o leste." Há também algumas anotações a lápis num papelzinho separado, sugerindo ordenações estruturais dos cantos. Uma delas diz:

I Artur rumo ao Leste

II Lancelot e o surgimento da tormenta [*seguido por uma referência ilegível a Guinevere*]

III Mordred

A outra diz:

II Fazer a viagem de Artur para o leste imediatamente após a Fuga de Guinevere

III Incluir em parte da história pregressa com Lancelot meditando – no surgimento da tormenta. [? Mais] quando Ector e Lionel discutem sua inatividade e se irritam com ela

Essas sequências, que não concordam uma com a outra nem com a estrutura do poema no texto mais recente, provavelmente expressam as reflexões de meu pai quando a campanha oriental de Artur surgira como elemento principal da narrativa. Na observação sobre o Canto III no segundo grupo de anotações, vemo-lo refletindo sobre o modo de enquadrar a história, em retrospecto de Lancelot e Guinevere e da grande contenda. A nota II do segundo grupo é difícil de interpretar.

Tenho de admitir que, enquanto pode ser deduzida a sequência da composição quanto aos manuscritos dos cantos individuais, achei impossível detectar com certeza a sequência em que esses movimentos estruturais ocorreram. Mas, a partir do material rascunhado que sobrevive, suficientemente abundante, parece pelo menos muito provável que foi aqui, no manuscrito A*, de repente, como que "sem prenúncio", que o grande ataque do Rei Artur contra os bárbaros irrompeu em *A Queda de Artur*.

A relação entre esse manuscrito, o mais antigo que subsiste do Canto I, "Como Artur & Gawain foram à guerra e cavalgaram rumo ao leste", que é a parte posterior de A*, mas que distinguirei como **AE** por "Arthur Eastward" ["Artur Rumo ao Leste"], e o texto final, é extraordinária. Aqui apresento os primeiros 28 versos de AE, colocando na margem os números de verso (mais ou menos) correspondentes de LT (o texto mais recente).

Artur viaja ao oriental combate (I.1-4)
e batalha trava em terras selvagens
nas vagas navega, atravessa até os saxões,
contra o reino de Roma arruma a defesa.
Castelos e templos de gentios reis (I.41-2)
sua potência ataca, com vitória marchando
à lúgubre margem da nebulosa Floresta das Trevas.
(Após I.43, riscado)

Arthur eastward in arms journeyed (I.1-4)
and war he waged on the wild marches

over seas sailing to Saxon lands,
from the Roman realm ruin defending.
Halls and temples of the heathen kings (I.41-2)
his might assailed marching in conquest
to misty Mirkwood's margin dreary. (After I.43, *struck out*)

Os oito versos seguintes foram inseridos no texto, à época da composição, com uma instrução para colocá-los após o verso 7:

Pra voltar atrás do tempo a maré, (I.5-9)
seu coração tencionava domar homens pagãos,
que com frotas inúmeras nunca mais assediem
as praias compridas, as priscas águas
nem tenham butim da Bretanha, sua ilha,
atacando e devastando. Clamam os corvos, (I.76-8)
fazem eco as águias que no ar volteiam,
os lobos ululam circulando a mata.

Thus the tides of time to turn backward, (I.5-9)
heathen men to tame his heart purposed,
that with harrying fleets they should hunt no more
on the shining shores and shallow waters
of Southern Britain seeking booty,
raiding and ravaging. Ravens croaking (I.76-8)
the eagles answered in the air wheeling,
wolves were howling on the wood's border.

Sente falta de Lancelot, Lionel e Ector, (I.44-5)
Bors e Blamore ao combate não vêm.
Mas os tempos o impelem, e a sina traiçoeira,
e a malícia de Mordred move seus conselhos.

Nem engano nem engodo Gawain suspeita, (I.35)
comprazendo-se na guerra, buscando honra
antes dos dianteiros cavalga feroz,
[*riscado:* baluarte de seu rei.] Frio sopra o vento. (I.79)
Com asas surgem do oeste as novas (I.143-5)
da guerra que desperta, e dor na Grã-Bretanha.
Atormentado vem Cradoc buscando o rei,
cavalgando sem descanso; rasgadas suas vestes,
de pressa e fome seu cavalo tropeça.

Lancelot he missed; Lionel and Ector, (I.44-5)
Bors and Blamore to battle came not.
But the times drave him and treacherous fate,
and Mordred's malice moved his counsels.
Gawain guessed not guile or treason, (I.35)
in war rejoicing; worship seeking
before the foremost fiercely rode he
*[*struck out*: his king's bulwark.] Cold blew the wind.* (I.79)
From the west came word winged and urgent (I.143-5)
of war awaking and woe in Britain.
Careworn came Cradoc the king seeking,
riding restless; rent were his garments,
with haste and hunger his horse foundered.

Se comparássemos esses dois textos sem nenhum outro conhecimento, poderíamos supor que o autor estivesse escolhendo versos do texto mais longo em qualquer ordem que lhe aprouvesse! Mas na verdade acontece o contrário. Não vejo outra solução para o enigma a não ser a de que esses versos da primeira parte de AE devem ter permanecido vivos e precisamente lembrados na mente de meu pai (ou talvez ele tivesse o texto todo guardado na memória), e, quando, mais tarde, ele chegou a escrever um poema muito mais completo sobre a campanha de Artur, eles ressurgiram, embora em contextos totalmente

diferentes. Assim, os corvos que crocitavam e as águias que rodopiavam, e os lobos que uivavam na beira da floresta, após as incursões dos ladrões e destruidores saxões, ressurgem em terras solitárias muito distantes das costas da Grã-Bretanha. E "os lobos ululam circulando a mata" no primeiro verso do quarto canto de *A Queda de Artur*.

Mas, além do ponto alcançado acima, AE muda e, por cinquenta versos, torna-se um precursor muito próximo do Canto I do texto LT, iniciando:

> Dizendo a Artur notícias ruins: (I.151-200)
> Demais te demoras remoto da tua terra!
> Empenhas-te em prélio com povo bravio
> no leste sem casas [...]
>
> *To Arthur spake he evil tidings:* (I.151-200)
> *Too long my lord from your land ye tarry!*
> *While war ye wage on the wild people*
> *in the houseless East .....*

apenas com leves divergências aqui e ali. Depois, desde "e escudos riscados de cábulas cavaleiros / empolar-nos a tropa" (I.200-1), AE omite I.202-15, assim:

> empolar-nos a tropa. De que mais necessitais?
> Gawain não é leal? Ameaças maiores
> longínquas já não fugiram que juntos enfrentamos? (I.216)
>
> *our numbers swell. What need ye more?*
> *Is not Gawain true? Hath not greater menace*
> *aforetime fled that we faced together?* (I.216)

e continua até o fim como na forma final, com "ira" por "vingança" como última palavra do canto.

Meu pai riscou com traços únicos de lápis todo o texto AE, que termina aqui. Em toda a massa de papéis de rascunho de *A Queda de Artur* não há nenhum

outro elemento relacionado com o Canto I, exceto uma página isolada, escrita muito nitidamente, começando com as palavras "os [teus] amigos demonstram ser inimigos" (I.194). É obviamente a única página subsistente de um texto do Canto I que ou precedeu de imediato LT, ou estava a mais um passo de distância deste. Pouco difere do texto de LT, a não ser pelos versos após "à Ilha de Avalon, hostes sem conta", ou seja, I.205-210, que neste texto estão assim:

> nunca e nenhures cavalaria mais nobre,
> homens mais poderosos, nem iguais a nós em proeza,
> jamais reunirias. Eis a flor da terra,
> que os livres a relembrem ao longo do tempo
> qual verão dourado antes do feroz inverno.
>
> *knights more noble of renown fairer,*
> *men more mighty, nor our match in prowess,*
> *wouldst thou ever assemble. Here is earth's blossom*
> *that men shall remember through the mists of time*
> *as a golden summer ere the grey winter.*

Convém registrar aqui várias correções substanciais, feitas a tinta, com capricho, no mais recente texto do Canto I.

(I.9) Dois versos seguindo as palavras *nem tenham butim da Bretanha, sua ilha* foram riscados:

> atacando e devastando. Seu humor inquieto
> impacienta-se como cativo na jaula.
>
> *raiding and ravaging. His restless mood*
> *chafed as captive in cage enchained.*

(I.25) "Muito vale tua mão" foi uma correção de "Velozes são tuas naus".

(I.43) Após "por reinos infindos" o verso "à lúgubre margem da nebulosa Floresta das Trevas" foi riscado; ver O POEMA NA TRADIÇÃO ARTURIANA,

A EVOLUÇÃO DO POEMA.

(I.56) Após “Qual investida derradeira de cidade cercada” os seguintes versos foram riscados:

quando de repente o assédio é rechaçado
e homens audazes quase revertem
sua sina pela bravura vã e esplêndida
contra a esperança e o azar e uma hoste de inimigos,
engaja-os Gawain.

when sudden the siege is swept backward
and daring men their doom almost
reverse by valour vain and splendid
against hope and hazard and a host of foes,
so Gawain led them.

(I.110-3) Conforme o manuscrito foi redigido, estes versos diziam antes da correção:

A tarde chega
com a lua nas névoas; brisas tristes
na trilha dos ventos choram nos ramos
onde restos de borrasca [...]

There evening came
with misty moon; mournful breezes
in the wake of the winds wailed in the branches,
where strands of storm ....

*

Canto II

Mostrei anteriormente (ver A EVOLUÇÃO DO POEMA) que no conceito

original de meu pai *A Queda de Artur* deveria começar com a chegada do navio frísio e a visita de Mordred a Guinevere em Camelot: os textos mais primitivos dão ao canto inicial o número I e descrevem o conteúdo nestas palavras: "Como o navio frísio trouxe notícias e Mordred reúne seu exército para deter o desembarque do rei."

O manuscrito mais antigo do canto, que chamei de *IIa* (A EVOLUÇÃO DO POEMA), estende-se até o verso II.109 do texto final. No primeiro rascunho, que pelo visto foi logo substituído nesse aspecto, Mordred iria de fato visitar Guinevere antes que qualquer coisa fosse dita das notícias trazidas pelo capitão do navio naufragado. Mordred olhou pela janela "em sua torre ocidental" (II.20) vendo "o mar muito abaixo sugando e remexendo-se"; depois, segue-se de imediato:

> À dourada Guenaver, de membros reluzentes
> que enchem de loucura as mentes dos homens,
> volta-se seu pensamento, atormentado de sede.
> Toma uma escada íngreme a descer
> aos felizes aposentos dela. [...]
>
> *To Guenaver the golden, with gleaming limbs*
> *that minds of men with madness filled,*
> *his thought was turned, thirst-tormented.*
> *He stepped on a stair steep-winding down*
> *to her blissful bower ...*

Mas isso foi reescrito (parece que imediatamente):

> Seu pensamento se volta, atormentado de sede,
> à dourada Gwenaver, cujos membros reluzentes
> enchem de loucura as mentes dos homens,
> tão belos e cruéis, frágeis e pétreos,
> fiéis e infiéis. Pode conquistar torres
> e derrubar tronos e mesmo assim não saciar a sede.

Nos felizes aposentos dela [...]

His thought was turned, thirst-tormented,
to Gwenaver the golden, whose gleaming limbs
the minds of men with madness filled,
so fair and fell, frail and stony,
true and faithless. Towers might he conquer
and thrones overthrow and thirst slake not.
In her blissful bower ...

Agora o trecho reescrito estava próximo à forma de LT (ver II.25-32), e a "escada íngreme" (I.42) já não leva para baixo e sim para cima, às ameias do castelo.

Registro a seguir outras diferenças com relação a LT do texto mais antigo do Canto II (*IIa*) e do segundo texto *IIb* (A EVOLUÇÃO DO POEMA), deixando de lado as numerosas alterações (muitas vezes feitas por motivos métricos) que consistem na substituição de uma palavra ou em mudanças na ordem das palavras. Pode-se observar que muitas das leituras de *IIb* se mantiveram em LT, e foram rejeitadas e substituídas depois que esse texto estava redigido. A leitura de LT está indicada por referência aos versos conforme publicados neste livro.

(II.47-65) Aqui o texto *IIa* tem:

Serviçais o procuram, correndo com pés leves,
caçando depressa pelo salão e pelos cômodos.
Diante do quarto da rainha, fechado e vigiado,
detêm-se duvidosos às portas de carvalho.
Então seu escudeiro Ivor as ávidas palavras
faz soar alto: "Meu senhor!", chamou,
"Notícias te aguardam – o tempo passa!
Vem depressa! O mar nos concede
um prazo curto demais." Sacode ferozmente

as portas de forte madeirame. Sonolento e carrancudo,
Mordred responde, e os homens estremecem
diante dele, encarando-os severo como pedra:
“Notícias poderosas, para matares o sono
assaltando com ralé meu castelo real!”
Ivor lhe responde: “Em tua missão
o capitão frísio voando com asas
fugiu de França, mas seu navio fadado
rompeu-se na praia. Ainda respira,
mas a vida se esvai e seus lábios divagam.
Todos os demais estão mortos.”

Servants sought him, soft-foot running,
through hall and lodge hunting swiftly.
Before the queen's chamber, closed and guarded,
doubtful they halted at doors of oak.
Then Ivor his squire the eager words
let loudly ring: 'My lord!' he called,
'Tidings await thee – time is passing!
Come swiftly forth! The sea spares us
a shrift too short.' He shook fiercely
doors strong-timbered. Drowsed and glowering
Mordred answered, and men trembled
as he stood there stony staring grimly:
'Mighty tidings, that ye murder sleep
ransacking with rabble my royal castle!'
Ivor him answered: 'Thine errand running
the Frisian captain on flying wings
hath fled from France but his fated ship
is broken on the beach. He is breathing still,

but life is waning and his lips wander.
All else are dead.'

Em *IIb* e em LT a resposta de Ivor a Mordred foi mantida de *IIa*; II.60-64 foram uma emenda neste último.

(II.70-3) Estes versos foram um acréscimo a lápis em LT; *IIa* e *IIb* têm aqui:

O mesquinho Cradoc traiu teu conselho,
a Artur tudo está relatado.

Cradoc the accursed hath thy counsel bewrayed,
in Arthur's ears all is rumoured ...

(II.80-4) *IIa* e *IIb* têm aqui:

em Whitesand as águas se enchem de barcos,
apinhadas qual conclave de clamorosas gaivotas.
Decorando as muralhas [...]

Whitesand with boats, wherries and barges,
is crowded as with conclave of clamorous gulls.
Shining on bulwarks ....

(II.90-1) *IIa* tem aqui (*IIb* como em LT):

fiel ao ódio e desprezando a fé,
mantendo o juramento ao senhor traidor
morreu, foi seu rumo.

faithful to hatred and faith scorning
his troth keeping to traitor lord
died as his doom was.

(II.101-5) *IIa* tem aqui, repetido em *IIb* com "hipocrisia" por "inconstância":

ao longe por Logres a senhores e condes
que confia mantenham fielmente seu juramento,
certos na inconstância, adversários de Artur,
amigos de Lancelot, fáceis de comprar ...

through the land of Logres to lords and earls
whom he trusted that their tryst they would truly hold
faithful in fickleness, foes of Arthur,
lovers of Lancelot, lightly purchased ...

Este trecho se manteve no manuscrito LT, em que o texto que o substituiu foi escrito na margem. (II.108-9) Tanto *IIa* quanto *IIb* têm aqui, onde *IIa* termina:

de Almain e Angel e das ilhas do norte,
os cormorões da costa e dos crus pântanos.

of Almain and Angel and isles of the North
cormorants of the coast and the cold marshes.

Em todas as indicações seguintes o texto dado é o de *IIb* (antes de qualquer emenda) com referência ao verso correspondente de LT na margem.

(II.110-20) Ele acode a Camelot, buscando a rainha;
avidamente a encara com olhos brilhantes;
os dela, cinzentos e alegres, seu olhar desafiam,
impõem-se sem pena, mas é pálida a face;

He came to Camelot the queen seeking;
greedily he gazed on her with glittering eyes;
her grey eyes gaily his glance challenged,
proud and pitiless, yet pale her cheek;

Em LT meu pai repetiu esse trecho, mas riscou-o e o substituiu numa página separada pelo texto mais longo que começa com “De seus pés os passos às

pressas ela escuta" no verso 111. No verso 119 a palavra *chill* [*gelados*] foi uma substituição, com ponto de interrogação, de *still* [*quietos*].

(II.128-33) de cavaleiros valentes. As noites são enfadonhas.
Mas menos que amada ou menor que rainha
jamais hás de levar a vida cá embaixo.
Um rei, querendo-te ...

to no noise of knighthood. Nights are weary.
Yet less than beloved or lower than queen
life here below shalt thou lead never.
A king courts thee ...

Uma alteração a lápis substituiu isto em *IIb*:

de cavaleiros valentes. Falei, não terás
vida sem amor, nem menos que rainha,
nem que a sorte oscile – se o certo escolheres.

to no noise of knighthood. Yet never shalt thou
live unbeloved, nor less than queen,
though chances change – if thou choose aright.

O texto final de LT foi escrito na margem do manuscrito.

(II.144-7) Para o texto de *IIb* aqui, ver A EVOLUÇÃO DO POEMA.

(II.157-65) saciando minha sede;
pois é repugnante a vida assombrada pelo desejo;
com coroa dourada serei rei depois."
Então a altiva Guinever, de mente consternada,
entre o medo e a repulsa, que em dias passados,
exibindo beleza, mais costumava

ser buscada que tomada, fala cautelosa:
"Avidamente, senhor, cortejas e insistes!
Peço a ti, dá-me tempo [...]

my thirst slaking;
for life is loathsome by longing haunted;
I will be king after and crowned with gold.'
Then Guinever the proud, aghast in mind,
between fear and loathing, who in former day
wielding beauty was wont rather
to be sought than seized, dissembling spake:
'Eagerly my lord do ye urge your suit!
Delay allow me ...

(II.176-7) Esses versos estão ausentes em *IIb*.

(II.213) pra voltar em seu intuito a nova maré do tempo.
and time's new tide turn to her purpose.

*

Cantos IV e V

No Canto IV a história textual pode ser seguida facilmente. O primeiro manuscrito, que seria constantemente ininteligível sem os textos posteriores como guias, é menos um texto do poema do que um registro de meu pai "pensando com a caneta". Pode ser que ele estivesse em certa medida dando forma escrita a versos que já preparara e memorizara, mas está claro que também estava compondo *ab initio*, fazendo experiências enquanto prosseguia, muitas vezes registrando diversas variantes de uma frase aliterante.

Este manuscrito já estava notavelmente próximo do texto da versão mais recente. Segue-se a ele um texto escrito às pressas, porém legível, um pouco emendado como de hábito, levando ao texto (LT) como foi publicado. Um trecho do canto em LT foi rejeitado, e foi escrita outra versão mais longa (IV.137-154), também à tinta e com capricho, numa folha separada: o texto rejeitado dizia o

seguinte:

Vem a plena pressa, do lado de Artur,
um forte navio que fulge na manhã,
alto e alvo; de ouro é seu casco;
na vela se vê um levante sol,
na bandeira bordada flutua à brisa
um grifo que brilha como fogo dourado.
Chegou Gawain, que guarda seu rei,
apressando-se à frente. Agora tudo está à vista:
são cascos faiscantes, de quilhas centena
e velas que revoam e paveses que balançam.
Dez mil armamentos montam ali ...

At Arthur's side eager hastened
a mighty ship in the morn gleaming
high, white-timbered, with hull gilded;
on its sail was sewn a sun rising,
on its broidered banner in the breeze floated
a griffon glowing as with golden fire.
Thus Gawain came his king guarding
to the van hasting. Now to view came all:
a hundred ships with hulls shining,
and shrouds swelling and shields swinging.
Ten thousand told targes hung there ...

As poucas alterações a lápis no texto podem ser mencionadas:

o verso 24 "como farpas de vidro que fulgem e reluzem" substituiu "como lágrimas de vidro que rebrilham e tilintam";

os versos 98-99 foram uma adição marginal;

os versos 209-10 "talos que caem / ao longo da colheita, ou eleva-se a névoa"

substituíram “estorninhos que voam / ao longo da colheita, ou funde-se a névoa”.

Por último, o título do canto como o apresentei, “Como Artur retornou de manhã e pela mão de Sir Gawain conquistou a passagem do mar”, foi uma substituição do título original escrito à tinta, “Do pôr do sol em Romeril” – que se tornou o título do Canto V.

Do quinto canto não subsiste nenhum material rascunhado em versos.

*

---

[a] Uma anotação aparece na margem de A (apenas) junto às palavras *fair as fay-woman* [*formosa e mágica*], verso III.75, onde meu pai escreveu *fair and faultless* [*bela e sem falta*] (a última palavra está perfeitamente clara).

[b] Em LT (*Texto Mais Recente*) este verso dizia *to faith returning he was faith denied* [*à fé retornando negaram-lhe a fé*], corrigido a lápis para *faith was refused him who had faith broken* [*refugam-lhe a fé, ao que a fé traiu*].

[c] Esses dois versos “que caminha no mundo [...] Porém considero mais vil” substituíram “*with beauty perilous, yet blame I more* (*the eyes of envy* [...]) [de beleza perigosa, porém mais culpo (os olhos da inveja) [...]]

[d] Gawain; e outra vez três versos depois.

[e] Aqui a leitura primitiva era “*of the queen's favour. Curséd fortune!*” [“dos favores da rainha. Maldita sina!”].

APÊNDICE

APÊNDICE:
POESIA EM INGLÊS ANTIGO

A importância do uso dos "versos aliterantes" em inglês antigo no único poema "arturiano" de meu pai parece demandar alguma indicação, nas páginas deste livro, sobre sua natureza essencial, de preferência nas próprias palavras dele. Na verdade é bem conhecido seu relato sobre essa antiga forma de versificação, pois aparece em suas "Observações Preliminares" na nova edição (1940), feita por C. L. Wrenn, da tradução do *Beowulf* de J. R. Clark Hall; essas "Observações Preliminares" foram reeditadas em *J. R. R. Tolkien: The Monsters and the Critics and Other Essays* [J. R. R. Tolkien: Os Monstros e os Críticos e Outros Ensaios], 1983. Também citei um trecho delas em *The Legend of Sigurd and Gudrún* [*A Lenda de Sigurd e Gudrún*], 2009.

Em 14 de janeiro de 1938 a BBC transmitiu uma breve palestra gravada por meu pai, intitulada "Anglo-Saxon Verse" ["Poesia Anglo-Saxã"]. Muita reflexão e muito trabalho lhe foram dedicados, conforme atesta a grande quantidade de rascunhos preliminares, porém aqui só é preciso dizer que sobre o mesmo tema houve também uma conferência, posterior e muito mais longa, dirigida a uma plateia que de fato estava presente. Estava claramente relacionada com a palestra radiofônica, mas era bem distinta. Neste livro creio que poderá ser interessante reproduzir alguns trechos, com um mínimo de edição, extraídos dessa conferência, muito diferente em escopo e modo, mas pertencente ao mesmo período das *Observações Preliminares*.

Como exemplo meu pai tomou os últimos versos do poema inglês antigo *The Battle of Brunanburh* [A Batalha de Brunanburh] e fez uma tradução aliterante. Posteriormente o texto da palestra foi muito emendado e vários trechos foram marcados para eliminação, talvez por questões de tempo. A data que consta do primeira verso, "1006 neste outono", isto é, 1943 como ano de composição, foi alterada primeiro para "1008" e depois para "1011 no outono passado"; provavelmente isso significa que ela foi repetida em outros lugares naqueles anos.

Jamais maior número
de homens antes de hoje tombou

pelas acres armas nesta ilha nossa,
abatidos em batalha, relatados nos livros
e antigos autores, desde a entrada pelo leste
de saxões e ingleses chegados do mar.
Pra assaltar a Grã-Bretanha trouxe-os a maré;
na bigorna da guerra deram golpes nos galeses
esses grandes que glória conseguiram outrora,
conquistando nesta terra duradoura morada.

Ne wearð wæl máre
on þýs églande æ´fre gýta
folces gefylled beforan þyssum
sweordes wecgum, þæs þe ús secgað béc,
ealde úþwitan, syððan éastan hider
Engle and Seaxe úp becómon
ofer brád brimu, Brytene sóhton,
wlance wígsmiþas Wéalas ofercómon,
eorlas árhwate eard begéaton.

No greater host
of folk hath fallen before this day
in this island ever by the edge of swords
in battle slaughtered, as books tell us
and ancient authors, since from the east hither
Saxon and English from the sea landed,
over the broad billows Britain assailing,
the Welsh smiting on war's anvil,
glory seeking great men of old,
in this land winning a lasting home.

Assim cantava um poeta da corte há 1.000 anos – 1.006 neste outono, para ser preciso: comemorando a grande Batalha de Brunanburh em 937 d.C. Foi uma batalha tão grandiosa que por muito tempo foi lembrada como *magnum bellum*. O vencedor foi Æthelstan, neto de Ælfred, um dos maiores monarcas da época. Seus inimigos eram uma aliança de reis e chefes nórdicos, escoceses e galeses. Esses versos são a conclusão de um breve poema (de 73 versos) que está embutido na chamada "Crônica Anglo-Saxã". Portanto, provêm do século X, o século dos grandes reis Æthelwulfing (ou seja, descendentes de Æthelwulf e seu filho Ælfred), quando os ingleses se recuperaram do tumulto do século IX. É do século X que recebemos a maior parte dos documentos, em prosa e verso, que sobreviveram à destruição dos tempos posteriores. O mundo mais antigo, antes das invasões nórdicas, estava em ruínas. Tudo o que nos restou daqueles tempos pregressos, a primeira época de florescimento da poesia inglesa, está preservado em cópias do século X – tudo a não ser alguns fragmentos bem pouco numerosos.

É nos registros do século V que aparece pela primeira vez a palavra "anglo-saxão". De fato, foi o rei Æthelstan quem, entre outros títulos, como *Bretwalda* e *Caesar*, primeiro se intitulou *Ongulsaxna cyning*, isto é, "Rei dos Anglo-Saxões". Mas ele *não* falava "anglo-saxão", pois jamais houve esse idioma. A língua do rei era então, assim como hoje, *Englisc*: inglês. Se vocês já ouviram dizer que Chaucer foi o "pai da poesia inglesa", esqueçam. A poesia inglesa não tem pai registrado, mesmo como arte escrita, e o princípio está além da nossa visão, nas névoas da antiguidade setentrional.

Falar da língua anglo-saxã, portanto, é errado e enganoso. Pode-se falar de um "período anglo-saxão" da história, antes de 1066. Mas não é um rótulo muito útil. Nunca houve nada parecido com um único período "anglo-saxão" uniforme. O *século V*, e a chegada dos ingleses à Grã-Bretanha, à qual o poeta de *Brunanburh* se referia no *século X*, era tão distante dele no tempo, e tão diferente dos seus dias em espécie, quanto as Guerras das Rosas são de nós.

Mas aí está: "o período anglo-saxão" abarca seis séculos. Durante essa longa era uma grande literatura vernácula (para falar apenas disso) – quero dizer uma "literatura" no sentido pleno, livros escritos por homens cultos e eruditos – surgiu, foi arruinada e, até certo ponto, voltou a reviver. O que resta hoje é apenas um fragmento roto de enorme riqueza. Mas, até onde se pode observar pelo que foi preservado, há uma característica comum a toda a poesia do período, antiga e tardia. É a antiga métrica e técnica de versificação inglesa. Ela é bem diferente

da métrica e dos métodos modernos, tanto quanto às regras como quanto aos objetivos. É frequentemente chamada de poesia "aliterante" – e num instante direi uma palavra a esse respeito. As medidas "aliterantes" foram usadas em todo o período anglo-saxão para *poesia em inglês*; e na poesia inglesa empregavam-se apenas versos "aliterantes". Porém, eles não deixaram de existir em 1066ª! Continuaram sendo usados durante pelo menos quatrocentos anos mais, no norte e no oeste. No tipo de versos destinados a livros (e portanto para pessoas instruídas, clérigos ou leigos), essa técnica "aliterante" era elaborada e altamente refinada. Era utilizada porque era admirada e apreciada pelas pessoas cultas, e não simplesmente porque os pobres "saxões" não conheciam nada diferente, pois na verdade conheciam. Os ingleses daqueles dias interessavam-se por poesia e frequentemente eram metricistas muito hábeis; e, ao escrever em latim, sabiam usar muitas métricas clássicas ou compor com o que chamamos de "rima".

Ora, essa métrica "aliterante" tem grandes virtudes próprias. Quero dizer que é digna de estudo pelos poetas atuais, como técnica. Mas também é interessante por ser uma arte nativa independente dos modelos clássicos (ou seja, como métrica, não estou falando de conteúdo; os antigos poetas ingleses daqueles dias frequentemente usavam versos aliterantes para conteúdos que tinham retirado de livros gregos e latinos). Já era antiga nos dias de Alfred. De fato, descende de uma época anterior à chegada dos ingleses à Grã-Bretanha e é quase idêntica à métrica empregada nos mais antigos poemas nórdicos (noruegueses e islandeses). Um grande conjunto de versos orais, tratando dos dias antigos nas terras do norte, era conhecido pelos menestréis da Inglaterra, apesar de ter sobrevivido pouca coisa além de um longo catálogo em versos [*Widsith*] dos temas das canções heroicas e legendárias: uma lista de reis e heróis hoje esquecidos ou quase esquecidos.

Levaria uma ou duas horas para explicar corretamente a métrica inglesa antiga e mostrar como funciona, que tipos de coisas consegue ou não consegue fazer. Em essência, consiste em tomar meia dúzia de padrões frasais mais usuais e mais compactos da língua comum que tenham dois elementos ou acentos principais – por exemplo (versos da tradução do trecho da *Batalha de Brunanburh*):

A *glóry séeking*

B *by the édge of swórds*

C *from the séa lánded*

E *gréat men of óld*

[acrescentado depois: D *bríght árchàngels*]

Dois deles, geralmente diferentes, são equilibrados entre si para compor um verso pleno. São interligados ou aderidos por algo que, comum mas erradamente, chamamos de "aliteração". Não é "aliteração" porque não depende de letras nem de grafia, mas de sons: é na verdade uma espécie de breve rima, rima inicial.

A sílaba principal – a mais intensa (mais acentuada), de tom mais alto e mais significativa – de cada metade deve começar pela mesma consoante, ou concordar por começar em vogal (isto é, sem consoante).

Assim in **b**attle slaughtered as **b**ooks tell us

ou **g**lory seeking **g**reat men of old

ou **a**ncient **au**thors since from the **ea**st hither

No último exemplo há *duas* rimas iniciais ou "escoras" no primeiro hemistíquio[b]. Isso acontece com frequência, mas não é obrigatório. No segundo hemistíquio, *duas* não são permitidas. A *primeira* sílaba importante, e somente ela, deve "sustentar a rima". Isso tem consequências importantes. Significa que as frases sempre têm de ser dispostas de modo que a palavra mais importante venha em primeiro lugar no segundo hemistíquio. Assim, ocorre sempre um decréscimo de força, intensidade sonora e significado no final de um verso inglês antigo, e então, no início, a mola volta a ser tensionada.

Muito frequentemente o começo de um novo verso repete o final do anterior, ou produz alguma variação dele:

as books tell us // ancient authors

from the sea landed // over the broad billows

Assim, toda a poesia em inglês antigo é rica em paralelismos e variantes verbais.

Mas é claro que na poesia em inglês antigo havia muita coisa além dos meros padrões sonoros. Havia vocabulário e dicção. Eram "poéticos". Já nos mais

antigos exemplares sobreviventes de poemas ingleses escritos encontramos um rico vocabulário de palavras poéticas – e então, assim como agora, elas eram em larga medida *arcaísmos*, palavras e formas antigas que haviam saído do uso diário em alguns sentidos, ou completamente, mas tinham sido preservadas pela tradição poética.

Kennings. Expressões poéticas "enigmáticas", às vezes chamadas de *kennings* (palavra islandesa que significa "descrições"), são uma característica destacada da dicção dos versos em inglês antigo, especialmente em poemas mais elaborados, e constituem uma de suas principais armas poéticas. Assim, o poeta poderia dizer *bán-hús* "casa dos ossos" querendo dizer "corpo"; mas também pretendia que pensássemos (contudo, quase com a rapidez de um raio) numa casa em construção, com armação e vigas de madeira, e entre elas o barro compactado e moldado ao estilo antigo, e depois enxergássemos o paralelismo disso com o esqueleto e a carne. Poderia dizer *beado-léoma* "chama da batalha" querendo dizer "espada" – uma lâmina reluzente sacada ao sol com súbito lampejo; e similarmente *merehengest* "corcel do mar" por "navio"; *ganotes bæð* "o lugar do banho do ganso-patola" por "mar". O poeta do inglês antigo gostava de imagens, porém as valorizava tanto mais quanto mais fossem súbitas, duras e compactas. Não desenrolava analogias. Era preciso ficar atento e alerta para captar tudo o que ele via e queria dizer.

No poema da Crônica da Batalha de Brunnanburh, o poeta fala de *wlance wígsmiþas* que derrotam os galeses – literalmente "esplêndidos ferreiros da guerra". Se quisermos, poderemos dizer que "ferreiro da guerra" é "simplesmente um *kenning* em verso" para "guerreiro": assim é na mera lógica e sintaxe. Mas essa expressão foi criada e usada para significar "guerreiro" e ao mesmo tempo proporcionar uma imagem sonora e uma imagem ocular da batalha. Nós a entendemos mal porque nenhum de nós viu ou ouviu uma batalha com armas de aço ou ferro empunhadas por mãos, e hoje em dia há pouca gente que já viu um ferreiro à moda antiga martelando o ferro numa bigorna. O estrépito dessa batalha podia ser ouvido a grande distância: era como um grande número de homens martelando barras de metal e golpeando barris com aros de ferro, ou – muito parecido, para quem já ouviu (e naquela época todos já tinham ouvido), um ferreiro moldando um arado ou forjando elos de corrente; mas não um só ferreiro, e sim centenas, todos competindo entre si. E também, visto mais de perto, o erguer e cair das espadas e dos machados lembrava ferreiros balançando martelos.

Não tenho mais tempo para explicar os métodos de versificação do inglês antigo. Mas vocês verão que têm algum interesse. E a tentativa de traduzi-los não é um mau exercício para treinar a plena apreciação das palavras – algo em que hoje em dia quase todos são perigosamente relaxados, apesar de na verdade ser impossível. Agora nossa linguagem tornou-se rápida (nas sílabas) e pode ser muito flexível e ágil, mas quanto ao som é bem tênue e, quanto ao sentido, frequentemente difusa e vaga. A linguagem de nossos antepassados, especialmente em verso, era lenta, não muito ágil, porém muito sonora e intensamente compacta e concentrada – ou podia ser, em se tratando de um bom poeta.

Anexos a esta conferência há quatro trechos das obras "aliterantes" de meu pai. O primeiro é *Winter Comes to Nargothrond* [O Inverno Chega a Nargothrond] em sua terceira versão, quase exatamente como em *The Lays of Beleriand* [As Baladas de Beleriand] (1985), p. 129. O segundo é um trecho da *Lay of the Children of Húrin* [*Balada dos Filhos de Húrin*] aliterante, *ibid.*, versos 1554-70, com muitas diferenças menores (uma versão bastante desenvolvida está publicada em *The Lays of Beleriand*, pp. 129-30).

Muito notavelmente, o terceiro e o quarto extratos são retirados de *The Fall of Arthur* [A Queda de Artur]. O primeiro deles, tal como foi escrito à tinta, consiste em III.1-10 (*No sul, passando* [...]), divergindo apenas em detalhes da pontuação; mais tarde meu pai acrescentou a lápis os quatro versos seguintes, até *Dark slowly fell* [A treva se estende] (que marcou com "D"), e escreveu à margem do extrato *Estilo Descritivo*.

O segundo extrato de *A Queda de Artur* se estende de I.183 até 211 e concorda exatamente com o texto dado neste livro, exceto pelo fato de o verso I.200 *and tarnished shields of truant lieges* [e escudos riscados de cábulas vassalos] ser omitido, e de haver uma leitura diferente no verso 207, *upon mortal earth* [sobre a terra mortal] por *under moon and sun* [sob o amplo céu]. Uma característica notável deste texto é que ao lado de cada verso meu pai escreveu as letras relevantes, referindo-se aos padrões de elementos fortes e fracos ("altas" e "baixas") de cada hemistíquio (ver ACIMA).

Arthur speaks:

B C Now for Lancelot I long sorely
B B and we miss now most the mighty swords

C A of Ban's kindred. Best meseemeth
E A swift word to send, service craving
B C to their lord of old. To this leagued treason
B A we must power oppose, proud returning
B A with matchless might Mordred to humble.
A A Gawain answered grave and slowly:
A C Best meseemeth that Ban's kindred
+A C abide in Benwick and this black treason
A B favour nor further. Yet I fear the worse:
B C thou wilt find thy friends as foes meet thee.
B C If Lancelot hath loyal purpose
+A B let him prove repentance, his pride foregoing,
C C uncalled coming when his king needeth.
+A A But fainer with fewer faithful-hearted
C B would I dare danger, than with doubtful swords
B C our muster swell. Why more need we?
B B Though thou legions levy through the lands of Earth,
A C fay or mortal, from the Forest's margin
+A A to the Isle of Avalon, armies countless,
A A never and nowhere knights more puissant,
A C nobler chivalry of renown fairer,
A B mightier manhood upon mortal earth
B C shall be gathered again till graves open.
+A B Here free, unfaded, is the flower of time
+A B that men shall remember through the mist of years
B C as a golden summer in the grey winter.

Veja-se que não há hemistíquios D, e apenas um E, neste extrato. O símbolo +A é usado aqui para indicar uma baixa prefixada ou "anacruse" antes da primeira alta em hemistíquios A. Nos versos 202 *Though thou legions levy* [Se juntares tropas] e 211 as a golden summer [qual verão dourado], ambos marcados com

B, as palavras *levy* e *summer* constituem “altas quebradas”, nas quais, em vez de uma sílaba longa acentuada, há uma breve acentuada seguida por uma átona.

Este extrato traz uma designação do estilo do trecho, que mal pode ser lida, mas poderia ser interpretada como “Dramático e retórico”.

*

[a] O ano da invasão normanda da Grã-Bretanha. (N. do T.)

[b] Meio verso. (N. do T.)

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título
THE FALL OF ARTUR
por HarperCollins Publishers Ltd
Copyright © The Tolkien Trust 2013 para todos os textos e materiais de J. R. R. Tolkien, exceto para aqueles provenientes de The Homecoming of Beorhtnoth Beorhthem's Son © The J. R. R. Tolkien Estate Limited 1953,1966, Sir Gawain and the Green Knight, Pearl and Sir Orfeo © The J. R. R. Tolkien Copyrigth Trust 1975, The Letters of J. R. R. Tolkien © The J. R. R. Tolkien Copyright Trust 1981, The Book of Lost Tales Part two © The J. R. R. Tolkien Estate Limited and C.R. Tolkien 1983, The Book of Lost Tales Part Two
© The J. R. R. Tolkien Estate Limited and C. R. Tolkien 1984, The Lays of Beleriand © The J. R. R. Tolkien Copyright Trust and C. R. Tolkien 1985, The Shaping of Middle-earth © The J. R. R. Tolkien Copyright Trust and C. R. Tolkien 1986, the Lost Road and Other Writing © The J. R. R. Tolkien Copyright Trust and C.R. Tolkien 1987 and The Legend of Sigurd and Gudrún © C. R. Tolkien 2009.

Introdução, comentários e outros materiais © C. R. Tolkien 2013

Citações de The Development of Arthurian Romance © R. S. Loomis 1963
Citações de The Genesis of a Medieval Book by R. W. Chambers published in Studies in Medieval and Renaissance Literature © Cambridge University Press 1966,1998
Citações de The Woks of Sir Thomas Malory © Eugène Vinaver 1947, 1971

Copyright © 2013, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição *2013*

Tradução
Ronald Eduard Kyrmse
Revisão da tradução do texto em prosa
Monica Stahel
Acompanhamento editorial
Luzia Aparecida dos Santos

Preparação do original
Luzia Aparecida dos Santos

Revisões gráficas
Renato da Rocha Carlos
Marisa Rosa Teixeira

Edição de arte
Katia Harumi Terasaka

Produção gráfica
Geraldo Alves

Paginação
Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Arquivo ePub
Simplíssimo Livros

Edição eletrônica: outubro 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tolkien, J. R. R., 1892-1973.

A queda de Artur [livro eletrônico] / de J. R. R. Tolkien ; editado por Christopher Tolkien ; tradução Ronald Eduard Kyrmse. -- São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.
5,10 Mb ; ePUB

Título original: The fall of Arthur.
ISBN 978-85-7827-742-0

1. Artur, Rei - Poesia 2. Poesia inglesa I. Tolkien, Christopher. II. Título.

13-09963 CDD-821.4

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura inglesa 821.4

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042
e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br